

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Marquesa de Alorna

OBRAS POÉTICAS

Vanda Anastácio
INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA

*Eu cantarei um dia da tristeza
Por uns termos tão ternos e saudosos,
Que deixem aos alegres invejosos
De chorarem o mal que lhes não pesa.*

OBRAS POETICAS

DE
D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA.

CONDessa D'ASSUMAR, E D'OEYNSHAUSEN.

COMMECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO TITULO

DE

A L C E P P E .

TOMO I



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

OBRAS POÉTICAS

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Marquesa de Alorna

OBRAS POÉTICAS

Vanda Anastácio
INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM-Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

**Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2015, Imprensa Nacional-Casa da Moeda**

**As obras da BFLP observam
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**

Apoio à coordenação
Valéria Cavalheiro

Publicado em agosto de 2015
Depósito legal
387 805/15
ISBN
978-972-27-2362-6
Edição n.º
1020441

Nota prévia

Carlos Reis

No texto que escreveu para a introdução desta seleção da poesia da marquesa de Alorna, Vanda Anastácio começa por formular uma pergunta: «até que ponto é possível ler no século XXI, com prazer, paixão e proveito, a poesia produzida no século XVIII?» A interrogação faz sentido a mais do que um título e remete para a pertinência da inclusão deste conjunto de textos da marquesa de Alorna na «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa» e para os propósitos desta série.

Com efeito, o que se pretende com esta coleção é também renovar, no século XXI, as razões que justificam a leitura ou a releitura de autores pouco representados nos escaparates das nossas livrarias. A fortuna editorial da marquesa de Alorna condicionou, em boa parte, aquela sub-representação. Tendo conhecido no seu tempo uma circulação restrita, a poesia da marquesa de Alorna só postumamente (em 1844) foi publicada; depois disso, escassas vezes os seus textos viram a luz do dia, o que aconteceu graças ao labor de Hernâni Cidade e, mais recentemente, como resultado do competente estudo que à autora tem sido consagrado por Vanda Anastácio.

E contudo, estamos aqui perante uma personalidade de considerável relevância, na passagem do século XVIII para o

século XIX, período muito fértil em mutações culturais, em inovações estéticas e em incidentes sociais de variadas consequências e motivações ideológicas. A marquesa de Alorna conheceu desde muito cedo tais incidentes, em termos que seguramente interferiram na forma, ao princípio semiclandestina, como a sua presença se foi afirmando na nossa cena cultural. Tendo conhecido a reclusão forçada (por quase duas décadas) e mais tarde o exílio, esta mulher, que muito escreveu, traduziu, viajou, conheceu e dialogou com importantes personalidades do seu tempo, soube interagir com ele e com alguns dos seus protagonistas de forma muito fecunda; para além disso, coube-lhe, de certa maneira, passar o testemunho de uma atividade cultural intensa a quem depois dela veio. A isso mesmo referiram-se Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho e Camilo Castelo Branco, reconhecendo todos eles na marquesa de Alorna a dimensão de uma figura marcante, dessas que enquanto viveram foram objeto de um destaque que a posteridade tardou em reconhecer.

Tem isto a ver com o modo como, nessa época de mudança, se *fazia poesia*. Entendida como prática de sociabilidade no sentido relativamente preciso em que o poeta desenvolvia uma certa consciência grupal — era o tempo das arcádias e a marquesa ajudou a que assim fosse —, o debate, a referência a modelos estabelecidos, a amena disputa literária e a troca de experiências poéticas com os confrades constituíam momentos importantes desse *fazer poesia*. Acontecia assim também nos *outeiros*, ao que se sucedeu, em vida da marquesa de Alorna, a atmosfera dos salões românticos, espaços em que a leitura, o canto, a confabulação política e os jogos de sedução se mesclavam com harmonia.

De tudo isso e do mais que agora não pode ser referido, dá-se conta na introdução desta coletânea, completada pela minuciosa nota biobibliográfica que a acompanha e pelas anotações que ajudam a ler textos que, de facto, são já de outro tempo. Neste tempo que é o nosso e nesta «Biblioteca Fundamental da

Literatura Portuguesa» vale a pena, todavia, reencontrar a finura, a cultura e a elegância literária da marquesa de Alorna.

Introdução*

Vanda Anastácio

Até que ponto é possível ler no século XXI, com prazer, paixão e proveito, a poesia produzida no século XVIII? Ou, para colocar a pergunta em termos mais concretos e mais relacionados com o objeto que aqui nos ocupa, que interesse pode ter para o leitor dos nossos dias a poesia da marquesa de Alorna?

A interrogação é pertinente se tivermos em conta a distância temporal que nos separa da época em que D. Leonor de Almeida viveu. Faz ainda mais sentido se tivermos em conta o modo como mudaram, desde então, quer os modos de conceber, escrever e difundir a poesia quer o papel que lhe é atribuído pela sociedade. E, contudo, é preciso que se diga que, apesar das marcas de época que os textos desta autora carregam consigo, se trata de obras modernas em muitos aspetos, não só pela independência de espírito que revelam mas, também, pelo facto de se debruçarem sobre questões que são inerentes à condição

* A autora não concorda com o Acordo Ortográfico de 1990, tendo-se manifestado publicamente contra a sua implementação, em sede própria. Pessoalmente não o aplica. No entanto, tendo em conta a política adotada pela INCM e o compromisso assumido com a coleção «Biblioteca Fundamental de Literatura Portuguesa», vê-se constrangida a aceitar que os seus textos e os da 4.ª marquesa de Alorna sejam publicados segundo a ortografia proposta por esse Acordo.

humana: a morte e o prazer, o sofrimento e a felicidade, a justiça e o fanatismo, a liberdade e a opressão, o conhecimento de Deus e a busca de um sentido para a existência.

Nesta ordem de ideias, para entender a obra poética da marquesa e para conseguir desfrutar da leitura dos seus versos, o leitor de hoje deverá dispor-se a empreender uma espécie de viagem mental até ao Portugal do Século das Luzes, situar os elementos mais datados dos seus versos no tempo longo da História e deixar-se tocar por esses outros aspetos que não perderam atualidade.

1. Poética e poesia

Uma das características da obra de D. Leonor de Almeida Portugal, para quem o poeta Filinto Elísio forjou o pseudónimo de Alcipe, é a multiplicidade de subgéneros poéticos que apresenta. A edição póstuma das suas obras completas, publicada em 1844¹, inclui formas tão variadas como o Soneto, a Cantiga de Mote e Glosa, a Écloga e o Idílio, a Canção, a Ode, a Elegia, a Epístola, o Hino, o Epicédio, a Cantata, as Cantigas em redondilha, o Madrigal ou o Epitáfio, para além da paráfrase de salmos bíblicos e de cânticos religiosos. Esta variedade, que poderá, porventura, causar estranheza a quem se acostumou à leitura da poesia produzida nos finais do século xx e inícios do século XXI, não é uma característica específica da prática de D. Leonor de Almeida, mas sim o reflexo do modo como a literatura era encarada ao tempo: como um universo organizado em géneros, vistos como unidades autónomas e coerentes, regidas por normas (de carácter formal, mas também temático e estilístico) que os tornam reconhecíveis porque os delimitam. Um olhar atento sobre os poetas portugueses do mesmo período,

1 [ALORNA, Marquesa de], *Obras poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, marquezã d'Alorna, condessa d'Assumar, e d'Oeynhausen, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe*, 6 vols., Lisboa, na Imprensa Nacional, 1844.

de Correia Garção a Bocage, permite verificar que se trata de um traço comum aos escritores da época.

Esta diversidade genérica recorda-nos que a prática da poesia era, então, o resultado de uma aprendizagem relativamente árdua, que pressupunha o conhecimento de regras de versificação, de um mínimo de elementos de retórica e de alguns princípios teóricos sobre os subgéneros praticados. Na segunda metade do século XVIII, numa época em que a cultura da Antiguidade voltara a estar em voga, e o gosto dominante era o neoclássico, os tratados de arte poética mais divulgados em Portugal eram os de Aristóteles (em tradução francesa), a *Epístola aos Pisões* de Horácio, cuja tradução para português, da autoria de Cândido Lusitano foi impressa pela primeira vez em 1748², a *Art Poétique* de Boileau, que circulava impressa desde 1674 e era facilmente legível no original pela elite culta, mas cuja tradução, feita pelo conde da Ericeira, circulava em manuscrito desde 1697³, para além da *Arte poética ou regras da verdadeira poesia em geral e de todas as suas espécies principais*, do mesmo Cândido Lusitano, publicada em 1748 e reeditada em 1759 com uma dedicatória a Sebastião José de Carvalho e Melo. Sabemos, pela correspondência conservada, que D. Leonor de Almeida leu estas obras na juventude, bem como a *Poétique françoise*, de Jean-François Marmontel, publicada 1763⁴, menos lida pelos poetas portugueses⁵. Ainda durante o período em

2 Francisco José Freire, *Arte poética ou regras da verdadeira poesia em geral e de todas as suas espécies principais*, Lisboa, na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1748. Foram feitas reedições em 1758, em 1778 e em 1784. Mais tarde, durante o exílio em Inglaterra, D. Leonor de Almeida Portugal publicará uma tradução em verso desta obra para português, em Londres, em 1812.

3 Esta tradução foi publicada pela primeira vez em 1793 nas páginas do *Almanak das Musas Offerecido ao Genio Portuguez*, Parte II, Lisboa, Officina de Filipe José de França, 1793, pp. lxxxix-cxxxvii. A data que aqui se atribui à tradução é a que foi sugerida por Ofélia Paiva Monteiro em 1963, com base no passo de uma carta escrita por Boileau a Brossette, em 10 de julho de 1701, na qual afirma que o conde da Ericeira lhe havia enviado uma cópia da sua versão quatro anos antes. V. Ofélia Paiva Monteiro, *No Alvorecer do «luminismo» em Portugal. D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira*, separata da *Revista de História Literária de Portugal*, vol. 1, Coimbra, Coimbra Editora, 1963, p. 28, n. 1.

4 Marmontel, Jean-François, *Poétique françoise*, Paris, Chez Lesclapart, 1763.

5 V. o estudo de Teresa Sousa de Almeida, «Lília e Tirse» in.: Vanda Anastácio (org.), *Cartas de Lília e Tirse* (com estudos introdutórios de Teresa Sousa de Almeida, Vanda

que viveu encerrada no mosteiro de Chelas, conheceu a tradução francesa das poéticas de Aristóteles, Horácio, Girolamo Vida e Boileau, reunidas pelo Abbé Batteux num único volume publicado em Paris, em 1771⁶. D. Leonor viria a publicar, em 1812, uma tradução em verso de *An Essay on Criticism*, de Pope (editado pela primeira vez em 1711), mas não sabemos ao certo quando terá tomado contacto com este texto pela primeira vez.

Até que ponto são visíveis nas composições poéticas de Alcipe as marcas dessas leituras?

Para responder a esta questão é preciso ter presente que quer as poéticas da Antiguidade quer aquelas que posteriormente se inspiraram nelas se preocuparam sobretudo em codificar a épica e o drama, pouco se debruçando sobre os subgéneros líricos. Os poetas do período moderno ultrapassaram essa «falta», chamemos-lhe assim, recorrendo ao conceito de *imitação* como princípio gerador de regras para a poesia lírica. Assim, mais do que por preceitos teóricos entendidos como leis a respeitar, a poesia regeu-se por uma tradição, constituída por textos selecionados de autores greco-latinos e pelas suas imitações e adaptações às línguas vulgares. Ao longo do tempo, entre o Renascimento e o Século das Luzes, essa tradição continuou a ser reconfigurada e a incluir obras de autores mais recentes, a par das dos *bons autores* imitados em épocas anteriores.

Não é, pois, surpreendente que a leitura atenta dos poemas de D. Leonor revele que, apesar de ter conhecido os preceptistas do seu tempo, nem sempre seguiu os seus ditames: preferiu a imitação dos autores antigos, dos poetas portugueses do Renascimento ditos «clássicos» — com destaque para Camões — e, ainda, de poetas e poetisas contemporâneos, portugueses, franceses, italianos ingleses e alemães. A nível estilístico, podemos

Anastácio e Raquel Bello Vazquez; anotação de Teresa Almeida, Vanda Anastácio, Manuella Delille, João Almeida Flor, Tiago Miranda, Raquel Bello Vazquez, Nuno Monteiro), Lisboa, Colibri, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2007. pp. XXV-XXXIX.

6 Batteux, *Les quatre poétiques: d'Aristote, d'Horace, de Vida, de Despréaux*, Paris, Michel Lambert, 1771.

dizer que confluem nos textos de D. Leonor de Almeida práticas herdadas da visão reformadora dos poetas da *Arcádia Lusitana* (1756) — como o verso solto, o uso alegórico e ornamental da mitologia clássica, a ode não rimada, o gosto pela poesia bucólica e pelos subgéneros poéticos herdados da Antiguidade —, com opções formais mais antigas, que voltaram a estar em voga nos finais do século XVIII e foram muito usadas pelos poetas da *Academia de Belas Letras* (1789), como a glosa, o improviso em estrofes de redondilha e as quadras de rima abcb, idênticas às utilizadas nas modinhas e lunduns popularizados por Domingos Caldas Barbosa (1738?-1800). Sublinhe-se que D. Leonor foi uma leitora atenta de poesia, e que algumas das escolhas estilísticas e formais que encontramos nos seus textos resultam de tentativas mais ou menos conscientes de reutilizar soluções aprendidas nessas leituras.

2. A poesia de Alcipe

Até muito recentemente, o leitor que procurasse informações sobre a poesia produzida no século XVIII encontraria, no discurso dos historiadores da literatura, uma imagem negativa. A partir das primeiras décadas do século XIX, quando o critério de valorização das produções culturais passou a basear-se na ideia de originalidade e na apreciação da expressão da personalidade individual, a posteridade passou a ter grandes dificuldades em entender a poesia da época de setecentos, regida por parâmetros muito diversos. De facto, para além de assentar no conceito de imitação, que pode ser visto, até certo ponto, como o oposto da ideia moderna de «originalidade», a produção lírica desse período, mesmo quando dá expressão a sentimentos íntimos e a experiências individuais, tem em vista uma intervenção mais ou menos direta na ordem social. Grande parte das composições dessa época nasceu do improviso, foi pensada para a *performance* oral, e pretendia não só ter uma função pedagógica mas, também, ser instrumento de difusão de valores civilizacionais.

Esta incompreensão e esta diferença são algumas das razões que explicam a escassez de edições recentes das obras de autores setecentistas e o esquecimento a que estes foram votados e, desse ponto de vista, D. Leonor de Almeida Portugal não constitui exceção. A sua obra completa em verso teve uma única edição promovida por suas filhas em 1844. Em 1960 Hernâni Cidade publicou uma antologia da lírica⁷ e em 2008 foi publicada no Rio de Janeiro uma edição crítica anotada dos sonetos⁸. De facto, apesar de os contemporâneos terem falado dela e dos seus textos em termos entusiásticos, a sua poesia é hoje quase desconhecida. Como procurámos provar noutra parte, o facto de ser mulher contribuiu para esse desconhecimento, pois funcionou para os historiadores dos séculos XIX e XX como um filtro negativo aplicado à leitura da sua produção, que os levou a menosprezar o impacto que teve na época e a influência exercida por Alcipe através das redes de intelectuais em que participou e nos grupos por onde circulou⁹.

D. Leonor de Almeida afirmou durante toda a vida que começou a escrever na juventude com a intenção de distrair a mãe e de consolar o pai durante os 18 anos em que a família esteve separada, com a mãe e as filhas encerradas no convento de Chelas e o pai prisioneiro no forte da Junqueira (o poema datado mais antigo que dela conhecemos refere a idade de 15 anos). Em cartas e apontamentos enviados nos anos da maturidade à sobrinha¹⁰ e às filhas — que a incitavam a imprimir

7 V., *marquesa de Alorna, Poesias* [edição com fixação do texto, prefácio e notas de Hernâni Cidade], Lisboa, Sá da Costa, 1960. Anteriormente Hernâni Cidade havia publicado uma antologia de cartas e textos em prosa: *marquesa de Alorna, Inéditos, Cartas e Outros Escritos* [edição com fixação do texto, prefácio e notas de Hernâni Cidade], Lisboa, Sá da Costa, 1941.

8 Vanda Anastácio, *Sonetos da Marquesa de Alorna*, Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2008.

9 Vanda Anastácio, «Mulheres varonis e interesses domésticos (Reflexões acerca do discurso produzido pela História Literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX)», *Cartographies. Mélanges offerts à Maria Alzira Seixo*, Lisboa, 2005, pp. 537-556.

10 Referimo-nos a D. Leonor da Câmara, filha da irmã de Alcipe, D. Maria Rita de Almeida Portugal, 6.ª condessa da Ribeira (1752-1786). Marquês d'Ávila e Bolama, *A Marquesa d'Alorna. Algumas notícias authenticas para a historia da muito*

os seus escritos —, a autora insistia em que, mesmo depois de ter saído do convento, nunca escrevera para publicar, mas apenas para aliviar as dores que a vida lhe trouxera. Este parece ser o sentido da sua escolha, para epígrafe das suas obras, de um verso dos *Tristes* de Ovídio: *Carminibus quaero miserarum obliuia rerum*¹¹ («Procuro nos meus poemas um esquecimento para os meus desgostos.»)

Estas afirmações devem, contudo, ser matizadas, de acordo com as opiniões expressas por Alcipe noutras cartas, nas apreciações que fez de poemas dos seus pares, e até nos textos em que procura explicar a sua dedicação à poesia aos numerosos contemporâneos que consideravam tratar-se de uma atividade imprópria dos indivíduos do sexo feminino. A partir dessas justificações, fica claro que a marquesa de Alorna encarava a poesia como uma atividade *útil*, de alcance *moral*, capaz de *deleitar*, de *instruir* e até de *comover* os seus leitores, edificando-os. Fica também claro que D. Leonor de Almeida usou a poesia como uma forma de discurso total, cuja plasticidade lhe permitia dizer tudo, das dores e alegrias pessoais e particulares, às especulações filosóficas, ao entusiasmo pelas novas descobertas da ciência, às indagações espirituais de índole religiosa e escatológica.

Note-se que as composições conservadas correspondem a um amplo período de tempo, abrangendo quer os versos escritos na adolescência e juventude quer os da maturidade. Essa amplitude temporal deve ser tida em conta, pois permite perceber o modo como D. Leonor vai alterando e reconfigurando as suas práticas de escrita ao longo do tempo. Por exemplo, as alusões à mitologia e o interesse pela poesia bucólica (manifestado na frequência com que compõe Idílios e Éclogas) são muito mais visíveis nos poemas de juventude do que nos que foram compostos mais tarde. O mesmo pode dizer-se da frequência com que são evo-

eminente escriptora que os poetas seus contemporâneos denominaram Alcipe, Lisboa, Imprensa de Manuel Lucas Torres, 1916.

11 Ovídio, *Tristes*, V, 7, 67. Tradução para português de Inês de Ornellas e Castro, a quem aqui publicamente agradecemos.

cados nos poemas de Alcipe a tragédia da separação familiar, a saudade do pai e do tempo anterior à prisão deste, a angústia do encerramento, a claustrofobia, os anseios de liberdade e as evocações imaginárias de *locus amoenus*, contrastados com as representações do vale de Chelas e do mosteiro em que se encontrava como lugares de horror.

Ainda assim há grandes temas que atravessam toda a obra, mesmo quando variam a sua formulação e o modo de os trabalhar. É o caso da recusa do *Despotismo* e do *Fanatismo*, duas palavras muito usadas na época para referir aquilo a que chamaríamos hoje o totalitarismo e a intolerância religiosa. Ao longo de toda a vida D. Leonor empunhará a pena para defender em verso a liberdade de pensamento, o livre arbítrio em matéria religiosa, a liberdade de ação coletiva, a independência individual e o direito de soberania dos povos. É nesta constelação temática que podemos incluir a preocupação recorrente com a defesa da dignidade das mulheres, da sua força moral, capacidades intelectuais e predisposição para a virtude. Encontramo-la subjacente às reflexões mais diversas, dos protestos de inocência no emprego da mitologia com valor alegórico nas composições poéticas (observável na *Epístola a Alceste*, por exemplo), à denúncia da facilidade com que as mulheres são condenadas pela sociedade com base em julgamentos infundados, cujo exemplo mais ilustrativo é, sem dúvida, a *Epístola de Isabel Clesse a seu pai*. A preocupação de D. Leonor de Almeida com a utilidade do saber e o alcance moral do conhecimento é visível nos textos em que se debruça sobre a escrita de outras poetisas, exortando-as ao estudo (como no poema *Recreações Botânicas*), a privilegiar a razão e a reflexão sobre a emoção (na *Epístola a Natércia*, por exemplo), ou desvalorizando a temática amorosa como assunto da poesia (como no caso do soneto intitulado *A Uma Senhora que principiava a fazer versos e me pediu os meus fracos conselhos*).

Este último aspeto merece a nossa atenção, uma vez que, ao contrário do que se verifica na poesia dos seus contem-

porâneos, na lírica da marquesa de Alorna são relativamente pouco frequentes os textos que têm como tema central quer o sentimento amoroso, quer os seus efeitos nos estados de alma do sujeito de escrita. Sabemos, a partir da correspondência conservada do período de Chelas, que seu pai a aconselhou a evitar escrever sobre esse assunto, dizendo-lhe taxativamente: «toma bem sentido no que compuseres, e cuida muito em que de amor, nem pró nem contra, haja nada»¹². O facto de a autora ter evitado ou, pelo menos, relegado para um plano secundário (e para géneros considerados menores, como as cantigas em redondilha) a temática amorosa, poderia explicar-se, assim, pela obediência e respeito pela autoridade paterna, que se teria prolongado no tempo. Mas a atitude geral de D. Leonor de Almeida perante as recomendações dadas por seu pai acerca da sua poesia está longe de se pautar pela aceitação, o que nos leva a duvidar dessa explicação. Para entender esta escolha, parece mais produtivo ter em conta a categoria de «género», ou seja, lembrar que, como mulher, teve que ultrapassar determinados condicionalismos para conseguir garantir para si um lugar de relativo prestígio no campo literário do seu tempo, e que o tratamento de assuntos considerados menos recatados poderia manchar a imagem de mulher virtuosa que quis projetar de si mesma, desde muito cedo.

Diga-se, no entanto, que a preocupação com a virtude e com o valor moral do que escreve não constituiu, no caso da obra da marquesa de Alorna, uma questão superficial ou apenas associada ao desejo de manter publicamente uma determinada reputação. Os seus versos dão testemunho, pelo contrário, de que se trata de uma preocupação genuína, fundada numa visão cristã do mundo e da existência, que a autora tenta conjugar, a cada momento, com o que vai aprendendo. É assim que encontramos na obra de Alcipe, lado a lado, as manifestações

12 Carta autografa conservada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra n.º 298. Citamos a partir da transcrição provisória generosamente cedida pelo Professor Aníbal Pinto de Castro.

do mais vivo entusiasmo pelas recentes descobertas da Botânica e da Física, e os protestos de amor a Deus e de confiança na Providência Divina, numa atitude de conciliação entre a visão religiosa do mundo herdada do Catolicismo e as correntes filosóficas das Luzes (de que a *epístola a Godefredo* é um exemplo ilustrativo).

Em suma, apesar da escassez de poemas de temática amorosa e da opinião de autores que, como Hernâni Cidade, desvalorizaram a poesia de D. Leonor com base, precisamente, no que consideraram ser uma exagerada contenção emotiva e uma submissão ao aspeto «técnico» da prática poética¹³, a verdade é que em quase todas as suas composições predomina o tom confessional e a encenação dos afetos que escapam ou resistem ao controle regulador da razão. É nesta linha de pensamento que devem ser situados, segundo cremos, os autorretratos pungentes em que o sujeito de escrita se representa como um ser perseguido pela desgraça, as descrições da natureza em termos melancólicos ou tenebrosos, o comprazimento na celebração ou encenação da morte, da noite, da doença, da dor e das lágrimas, tão frequentes na obra poética de Alcipe que lhe valeram o ser classificada como poetisa *pré-romântica* nos anos 60 do século xx.

3. Poesia e sociabilidade

Alcipe apenas publicou em vida uma pequena parte das suas obras, um facto que se deveu, como ficou dito acima, a uma decisão consciente e reiterada, que podemos ver expressa na sua correspondência e é evocada pelas filhas Frederica e Henriqueta em nota incluída na edição póstuma¹⁴. Mas não

13 Hernâni Cidade afirma, com efeito, no «Prefácio da 1.ª edição» da antologia da marquesa de Alorna, *Poesias*, Lisboa, Sá da Costa, 1960, p. XLVII: «Quanto aos seus méritos de artista, cumpre dizer que a impressão de facilidade na modelação da frase em estruturas rítmicas e na aplicação dos ornatos mitológicos, como na assimilação do estilo dos poetas nórdicos, da expressão naturalista e da ressonância sentimental, não iludam sobre o valor intrínseco da emotividade poética. Técnica não é poesia.»

14 V. a seguinte nota, que figura na p. 118 do I volume da edição de 1844: «No resto desta égloga encontram-se alguns versos menos correctos, porque a auctora não

deixou ficar tudo inédito, tendo publicado cinco traduções entre 1814 e 1833. Algumas destas versões têm como ponto de partida obras que poderíamos considerar de *utilidade e/ou de atualidade política* — como a tradução do texto de Chateaubriand, *De Buonaparte et des Bourbons*, publicado em 1814 — outras centram-se sobre textos de cariz religioso, como a *Paráfrase dos Salmos* (que saiu à luz em duas partes, em 1817 e em 1833), e o *Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião*, de Lamennais, impresso em 1820; outras ainda apresentam-se como instrumentos *didáticos* de divulgação de princípios poéticos, como a *Arte Poética* de Horácio e *An Essay on Criticism*, de Pope, dados à estampa em 1812. Note-se que apenas as duas traduções de textos de alcance teológico (as paráfrases dos salmos e a tradução do *Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião*, de Lamennais¹⁵) apareceram com o nome da autora, tendo as outras sido estampadas com a indicação enigmática «por uma portuguesa»¹⁶.

A tradução tal como a publicação anónima ou semianónima são práticas muito comuns entre as escritoras, quer anteriores quer contemporâneas de D. Leonor. Traduzir permitia dar a ver a aptidão para o trabalho intelectual, ao mesmo tempo que conferia a esse mesmo trabalho o valor de um ato generoso de entrega e de serviço ao próximo, fundado no desinteresse e sem pretensões à autoridade ou à notoriedade. A escolha que fez Alcipe das traduções como obras a imprimir pode ser entendida a esta luz, e vista como um desejo de projetar na esfera pública uma imagem cuidadosamente construída. De acordo com esta

chegou a corrigi-la toda, o que não é de estranhar atendendo aos motivos que expoz em uma nota que se acha no fim da glosa à quadra que principia ‘De que serve, oh sorte ingrata’ e mesmo porque nunca tencionou publicar pela imprensa esta e outras obras suas.» (Itálico nosso.)

15 Condessa de Oeynhausen, *Paraphrase a Vários Psalmos*, Lisboa, Imprensa Régia, 1817, marquesa de Alorna, *Paraphrase dos Psalmos*, t. 1, Lisboa, Imprensa Régia, 1833, e Lamennais, *Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião*, Lisboa, Imprensa Régia, 1820.

16 É o que acontece, por exemplo, com as traduções de Horácio e de Pope (*Poetica de Horatio e Ensaio sobre a Critica*, de Alexandre Pope, por uma portugueza, Londres, T. Harper, 1812.

interpretação, a autora teria evitado a disseminação dos seus textos poéticos, mais centrados na afirmação de emoções e de pontos de vista individuais¹⁷.

Mas o que conhecemos acerca da difusão da poesia da marquesa de Alorna durante a sua vida parece desmentir, até certo ponto, esta ideia. Com efeito, foram os textos da sua obra lírica os que mais contribuíram para lhe granjear a fama de mulher de letras de que gozou, pelo menos desde 1770, quando, apesar de viver encerrada num convento, as cópias dos seus versos circulavam por Lisboa dando origem a verdadeiras «guerras de poetas» que tomavam o seu partido contra o de outras figuras conhecidas¹⁸. No espólio da autora encontram-se múltiplas cópias dos mesmos poemas, quer autógrafas quer realizadas por outras mãos, facto que constitui indício claro dessa circulação.

Recordemos que a divulgação de textos por via manuscrita constituía um dos meios mais eficazes de dar a conhecer a poesia na época e o mesmo pode dizer-se dos diversos momentos da vida social que pressupunham a *performance* pública de poemas através do improviso, da declamação e da leitura em voz alta, como as assembleias¹⁹, os outeiros conventuais e, no caso de autores masculinos, as academias e sociedades eruditas.

17 De alcance ou utilidade política seria a tradução do texto *De Buonaparte et des Bourbons*, de Chateaubriand, publicado em 1814, de alcance teológico a *Paráfrase dos Salmos em duas partes*, 1817 e em 1833, bem como o *Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião*, de Lamennais, em 1820. Obras de alcance didático são as traduções dos textos *Arte Poética* de Horácio e do *An Essay on Criticism*, de Pope.

18 V., a este respeito, o artigo de Vanda Anastácio «A Marquesa de Alorna (1750-1839: Poesia e Galanteria no Portugal das Luzes» in.: Alda Correia, Gabriela Fragoso, Fernando Ribeiro e Manuel Canaveira (coord.), *A Arte da Cultura Homenagem a Yvette Centeno*. Lisboa, Edições Colibri, 2011, pp. 413-429.

19 V. a este respeito, os trabalhos de Maria Alexandre Lousada, *Espaços de Sociabilidade em Lisboa. Finais do século XVII a 1834*, dissertação de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras, 1995; *Idem*, Maria Alexandre Lousada, «Sociabilidades mundanas em Lisboa. Partidas e Assembleias, c. 1760-1834» *Penélope. Fazer e Desfazer História*, n.º 19-20, 1998, pp. 129-160. *Idem*, «A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime» in.: Maria da Graça A. Mateus Ventura (org.), *Os Espaços de Sociabilidade na Ibero-América*, Lisboa, Colibri, 2003, pp. 95-120, e Vanda Anastácio, «Women and Literary Sociability in Eighteenth-Century Lisbon» in.: Montoya, Alicia, Anke Gilleir, Suzan van Dijk, *Women writing back/writing Women Back. Transnational perspectives from the Late Middle Ages to the Dawn of the Modern Era*, Leiden-Boston-Tokyo, Brill, 2010, pp. 93-110.

A disseminação dos textos recitados, improvisados ou lidos em voz alta nos momentos de convívio, prolongava-se muito para além dessas ocasiões, graças ao hábito corrente entre os participantes de enviar cópias manuscritas dos poemas recitados ou improvisados, que eram depois copiadas de novo e reenviadas pelos seus destinatários²⁰.

Na sociedade portuguesa da época, em que o acesso à tipografia se encontrava condicionado por políticas estatais centralizadoras e pela Censura, e em que o mercado editorial dependia fortemente dos apoios de mecenas com estreitas ligações à Corte, as obras de poesia que chegavam à imprensa correspondiam, ou a textos de circunstância destinados ao louvor dos grandes e à celebração ocasional das efemérides da monarquia, ou a obras que tinham circulado já anteriormente em manuscrito e haviam alcançado, desse modo, a visibilidade necessária à obtenção de patrocínios e/ou de subscritores para a publicação²¹.

Ora, a circulação em manuscrito adaptava-se especialmente aos interesses das mulheres: era um modo aparentemente «privado» de transmitir textos, que não obrigava a sair do espaço considerado «doméstico» nem a entrar em conflito aberto com as exigências de modéstia, virtude e recato impostas na época às senhoras das classes mais elevadas. Tal como aos autores do sexo masculino, o manuscrito assegurava visibilidade às escritoras mas, no momento de escolher o que divulgar pela imprensa, muitas mulheres preferiram conformar-se com os

20 V., a este propósito, o trabalho: Vanda Anastácio, «D. Leonor de Almeida: As Cartas de Chelas» in.: Vanda Anastácio (org.) *Correspondências (usos da carta no século XVIII)*, Lisboa, Edições Colibri – Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2004, pp. 45-53.

21 O exemplo mais óbvio deste procedimento é Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), que obteve tal reputação pela sua presença nos salões lisboetas em que a sua obra foi publicada graças à subscrição de um impressionante conjunto de membros das mais prestigiadas famílias aristocráticas e burguesas do tempo. Mas entre os autores cuja reputação foi obtida graças à circulação manuscrita das suas obras contam-se, por exemplo Francisco Joaquim Bingre (1765-1856), Domingos Maximiano Torres (1748-1810), Joaquim Severino Ferraz de Campos (1760?-1813?), Luís Correia da França e Amaral (1725-1808), etc.

modelos epocais de respeitabilidade no feminino, privilegiando as traduções e os textos de carácter didático ou edificante.

D. Leonor de Almeida soube usar em seu proveito a natureza ambígua do manuscrito, nem completamente privada, nem declaradamente pública, e intervir, de modo discreto, mas decisivo, no campo literário do seu tempo. A prova da eficácia da estratégia de difusão que escolheu encontra-se nas obras de poetas seus contemporâneos, como Correia Garção (1724-1773), Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), Filinto Elísio (1734-1819), António Ribeiro dos Santos (1745-1818), Domingos Maximiano Torres (1748-1810), Francisco Joaquim Bingre (1763-1856), António Feliciano de Castilho (1800-1875), Domingos Borges de Barros (1780-1855) e outros, que dialogam com os poemas da autora, dirigindo-se-lhe em verso, glosando-lhe os motes, usando os seus versos como epígrafe das suas produções e confirmando assim a familiaridade com os seus textos.

A recusa de D. Leonor em imprimir não parece ter correspondido, pois, à vontade de ocultar os seus poemas mas, antes, a uma escolha criteriosa quer dos seus leitores, quer do modo de difusão, quer das modalidades de leitura que desejava para eles. Destinou a sua obra lírica à transmissão em ambientes privados ou semiprivados, entre uma elite de gente culta, sem recurso à tipografia, e adiou, para um momento posterior ao da sua morte, a publicação em letra de forma. Encontramos esta ideia, aliás, expressa pela própria D. Leonor de Almeida, no soneto em que responde às instâncias dos contemporâneos para publicar os seus versos, no qual afirma confiar à «sã Posteridade» a realização dessa tarefa:

A Jónio, que quer que imprima as minhas obras

Folhas de louro, e algumas bagas pecas
Basculhei nas aleias do Parnaso;
Este lixo está junto, e por acaso
Entre ele algumas flores menos secas.

Cuidei ter Rouxinóis, achei Marrecas:
Tentada estou de pôr tudo isto raso
Porém, discreto Jónio, faço caso
De quanto neste assunto me deprecas.

Arranjarei meus versos, sem que exponha
Sua inocência a Zoilos sem piedade
Que os leiam mal, e os cubram de vergonha:

E se o que dizes valem na verdade
Livremo-los por ora de Peçonha,
E vão salvos à sã Posteridade.

4. Antologizar Alcipe

Reunimos nesta antologia um conjunto de poemas de D. Leonor de Almeida Portugal que nos pareceu capaz de dar ao leitor uma imagem representativa da sua vasta obra. Os textos que aqui incluímos foram fixados a partir da última versão conhecida revista pela autora, o que quer dizer que, em alguns casos, apresentam leituras divergentes em relação à edição de 1844, que não passou pela sua mão. Dessa edição mantivemos a arrumação dos poemas de acordo com o subgénero a que pertencem, mas não separámos fisicamente os poemas redigidos durante o encerramento no mosteiro de Chelas, das composições que Alcipe escreveu depois de ter sido libertada. No entanto, o *corpus* produzido durante a época de confinamento conventual apresenta características próprias, do ponto de vista temático e até estilístico, que vale a pena lembrar, pelo que se incluem, entre os índices do final do volume, indicações relativas ao período em que os poemas foram escritos.

Porque a intenção desta antologia é *dar a ler* a poesia da marquesa de Alorna, preocupámo-nos em facilitar ao leitor a sua decifração e a sua compreensão. No intuito de cumprir o primeiro destes objetivos, atualizámos ligeiramente a ortografia dos originais, eliminando grafias sem representatividade fónica

e mantendo os traços que pudessem corresponder à pronúncia da época, segundo os critérios que vão expostos adiante. Para alcançar o segundo, introduzimos notas destinadas a esclarecer passagens potencialmente obscuras, referências históricas e alusões mitológicas. Limitámos essa anotação ao estritamente necessário, evitando sobrecarregar o leitor ou interferir com o ritmo fluente da leitura, mas conservámos as anotações da própria D. Leonor, que figuram nos autógrafos conservados e foram mantidas, na generalidade, pelos editores de 1844.

5. Critérios de transcrição

A fixação do texto que aqui se apresenta parte de uma atitude de grande respeito pelos documentos que nos serviram de base, muitos deles autógrafos. A nossa intervenção incidiu apenas em traços sem representatividade fónica e mantivemos os casos de polimorfismo, os arcaísmos lexicais, as peculiaridades vocabulares e as grafias que pudessem corresponder a traços de pronúncia. Inspirámo-nos, na nossa atuação, nos critérios de edição definidos para a edição crítica das obras da marquesa de Alorna pelo Prof. Ivo Castro, que reproduzimos em seguida, de forma abreviada e adaptada ao *corpus* que aqui se publica.

Vogais

Substituímos *e* por *i*, na representação de segundo elemento de ditongo oral, em formas nominais e verbais (ex.: «Pae» > «Pai», «atrae» > «atrai»).

Substituímos *e* por *i*, em posição átona, em início absoluto de palavra, em formas como: ex.: «emediatamente» > «imediatamente» e, precedendo vogal, em formas como: ex.: «creatura» > «criatura», «creança» > «criança».

Transcrevemos o *I* maiúsculo, com valor consonântico, por *J* (ex.: «Iesus» > «Jesus»).

Substituímos *y* por *i* em formas como «Rei» > «Rey» e por *e* na forma «May», transcrita «Mãe».

Substituímos *o* por *u*, na representação de segundo componente de ditongo oral, aberto ou fechado, em formas nominiais (ex.: «chapeo» > «chapéu» e «Deos» > «Deus») e em formas de terceira pessoa do singular de pretéritos perfeitos (ex.: «escreveo» > «escreveu», «pedio» > «pediu»).

Substituímos *o* por *u* em formas que consistem em variantes gráficas antigas na língua (ex.: «molher» > «mulher», «sobindo» > «subindo», «socessos» > «sucessos»). *Mas*: mantivemos *o* em formas como «lovavel» > «louvavel», «poco» > «pouco», «sober» > «souber» por poder tratar-se da representação de um traço de pronúncia: monotongação do ditongo «ou».

Substituímos *u* por *o* em formas que correspondem a variantes gráficas antigas na língua (ex.: «custume» > «costume», «cubrir» > «cobrir»).

Simplificaram-se as vogais duplas, sem representatividade fónica específica (ex.: «manhaã» > «manhã», «irmãa» > «irmã»).

Regularizámos a representação do ditongo nasal final em *aõ* e *am*. A primeira grafia foi substituída pela segunda quando é átona, designadamente em terminações de terceira pessoa do plural do presente, pretéritos imperfeito e perfeito (ex.: «apresentão» > «apresentam», «estávaõ» > «estavam», «olharaõ» > «olharam»). Quando é tónica, foi conservada, mas o til, colocado frequentemente sobre o segundo elemento do ditongo nasal, é deslocado para o primeiro.

As grafias *ũa* ou *hũa*, que já não representavam um hiato e podem ser consideradas como formas de abreviatura, são substituídas por *uma* em formas de artigo e pronome. O mesmo aconteceu com «algũa» > «alguma», «nenhũa» > «nenhuma».

Uma vez que procurámos manter a variedade ortográfica observada na escrita da autora sempre que pudesse corresponder a variações reais de pronúncia, conservámos oscilações relativas à escrita de sílabas iniciais, com vogais átonas, orais e nasais, como as que as formas seguintes mostram: «menistro» / «ministro»; «princepe» / «príncipe»; «rezão» / «razão»; «dipois» / «depois».

Do mesmo modo mantivemos sem alteração a oscilação frequente entre *pre-* / *per-* em início de palavra (ex.: «perguntar» / «preguntar», «precisar» / «percisar», etc.)

Consoantes

Introduzimos *h* em formas onde tem justificação etimológica, como as do verbo «haver» (por ex. «averia» > «haveria»); em contrapartida, é omitido em outras onde não se justifica etimologicamente, como acontece com as formas representativas de artigos indefinidos (ex.: «hum» > «um», «huma» > «uma»). Retirámo-lo ainda de formas onde surge entre vogais em contacto (ex.: rahinha > «rainha», «cahos» > «caos», «cohorte» > «coorte»).

Regularizámos o uso de *g* e *j* representando palatais sonoras, segundo as normas atuais (ex.: «sogeito» > «sujeito»).

Regularizámos o emprego de *ch* e *x* na representação de palatais surdas, segundo as normas atuais (ex.: «Xelas» > «Chelas»).

Usamos *c-e,-i*; *ç*, *s*, *ss*, *z* representando sibilantes surdas ou sonoras, segundo a ortografia atual (ex.: «céculo» > «século», «ardenticimo» > «ardentíssimo», «cabessas» > «cabeças», «resaõ» > «rezão», «caza» > «casa»).

Mantivemos a transcrição do grupo *sc* por *c* em palavras como «florescer» / «florecer», «nascer» / «nacer».

Substituímos *r* simples por *rr*, de acordo com a norma atual (ex.: «aborece» > «aborrece»).

Simplificámos as consoantes duplas, sem representatividade fónica própria (ex.: «bellas» > «belas», «accommodado» > «acomodado», «mappas» > «mapas»).

Substituímos grafias eruditas, de pendor etimologizante, por grafias modernas correspondentes aos mesmos sons. Os grupos *th*, *ch* e *ph* etimológicos, ou pseudoetimológicos, são substituídos por *t*, *c*, *q* e *f*, respetivamente, em formas como «chimera» > «quimera», «Christalographia» > «Cristalografia», «phenomeno» > «fenómeno», «Theologia» > «Teologia». As consoantes velares

nos conjuntos *cc*, *ct*, *pt*, *gm* e *gn* são eliminadas de acordo com a ortografia moderna quando são mudas. (ex.: «accidentes» > «acidentes», «aflicto» > «aflito», «promptos» > «prontos», «augmenta» > «aumenta», «signal» > «sinal»).

Regularizámos pela norma moderna o uso de *m* e de *n*, passando o primeiro a *n* em formas como «ninfa», que substitui «nympha».

Outros aspetos gráficos

Regulámos pelo uso atual os sinais de acentuação, de apóstrofo e hífen e separámos ou juntámos formas linguísticas correspondentes a partes de palavras ou a palavras inteiras.

Procurámos evitar que as intervenções modernizadoras afetassem a linguagem do texto, nos planos fónico, morfológico e sintático, ou anulassem valores estilísticos eventualmente associados a esses usos. Foi por isso que mantivemos os usos de maiúsculas e minúsculas, grande parte da pontuação e os apóstrofos correspondentes à elisão de vogais foram mantidos, dadas as implicações que uma modernização destes traços acarretaria ao nível da frase ou da métrica.

Retirámos o apóstrofo em formas como «n'este», «n'um», «d'este», que transcrevemos «neste», «num», «deste», de acordo com as normas atuais.

Separámos as formas de pronomes enclíticos das formas verbais, bem como as preposições aglutinadas a outras palavras e introduzimos hífen no primeiro caso, em conformidade com as normas atuais.

Separámos ou juntámos elementos vocabulares segundo o uso moderno: «com tudo» > «contudo»; «em tanto» > «entanto», «tão bem» > «também», «em fim» > «enfim».

Nota biobibliográfica

Vanda Anastácio

A marquesa de Alorna é uma das raríssimas escritoras anteriores a 1900 que é regularmente mencionada pelos historiadores da Literatura Portuguesa. Chamava-se D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, nasceu em Lisboa, em 31 de outubro de 1750, e foi a primogénita dos três filhos de D. João de Almeida Portugal (1726-1802) e D. Leonor de Lorena e Távora, 2.^{os} marqueses de Alorna. Apesar de o conhecimento sobre a sua biografia ter avançado significativamente nas últimas décadas, a verdade é que há períodos da sua vida que continuam a ser mal conhecidos.

1. Infância e juventude no mosteiro de Chelas

Pouco se sabe acerca dos primeiros anos da sua vida, mas as datas permitem deduzir que aos 5 anos D. Leonor terá assistido ao terramoto de 1755, apesar de não se lhe referir nem nas obras nem na correspondência. De acordo com o seu testemunho, o acontecimento que mais abalou a sua infância foi o que ocorreu em 1758, quando, na sequência do atentado ao rei D. José I ocorrido em 3 de setembro, foi separada do pai (preso em 13 de dezembro) e encerrada no mosteiro de São Félix, em Chelas, no dia 14 do mesmo mês.

Como se sabe, a responsabilidade da tentativa de regicídio foi imputada aos marqueses de Távora, avós maternos de D. Leonor de Almeida, bem como a seus tios e ao duque de Aveiro, que foram presos em dezembro de 1758 e condenados por sentença da Junta da Inconfidência de 12 de janeiro de 1759¹. A violência do castigo, que se seguiu a um processo judicial ainda hoje pouco claro, chocou a opinião pública da altura: foi erguido um patíbulo em Belém, sobre o qual a marquesa de Távora foi publicamente degolada e onde o marquês, seu marido, os filhos e o duque de Aveiro foram supliciados e queimados.

Numa sociedade do Antigo Regime, estruturada a partir de valores como o sangue, o nome e a Casa, a implicação de alguém num crime de lesa-majestade era suficiente para fazer cair uma mancha de suspeita e de desonra sobre todos os membros da família. Essa suspeita parece explicar a prisão do 2.º marquês de Alorna, D. João de Almeida Portugal, apesar de este nunca ter chegado a ser formalmente acusado de qualquer crime. Como consequência, a mulher e filhas do marquês (D. Leonor e D. Maria Rita) foram encerradas no convento já mencionado, enquanto o herdeiro da Casa, D. Pedro, então com 4 anos, era colocado sob a tutela direta do Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo. A família Alorna só seria libertada em 1777, depois da morte de D. José I e do afastamento do Marquês de Pombal.

1 Alguns títulos representativos sobre o processo são os estudos de Pedro de Azevedo, *O Processo dos Távoras*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1921, conde de Tovar, *Para a Última Instância do Processo dos Távoras*, Lisboa, Tipografia José Fernandes Júnior, 1932, Luís Teixeira de Sampaio, *Em Volta do Processo dos Távoras: Documentos do Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros*, Sep. O Instituto, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929, Guilherme G. de Oliveira, *O Processo dos Távoras: Importância do Processo Revisorio*, Lisboa, Discolivro, 1983; José Cassiano Neves, «O Marquês de Pombal e o atentado contra D. José», *Miscelânea Curiosa*, Lisboa, s. n. [Tipografia Guerra, Viseu], 1983, pp. 29-41; *Idem*, «Lisboa e a Tragédia dos Távoras», *Miscelânea Curiosa*, Lisboa, s. n. [Tipografia Guerra, Viseu], 1983, pp. 103-120 e *Idem*, «O Marquês de Pombal», *Miscelânea Curiosa*, Lisboa, s. n. [Tipografia Guerra, Viseu], 1983 pp. 121-137.

Em data difícil de precisar, mas que poderá ter sido próxima de 1763², D. João de Almeida conseguiu fazer sair da prisão, com a conivência de guardas e de criados, algumas mensagens dirigidas à esposa³. Subornando portadores e inventando esquemas para a entrega quer de mensagens quer de materiais de escrita, foi possível aos diversos membros da família Alorna trocar correspondência⁴. As missivas enviadas por D. Leonor durante os anos de clausura quer ao pai quer à condessa do Vimieiro, D. Teresa de Mello Breyner (uma senhora onze anos mais velha que ela e ainda aparentada com a família Távora que se tornou visita assídua de Chelas a partir de 1770), constituem um documento vivo dos interesses intelectuais da jovem⁵. Dão conta, por exemplo, dos estratagemas de que se servia, quer para conseguir ter lições com regularidade apesar da rigidez das regras conventuais, quer para conseguir obter os livros mais recentes. Nas suas cartas, D. Leonor conta ao pai que participava nos *outeiros* poéticos organizados em Chelas em dias de festividades religiosas e por ocasião das eleições das Preladas. Estes relatos comprovam que foi durante esses anos que se tornou exímia na técnica do improviso poético e da glosa a partir de motes sugeridos por outrem. Foi também nessa época que começou a iniciar-se na composição de obras de maior fôlego, como as odes, os idílios, as epístolas, etc., que exigiam o conhecimento aprofundado da Poética rigorosamente codificada que era a do tempo.

2 Avançamos esta data tendo em conta as cartas datáveis enviadas da prisão pelo Marquês, mas o facto de a maioria das suas missivas não se encontrar datada abre margem para dúvidas quanto a este particular.

3 A conivência com um dos guardas é expressamente mencionada por D. João de Almeida em carta à esposa preservada no Arquivo Particular do Palácio Fronteira.

4 Cassiano Neves, *Miscelânea Curiosa*, Lisboa, s. n. [Tipografia Guerra, Viseu], 1983. Correspondência conservada no Arquivo Particular do Palácio Fronteira, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

5 Um primeiro volume de cartas trocadas entre a marquesa de Alorna e a condessa do Vimieiro foi já publicado: Vanda Anastácio (org.) *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*, (organização e fixação do texto de Vanda Anastácio; estudos introdutórios de Teresa Almeida, Vanda Anastácio e Raquel Bello Vazquez; anotação de Teresa Almeida, Vanda Anastácio, Manuela Delille, João Almeida Flor, Tiago Miranda, Raquel Bello Vazquez, Nuno Monteiro) Lisboa, Colibri, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2007.

2. As visitas de Chelas

A autora afirmará até ao fim da sua vida que começou a escrever poesia para distrair seu pai das agruras do cárcere e, com efeito, a documentação conservada dá conta de frequentes envios de poemas seus a D. João de Almeida Portugal, juntamente com manuscritos de poetas da *Arcádia Lusitana*, como Correia Garção (1724-1772) e António Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), mas, também, da condessa do Vimieiro (1739-*post* 1793), de João Xavier de Matos (c. 1730-1798), de Joana Isabel Forjaz de Lencastre (1749-?), de Filinto Elísio (1734-1819), etc., que lhe chegavam às mãos em cópias enviadas não apenas pelos próprios mas também por terceiros. Esta intensa circulação de textos explica que ainda durante o tempo que D. Leonor viveu reclusa a fama do seu talento se tenha espalhado por Lisboa.

A lista dos poetas que visitaram D. Leonor ao longo dos dezoito anos de encerramento conventual é longa. Relativamente assíduos na grade do mosteiro ou até com entrada nele, foram Filinto Elísio (que parece ter sido o primeiro a atribuir à poetisa o nome literário de Alcipe, embora não seja claro em que data esta o terá adotado), bem como frei José do Coração de Jesus (?-1795), que adotou o pseudónimo de *Almeno*, foi tradutor de Ovídio e era amigo de António Ribeiro dos Santos (1745-1818), o primeiro bibliotecário-mor da Biblioteca Pública da Corte nomeado quando esta foi criada em 1796. Este último autor, conhecido na *Arcádia Lusitana* como *Elpino Duriense*, acompanhava por vezes Almeno nas visitas a Chelas⁶. Outros frequentadores do mesmo grupo eram frei Alexandre da Silva (1737-1818) (também conhecido como frei Alexandre da Sagrada Família, que chegou a ser bispo de Angra), designado poeticamente por *Sílvio*⁷, o médico das três senhoras,

6 O marquês de Ávila e Bolama, *Op. cit.* transcreve uma carta de António Ribeiro dos Santos que refere precisamente uma visita às senhoras Alornas em São Félix.

7 V. sobre esta personagem os trabalhos de António Ferreira Serpa, *D. Frei Alexandre da Sagrada Família, Bispo de Malaca e Angra, Bispo eleito do Congo e Angola, tio de Garrett, Governador deste Bispado, tio e professor de Garrett: notas e documentos, sep. Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. 7, n.º 25-28, Lisboa, Biblioteca

Dr. Tamagnini, a quem D. Leonor designava pelos nomes de *Alceste* e de *Haller*, o poeta José Ferreira Barroco (conhecido também como *Albano*) e o árcade *Alfeno Cíntio*, de seu nome Domingos Maximiano Torres (1748-1810). Quando em 1777 a família Alorna foi libertada, o facto foi celebrado em verso por alguns destes poetas⁸.

3. A vida depois de Chelas

Em 1779, apesar da oposição do pai, D. Leonor de Almeida casou com o conde de Oeynhausen (1739-1793), alemão, luterano e de situação financeira pouco próspera. Para poder desposá-la, o conde abjurou da sua fé numa cerimónia pública de batismo realizada em 15 de fevereiro de 1778, na qual foram padrinhos a rainha D. Maria I e o rei D. Pedro III. D. Leonor casou exatamente um ano depois e mudou-se para o Porto, onde o marido desempenhou um cargo militar até 1780. Foi nesta cidade que deu à luz a sua primeira filha, D. Leonor Benedita, que viria a casar com o 6.º marquês de Fronteira. Graças à interferência da poetisa junto da rainha, o conde de Oeynhausen foi nomeado Ministro Plenipotenciário em Viena de Áustria, e o casal mudou-se para essa cidade ainda nesse mesmo ano.

Em Viena, D. Leonor de Almeida Portugal e Oeynhausen estabeleceu relações de cordialidade com o imperador Joseph II, que a condecorou, com o papa Pio VI, que visitou a cidade nesse período, com o poeta, libretista e dramaturgo Pietro Metastasio (1698-1782), com o filósofo Moses Mendelssohn (1729-1786) e com o músico português abade Costa (1714? –1780?), que dela fala nas suas cartas com apreço⁹. A correspondência trocada

Nacional, 1927 bem como Ofélia Paiva Monteiro, *D. Frei Alexandre da Sagrada Família*. Coimbra, Impr. da Universidade, 1974.

8 V., por exemplo, Domingos Maximiano Torres, *Soneto a Alcipe desculpando a Ode Seguinte, Ode ao Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor D. João d'Almeida e Portugal, marquês d'Alorna*, Lisboa, Régia Officina Typografica, 1777.

9 Joaquim de Vasconcellos, *Cartas Curiosas Escriptas de Roma e de Vienna pelo Abade Antonio da Costa*, Porto, Imp. Litterario-Commercial, 1878 [reed.: Fernando Lopes Graça, *Cartas do Abade António da Costa*, Lisboa, s. n., 1946.]

com a condessa do Vimieiro por esses anos documenta o seu encontro com a cantora portuguesa Luísa Todi (1753-1833) bem como a frequência dos salões vienenses e a amizade com a condessa Maria Wilhelmine de Uhlfeld, Condessa Thun-Hohenstein (1744-1800). A sua integração nos círculos da alta aristocracia da cidade é confirmada pelo facto de o nome de seu marido figurar na lista dos subscritores dos concertos aí tocados por Wolfgang A. Mozart em 1784¹⁰. Entre os anos de 1780 e de 1784 D. Leonor dará à luz mais três filhas: Maria Regina, Frederica e Juliana, a primeira das quais viria a falecer com pouco mais de um ano de idade.

Apesar da sua integração na vida social e do interesse pela língua e pela literatura alemãs (que viria a manter durante toda a vida), a permanência de Alcipe em Viena foi relativamente curta: o casal abandonou a Áustria nos finais de 1784 para se estabelecer, em outubro do mesmo ano, em Avinhão. Entre esta data e 1786 nasceram mais dois filhos: Mário Carlos Augusto, que viria a falecer quatro anos mais tarde, e Henriqueta. A família Oeynhausen permaneceu cerca de seis anos no Sul da França, mas sabe-se que entre 1787-1788 Alcipe passou uma longa temporada em Lisboa sem o marido, procurando mover influências a favor deste junto da rainha D. Maria I. Após o regresso dos condes a Portugal, em 1790, D. Leonor teve ainda mais dois filhos, João Ulrico e Luísa. Carlos Augusto de Oeynhausen viu-se nomeado para o cargo de governador militar do Algarve, mas não chegou a exercê-lo, por ter falecido em 3 de março de 1793.

4. Viuvez e exílio

A generalidade dos biógrafos conta que depois da morte do conde de Oeynhausen D. Leonor de Almeida se teria retirado

¹⁰ Vanda Anastácio, «Alcipe and Music» in.: David Cranmer (org.), *Mozart, Marcos Portugal e o Seu tempo*, Lisboa, Colibri, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, 2010, pp. 155-166.

para as propriedades da família em Almeirim e em Almada, onde se teria dedicado à educação dos filhos, à beneficência e à instrução de moças da região. No entanto, a amizade literária com D. Catarina Micaela de Lencastre, 1.^a viscondessa de Balsemão (1749-1824), que as suas obras documentam, parece estreitar-se nesta época e, entre os anos de 1793 e 1802, manteve relações de intercâmbio literário com alguns poetas da Academia de Belas Letras (associação que também ficou conhecida pela designação de Nova Arcádia), como Francisco Joaquim Bingre (1763-1856) e outros. É datável do mesmo período o relacionamento com Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), comprovado não só pela troca de poemas entre ambos mas, também, pelo facto de o nome da condessa de Oeynhausen figurar entre os subscritores do tomo II das suas *Rimas* em 1799 e de Manuel Maria lhe ter dedicado o tomo III das mesmas, impresso em 1804.

Nestes primeiros anos da sua viuvez, a condessa de Oeynhausen parece ter gozado de algum favor junto da Corte, apesar de D. Maria I estar já, nessa data, afastada do poder. Com feito, foi nomeada dama de honor de D. Carlota Joaquina por Alvará de 9 de novembro de 1801 e, no ano seguinte, foi formalmente convidada a sugerir os temas a tratar na decoração do Palácio da Ajuda. Segundo relata seu neto, José Trazimundo de Mascarenhas Barreto, em 6 de outubro de 1802, por motivos ainda não esclarecidos, mas que este supunha estarem relacionados com a criação de uma sociedade secreta denominada «Sociedade da Rosa», D. Leonor teria sido intimada pelo intendente geral da Polícia a abandonar o país¹¹. O facto é que passou os anos de 1803 a 1814 no exílio, primeiro em Espanha (até 1804) e depois em Inglaterra, ao que parece envolvida em atividades de carácter político em apoio da Contra-Revolução francesa. É neste país que se relacionará com *madame* de Staël (1766-1817), bem como

11 Ernesto Campos de Andrada, *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por ele próprio em 1861, 5 vols.*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928-1932.

com o duque de Palmela, embaixador de Portugal em Londres, a quem designará por Holsténio na sua poesia. Regressará a Portugal em 1 de julho de 1814, depois da morte do irmão (ocorrida em 2 de janeiro de 1813, em Königsberg) e dedicar-se-á, durante os dez anos seguintes, à reabilitação da memória deste último, que havia sido condenado por inconfidência pelo facto de ter comandado a Legião Portuguesa, integrada no exército napoleónico. Acabou por conseguir a revisão da sentença e a recuperação dos títulos de marquês de Alorna e de conde de Assumar em 1823. O facto de sua cunhada e seus dois sobrinhos serem já falecidos tornou-a herdeira destes.

5. Regresso a Portugal

Foi sobretudo depois do seu regresso da Grã-Bretanha que D. Leonor de Almeida Portugal ocupou um lugar central na vida intelectual lisboeta. Apesar de ter lutado com dificuldades financeiras até à data da sua morte, ocorrida em 11 de outubro de 1839 poucos dias antes de completar os 89 anos, a marquesa de Alorna abriu as portas das várias residências onde viveu na cidade de Lisboa a poetas e literatos, que a visitavam também durante as temporadas que passava em Almada e até mesmo em casa do marquês de Fronteira, seu neto, no Palácio de São Domingos de Benfica. A crer nas referências dos contemporâneos que a conheceram nesta fase, D. Leonor tornara-se uma figura central nas tertúlias literárias da capital, desempenhando o papel de mediadora entre poetas de gerações diversas, que viam a frequência do seu círculo de relações como um sinal de prestígio e de legitimação do talento.

Entre os anos de 1816 e 1829, D. Leonor frequentou as assembleias que tinham lugar em casa de Francisca Possolo da Costa (1783-1838), uma escritora 33 anos mais jovem, em cujos salões se juntavam não só personalidades ligadas ao liberalismo, com as quais o marido desta mantinha excelentes relações, mas, também, poetas de várias idades e diferentes percursos

ideológicos. Nas *Memórias de Castilho*¹² são referidos os nomes de Belchior Curvo Semedo (1766-1838), que fora membro da Academia de Belas Letras e contendor de Bocage nos anos de 1790, do conde de Sabugal (1778-1839), que havia combatido na Legião Portuguesa sob as ordens do irmão de Alcipe, de Francisco Freire de Carvalho (1779-1854), que Alcipe designa na sua poesia por *Filinto Júnior*, e de Domingos Borges de Barros (1780-1855), que viria a obter o título de visconde da Pedra Branca e mais tarde desempenharia o cargo de embaixador do Brasil em Paris. Pela mesma época, encontramos entre os frequentadores das reuniões da marquesa de Alorna poetas então muito jovens, como António Feliciano de Castilho (1800-1875) ou Alexandre Herculano (1810-1877), que descrevem a autora como uma figura tutelar¹³.

Tal como aconteceu com a grande maioria dos poetas seus contemporâneos, a obra poética de D. Leonor de Almeida foi dada à estampa postumamente. Em 1844, cinco anos depois da sua morte, surgiu a coletânea intitulada *Obras poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, marquiza d'Alorna, condessa d'Assumar, e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe*¹⁴, em 6 volumes, por iniciativa de Henriqueta e de Frederica de Oeynhausien, filhas desta. Esta publicação inclui, para além de obras poéticas originais, adaptações livres de textos de Amelia Opie e de *madame* Des Houlières bem como traduções de Claudiano, Gray, Goethe, Bürger, Cronek, Metastasio, Milton, Thompson, Goldsmith, Lamartine, Klopstock, Wieland e do pseudo-Ossian.

12 Júlio de Castilho, *Memórias de Castilho*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1881.

13 Alexandre Herculano, «D. Leonor d'Almeida, marquiza d'Alorna», *O Panorama*, 2.ª série, vol. III, n.º 156, 21 de dezembro de 1844, p. 404; outros autores muito mais jovens que se pronunciaram em termos semelhantes sobre a autora foram António Feliciano de Castilho, «Poetisa Portuguesa» *Revista Universal Lisbonense. Jornal dos Interesses Physicos, Moraes e Litterarios*, t. II, 1842-1843, p. 292 [reimpr. t. XI das *Obras Completas*, Lisboa, 1904], e Camilo Castelo Branco, «A Marquiza d'Alorna», in *Esboços de Apreciações Literárias*, Livraria Moderna, 1903, p. 119 [1.ª ed.: *O Mundo Elegante*, 1858].

14 *Obras poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, marquiza d'Alorna, condessa d'Assumar, e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe*, 6 vols., Lisboa, na Imprensa Nacional, 1844.

6. Obras da marquesa de Alorna

6.1 *Publicadas em vida*

- *Poetica de Horatio e Ensaio sobre a Critica, de Alexandre Pope, por uma portugueza*, Londres, T. Harper, 1812.
- *De Bonaparte et des Bourbons*, Lisboa, Imprensa Régia, 1814.
- *Paraphrase a Vários Psalmos*, Lisboa, Imprensa Régia, 1817.
- *Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião*, Lisboa, Imprensa Régia, 1820.
- *Paraphrase dos Psalmos*, t. 1, Lisboa, Imprensa Régia, 1833.

6.2 *Edições póstumas*

- [ALORNA, Marquesa de], *Obras poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, marquezia d'Alorna, condessa d'Assumar, e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe*, 6 vols., Lisboa, na Imprensa Nacional, 1844.
- ANASTÁCIO, Vanda, *Sonetos da Marquesa de Alorna*, Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2008.
- — (coord.), *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*, Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, Colibri, 2007.
- CIDADE, Hernâni, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Sá da Costa, 1941.
- —, *Poesias*, Lisboa, Sá da Costa, 1960.

Antologia

Sonetos

Feito na cerca em Chelas

Deitei-me sobre a fresca relva um dia,
E dando a um sono leve alguns instantes
C'os prazeres sonhei, que lá distantes
Debuxava a estragada fantasia

Saturno vagaroso me trazia
Um diadema de lúcidos diamantes,
Enramado de mirtos odorantes,
O qual Cípria na fronte me cingia:

A Fortuna risonha se mostrava,
Mas no disco da roda vacilando
Voltando-a me levou quando eu sonhava.

Já Délio para os mares ia olhando,
E Bóreas, que raivoso murmurava,
M'acordou como dantes suspirando¹.

Eu cantarei um dia da tristeza²
Por uns termos tão ternos e saudosos,
Que deixem aos alegres invejosos
De chorarem o mal que lhes não pesa.

Abrandarei das penhas a dureza,
Exalando suspiros tão queixosos,
Que jamais os rochedos cavernosos
Os repitam da mesma natureza.

Serras, penhascos, troncos, arvoredos,
Ave, fonte, montanha, flor, corrente,
Comigo hão de chorar de amor enredos:

Mas ah! que adoro uma alma que não sente!
Guarda, Amor, os teus pérfidos segredos,
Que eu derramo os meus ais inutilmente.

Petição à melancolia para que se acabem
certos dias de festa

Tu, Deusa tutelar da solidão,
Amável sombra, ó Melancolia,
Aproxima-te, rouba-me a alegria
Que turba a suavidade ao coração³.

Não prives o meu peito, Ninfa, não
Da tua triste e doce companhia,
Que suspira por ti, um e outro dia,
Quem de amar-te só faz consolação.

E não pode a que vive suspirante
Viver entre o tumulto muito espaço
Sem que faça o seu mal mais penetrante.

Atende, ó Ninfa, o rogo que te faço,
Não demores mais tempo o doce instante,
Os dias tristes, que eu tão triste passo.

Retratar a tristeza em vão procura
Quem na vida um só pesar não sente,
Porque sempre vestígios de contente
Hão de apar'cer por baixo da pintura:

Porém eu, infeliz, que a desventura
O mínimo prazer me não consente,
Em dizendo o que sinto, a mim somente,
Parece que compete esta figura.

Sinto o bárbaro efeito das mudanças,
Dos prazeres o mais cruel pesar,
Sinto do que perdi tristes lembranças;

Condenam-me a chorar, e a não chorar,
Sinto a perda total das esperanças,
E sinto-me morrer sem acabar⁴.

Bem como se perturba a clara fonte
Na agitação contínua da corrente,
A minha alma sossego não consente,
Por mais que nos meus ais ânsias desconte.

De cuidado em cuidado, monte em monte
Me leva este pesar, que o peito sente;
Sempre diviso aflita, descontente,
Os princípios da luz pelo horizonte.

De que vem este mal? Um mal tão claro
Vem de um vago sentir que n'alma pesa:
Amor! Serás comigo sempre avaro?

Amor em mim é filho da tristeza!
Eu sinto o coração ao desamparo...!
Pune, ó Deus! pelas leis da natureza.

A uma despedida

As horas voadoras vão trazendo
O instante fatal de uma partida,
Que dos gostos ligeiros desta vida
Um retrato funesto está fazendo.

A sociedade amável entretendo
Esteve a paz (por pouco possuída);
Que em mágoa pela dura despedida
No aflito peito sinto ir convertendo.

Com que horrores a pálida tristeza
Cobre o círculo breve dos meus anos,
Martiriza a sensível natureza!

Como, havendo pesares tão tiranos
E almas nobres, que adorna a singeleza,
São tão poucos os santos desenganos!

Dizendo-me uma pessoa que eu nunca havia
de ser feliz

Esperanças dum vão contentamento,
Por meu mal tantos anos conservadas,
É tempo de perder-vos, já que ousadas
Abusastes de um longo sofrimento:

Fugi; cá ficará meu pensamento
Meditando nas horas malogradas,
E das tristes, presentes e passadas,
Farei para as futuras argumento.

Já não me iludirá um doce engano,
Que trocarei ligeiras fantasias
Em pesadas razões do desengano.

E tu, sacra Virtude, que anuncias
A quem te logra, o gosto soberano,
Vem dominar o resto dos meus dias.

Esperanças de um bem tão contingente
Com que fim me andais sempre atormentando?
Se inútil é que eu viva suspirando,
Por que me não deixais viver contente?

Ora fingis distante, ora presente
O motivo do mal que estou chorando;
Fingi-me, se podeis, ao menos quando
Hei-de viver feliz, sendo indif'rente.

Se tanto vos aflige o meu sossego,
Que o perturbais por modo tão tirano,
Matai-me, que a morrer eu não me nego.

Mas, se viva o destino desumano
Me quer, fugi, que eu triste já me entrego
Ao descarnado e duro desengano.

Bem pode sobre o cândido Oriente
Soltar Febo os cabelos douradores⁵
Que quem vive como eu, vê sempre as flores
Tintas da negra cor do mal que sente.

Para mim não há prado florecente
Tudo murcham meus ais, meus dissabores,
Nem me tornam cantigas dos Pastores
Jamais serena a pensativa frente.

Se triste vou às danças, triste venho;
E quando a noite estende húmido manto,
A segurar o sono em vão me empenho.

Não toco a flauta, versos já não canto;
Cercada de pesar mais bem não tenho
Que um triste desafogo em terno pranto.

Arguindo-me várias pessoas de fazer sempre
versos tristes

Como posso explicar em brando verso
Doce prazer, se o peito nunca o sente?
Musas, vós não dítais ao descontente
Senão queixas do seu fado adverso!

Linda cena, espetáculo diverso
Embora alegre o mundo me apresente,
Que em luto, isto que choro amargamente,
Me sepulta o vastíssimo Universo.

Jamais um dia alegre me afigura
A incerta e voadora fantasia,
Que a mágoa o não transborde em sombra escura.

Que quereis que vos diga da alegria,
Se vítima da negra desventura
Sirvo sempre a cruel melancolia?!

Se aqui neste lugar me figurassem
O ladrador trifauce a boca abrindo,
Ir os manes ao Tártaro seguindo
Com ladros tais que os montes se abalassem⁶;

Se nas côncavas grutas retumbassem
Dos que na eterna noite vão caindo
Os tristes ais, que os ares vem ferindo,
E as fúrias enormes se mostrassem;

Se de Tício o tormento eu padecesse,
Se de Tântalo a sede suportando
Os Céus de horror e a terra comovesse;

Em fim, se já o Leteu atravessando
Todo o mal suportara, e este esquecesse,
Menos triste estaria eu suspirando⁷.

A El-Rei estando eu muito doente em Chelas

Um moribundo esforço, um fraco alento,
Indício duma quasi extinta vida,
Envia uma infeliz, triste, abatida,
Desde o leito da morte ao Régio Assento.

Moderá, ó Soberano, o meu tormento,
Solta o Pai, por quem choro dividida:
Esta voz, já sem força proferida,
Faça em teu peito brando movimento.

Quatro lustros, passados na amargura,
Compreende somente a minha idade;
Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah, consente, Monarca, por piedade,
Que a mão paterna beije com ternura;
Mate o gosto quem morre de saudade!

De três

Fílis Escassamente o sol já se mostrava
Entre a sombra que as luzes lhe encobria;
Dos pássaros o canto que se ouvia
A ternura e saudades inspirava.

Márcia Já o mocho noturno se escutava
Que o retorno das trevas prevenia;
O terror que no peito meu descia
Triste pranto dos olhos me arrancava.

Lília Larguei a voz então aos surdos ventos
Que nas cavernas ásperas, com brados,
Convocam os sustos macilentos;

Aos soltos ais, nos montes espalhados
Não respondem os seres sonolentos,
Que não há quem responda aos desgraçados^B.

Enquanto Piério⁹ tocava flauta

Do teimoso desgosto a mão nefanda
Que o coração me estava comprimindo
Com susto se desvia e vai fugindo
Ao Báratro após Megera execranda.

Nascei, versos, ao som da flauta branda
Recreai as deidades lá do Pindo
Vá-se o canto sublime, vá-se abrindo,
Que Délio, o mesmo sacro Délio o manda.

A Camena altas músicas descante,
Co'a cítara aspergida de ambrosia
Em honra de Piério hinos levante.

Ó Paz, filha de Apolo e de Harmonia,
Descansa no meu peito um doce instante,
Roubemo-lo ao domínio da agonia!

O salto de Leucade

Ninguém afoga Amor n'água salgada
Por mais que a Grécia ilusa o certifique;
Bem que a sorte de Safo assim publique,
No mar acabou Safo namorada:

Artemisa infeliz, precipitada,
Quer nas águas do fogo achar despique,
E não consegue mais senão que fique,
De Salamina a glória equivocada:

Os efeitos da queda de Leucade
Não são quais nos tem dito, porqu'infiro
Que muitos saltam dentro da Cidade.

Vencem Amor as damas no retiro,
Os homens em faltando à lealdade
Este é o salto famoso lá d'Epiro¹⁰.

Não vejo, não respiro, escuto ou penso
Sinto só; quem não sente não m'intende;
Um receio fatal a voz me prende
Pelas veias me corre um fogo intenso.

Ao meu fogo se opõe um gelo imenso,
E quanto mais o lume em mim se acende,
Mais o susto gelar-me em vão pretende,
Mais luto contra amor, e menos venço.

Dize, Inconstante, dize, não te custa
A desamar o que algum dia amaste?
Ou fui, quando te amei, acaso injusta?

Se das Rochas de Sintra, onde juraste
Eterna fé, o aspeto não te assusta,
Tira delas a chama que apagaste.

Como, importuno Amor, inda procuras
Misturar-te entre as minhas agonias?
Vai, cruel, para onde as alegrias
No seio da Fortuna estão seguras.

Onde em taças douradas, formosuras,
Esgotando o prazer, passam seus dias;
Onde acariciado tu serias
Por quem nem sabe o nome às desventuras.

Ao som de harmoniosos instrumentos,
No peito, que é de pérolas ornado,
Criarás mil suaves sentimentos:

Mas em mim! Que sou vítima do fado?!...
Cercada dos mais ásperos tormentos
Achas uma alma só, e um só cuidado.

Que procurais de mim, tristes cuidados?
Deixai-me ao menos livre o pensamento,
Que parece sobeja a meu tormento
Na dureza dos males já passados.

Suspenda-se o martírio, duros fados,
Receba o peito aflito algum alento:
Mas que digo? Da sorte me contento,
Quando sejam meus males triplicados.

Um triste peito alívio vão procura,
Em vão busca dos males a distância
Quando o persegue a sorte sempre dura.

Ó sorte iníqua! Satisfaz a ânsia,
Rouba-me o bem, rouba-me a ventura,
Que nunca roubarás minha constância.

Tempo, que a mão benigna pões nas chagas
Que a saudade me abriu [tão] cruelmente;
Tu, que do espinho a dor suavemente
Vais tirando, e seu férreo efeito apagas:

Em ti somente espero, tu me afagas;
E quando enxuta houveres a torrente
Do inútil pranto que sai d'alma ardente,
Em vão buscada, a paz talvez me tragas.

Os olhos voltarei para o passado,
E sorrindo verei chegar das lidas
O pacífico termo desejado:

Bem como à tarde as aves distraídas,
Esquecendo um chuva dissipado,
Cantam co'as plumas inda humedecidas.

Ideias minhas, multidão de ideias,
Que algum dia da cítara fiava
Vinde, trouxe-me as horas que eu passava
Ao som de menos ríspidas cadeias:

Bem que tristes, de paz as horas cheias
Saturno no seu cofre as sepultava¹¹,
No feliz tempo em qu'inda eu ignorava
Que haviam para mim outras mais feias.

Ide colher aos ermos tenebrosos
Os ais que lá deixei menos sentidos,
Para modelo destes tão queixosos:

Talvez que esses antigos meus gemidos,
Com que eu domava os monstros furiosos,
Hoje abrandem meus fados desabridos.

Nunca manchei com vil lisonja o plectro¹²,
Nunca teci encómios à privança;
Nem fiz punhal da lira, que à vingança
Consagram vates com ferino metro.

Consagrei submissão, respeito ao ceptro,
Quando a paixão dos homens foi mudança;
Nada a meus olhos vale o que hoje alcança
Quem, sem virtudes, opulência impetra.

Despojada de tudo vim ao mundo;
Emprestou-me mil bens a Natureza,
Que roubou meu Fado furibundo.

Bens fúteis a minha alma sã despreza;
Em transitivas glórias não me fundo;
Volto à terra sem nada, e sem tristeza.

A Guilherme Stephens, fundador da grande
Fábrica de vidros no lugar da Marinha pouco
distante de Leiria¹³

Heróis famosos, gente generosa
Já dos dentes das feras se geraram;
Já os muros de Tebas levantaram
Os doces sons da lira harmoniosa¹⁴.

Uma vez da Saudade à voz maviosa
Do Averno as brônzeas portas se quebraram¹⁵,
Porém destes milagres só ficaram
Vagas noções, na história fabulosa.

Tudo creio; pois vejo nesta idade
Prodígios tais, nos campos da Marinha,
Ao clarão poderoso da Verdade.

Se a gratidão futuros adivinha,
Guilherme, irá teu nome à eternidade,
A par do Lavrador da Pátria minha¹⁶.

A Robertson, subindo em um balão, e descendo no paraquedas

Deu nome às águas Ícaro morrendo¹⁷
Ícaro novo, os ares invadindo,
Placidamente aos astros vai subindo,
E de lá, sem soçobro vem descendo.

Tanto excede na glória este, vencendo,
E obstáculos sem conto desmentindo,
Esse, que a presunção pagou caindo
E no final despenho perecendo.

Mancebos presumidos destas eras,
Não fique para vós o exemplo mudo,
Despejai a cabeça de quimeras.

Ciência, aplicação, método, estudo,
Põem os homens acima das Esferas:
Pouco importa imprimir, saber é tudo.

Em agradecimento de uma lata de chá

Trigueira e bela a noite iluminava
Os âmbitos do vasto firmamento,
E de Pandora linda o nascimento
Em celeste congresso celebrava:

Cada qual das deidades se sentava
Intorno à mesa, em diamantino assento,
O moço Ganimedes, doce alento
Nos suaves licores lhes libava

Em taças imortais d'Ágata pura
Of'rece as orientais gotas saudáveis¹⁸
Que o almo vinho o bom Lieu mistura.

Provam teu chá os Numes adoráveis,
E d'Hipocrene santa Apolo jura
Infundir-lhes os dons incomparáveis¹⁹.

Soneto à Amnistia

Trasíbulo ganhou fama imortal
Criando a lei suave d'amnistia
À Pátria deu a paz, e hoje Maria
A promulga de novo em Portugal²⁰

Um perdão, prolongando sempre o mal
Que a ignorância em sinónimo avalia
Não vale esquecimento, ou bastaria
Para apagar os danos em geral.

Mas tu propício Deus! Tu que criaste
Um ser que à lusa terra só convinha,
As mais puras verdades lhe inspiraste.

A favor da Nação tudo adivinha
E se eu cantar puder quanto a exaltaste,
Julgarei que a ventura é também minha.

Feito no Paço esperando muitas horas para pedir
a salvação do Reino em 1801

Corte! Sítio vedado ao sentimento.
D'ilusões perigosas triste abrigo.
No teu seio me encontro só comigo
Que em mim tem a verdade cabimento.

Praza aos Céus que não sejas monumento
Do erro vil, das traças do inímigo
Os meus olhos fiéis vem teu perigo
E não poder salvar-te é o meu tormento.

Contenta-te das lágrimas que choro!
O meu sangue te dera se esse preço
Obtivesse a justiça que hoje imploro.

Mas tudo é vão, não vale o que mereço,
Com o meu próprio zelo me devoro
Sem que doa a ninguém o que padeço.

Imitação do soneto de Pastorini, que começa
«Genova mia, etc.»

Lusitânia querida! Se não choro
Vendo assim lacerado o teu terreno,
Não é d'ingrata filha o dó pequeno
Rebeldes julgo os ais se te deploro.

Admiro de teus danos o decoro
Bebeu Sócrates firme o seu veneno
E em qualquer parte, do perigo o aceno
Encontra e cresce o teu valor que adoro.

Mais que a vitória vale um sofrer belo²¹
E assaz te vingas de opressões fatais
Se arrasada te vês sem percebê-lo.

Povos! A independência que abraçais
Aplaudes alegre o estrago, e grita ao vê-lo
Ruína sim, mas servidão jamais!

Feito em 1809

Crespas as águas, taciturno o Tejo
Às áureas praias suas me chamava,
E quando, incerta, asilo ali buscava
A majestosa Pátria ante mim vejo.

Vinha qual sempre a viu o meu Desejo,
De lealdade e d' honra se adornava:
Religiosa fé, glória brilhava
Nas mais virtudes, que eram seu cortejo.

Eis-me aqui, qual me queres, me dizia
Não temas que as paixões me desfigurem
Nem que meu traje esconda aleivosia.

Ordena à multidão que todos jurem
Defender a Rezão sem cobardia
E que em amar seu Rei todos se apurem²².

Soneto à morte do heroico G.²³

Abre-se o Céu. G[omes] triunfante
Colhe dos Anjos um aplauso imenso;
Ante o Trono de Deus qual puro incenso
Põe juramento ileso, e alma constante.

Trajou do Crime a roupa negrejante
A antiga fé, envolta num véu denso
Nos corações inflige golpe intenso
Do Herói o doloroso, último instante.

Tais de um Dite infernal são os Decretos
Que inocentes arrastam animosos,
À glória por caminhos indiretos.

Sem vingar nossos males espantosos,
Nas mãos de Jove²⁴ dormireis quietos
Até quando? Coriscos preguiçosos!

À chegada de Pedro Quarto às praias de Mindelo

Pedro quarto, o Herói, nos aparece,
Em Portugal legítimo Reinante:
D'ingratidões e crimes triunfante,
Hoje a nossa ventura reflorece.

Tanto bem afiança e fortalece
A angélica Maria astro brilhante;
E a glória d'ambos seja tão constante
Qual nosso amor foi firme, e permanece.

Murcharam-se os martírios e a saudade
A discórdia sem fruto aflita brama
Vai sumir-se no Averno a atrocidade

Do Trono de Bragança a farta rama
Tocará nos umbrais da Eternidade,
E a nossa pura fé recorde a Fama.

24 de julho de 1834

Nas alturas do Pindo se juntavam
As celestes Irmãs do Deus da Lira²⁵
E quanto aos vates Estro altivo inspira
Com divina harmonia modulavam

Os suavíssimos Ecos retumbavam
Na Abóbada elevada de Safira,
Sem que Nume ou mortal ousado infira
A quem um tal festejo dedicavam.

Nisto baixa dos Astros despedida
Astreia, a justa, em rápida carreira²⁶
E à moribunda Lísia vem dar vida

Brinda os Lusos, com glória verdadeira
Pois ao maior valor, modéstia unida
Resplandece no Duque da Terceira²⁷.

Fecunda Natureza, em vão procura
Contigo competir Arte engenhosa;
Tu és mais agradável, mais formosa
Do que quanto inventou a Arquitetura.

Como vem despenhada esta água pura!
Como se vê esta árvore frondosa!
Convidando na sesta mais calmosa
A gozar do sossego e da frescura!

Sítio feliz, se fosses habitado
Por quem livre de amor e de tristeza
Só em ti limitasse o seu cuidado:

Então seria (que ditosa empresa!)
Em verso brando, em verso delicado
Visto todo o poder da Natureza.

Se me aparto de ti, Deus de bondade,
Que ausência tão cruel! Como é possível
Que me leve a um abismo tão terrível
O pendor infeliz da humanidade!

Conforta-me, Senhor, que esta saudade
Me despedaça o coração sensível;
Se a teus olhos na cruz sou desprezível,
Não olhes para a minha iniquidade.

À suave esperança me entregaste,
E o preço de teu sangue precioso
Me afiança que não me abandonaste.

Se, justo, castigar-me te é forçoso,
Lembre-te que te amei, e me criaste
Para habitar contigo o Céu lustroso

A Jesus Cristo

Se a dar-vos morte, ó Deus! um só pecado
Bastou que Adão tivesse cometido,
Eu, que em tantos, meu Deus! hei delinquido
Quantas mortes vos tenho renovado...!

Adão, de um só delito horrorizado
O deixou no seu pranto submergido;
Porém, meu coração indurecido
Não duvidou mil vezes ser culpado.

Eu fui, Senhor! Eu fui quem descontente
Da morte que vos deram sem piedade,
O peito vos rasguei mais cruelmente.

Se não lavam a minha iniquidade
As lágrimas que choro amargamente
Ai de mim! na espantosa eternidade.

Achando-se a autora doente, em perigo
de vida

Este ser que me deu a Natureza
Vai desorganizando a enfermidade
Sinto apagar da vida a claridade
Doma as corpóreas forças a fraqueza.

Vai crescendo em minh'alma a fortaleza
Quando cresce do mal a intensidade
As Áureas Portas me abre a eternidade
E lá cessam cuidados e tristeza.

Vou amar quem somente é sempre amável
Em oxigénias luzes abraçar-me
Nunca errar, nem temer gente implacável.

Vou nos jardins celestes recrear-me
E no seio de um Deus justo, adorável,
A tudo o que me falta associar-me.

Às minhas filhas, longe delas em Inglaterra,
e doente

Não tem havido mal que eu não suporte
O Fado contra mim tudo provoca
Desfalecido o peito, a voz já rouca,
Em vão invoco um ser que me conforte.

Adeus, queridas filhas! Chega a morte
Oíço a trombeta que um Arcanjo emboca
Na Eternidade o tempo se me troca
E pela tumba fria, a Pátria, a Corte.

Encham de honra e piedade este intervalo
Certas de um fim que a todos se avezinha
Que já não vivo escutem sem abalo.

O maior dom dos Céus na mão já tinha
Porém faltam-me os dias [de] lográ-lo
O mundo é para os mais, a cova minha.

Soneto Amargo

Não sei para que vivo se a ventura
Logo ao nascer me olhou com rigor tanto
Que a flor dos anos meus regou de pranto
Murchando-lhe, sem dó, toda a frescura.

Mudou depois a cena de figura
Fui delícia dos meus, d'outros espanto
Gozei da nova aurora o doce encanto
Mas tudo se fechou na sepultura.

De suaves penhores de amor terno
Ó sorte! generosa me cercaste[s]
Esqueci que este bem não era eterno.

Uns escutaram dogmas de Cerastes²⁸
Outros de Ingratidões sofrem o Inferno
Infeliz Coração, para que amastes?

Ao Juízo

Flagelo do infeliz proprietário!
Juízo! Instigador da cruel sorte!
Não tens preço senão depois da morte,
Não és para a Fortuna necessário.

Achas num companheiro um adversário
No tolo achar censor ‘inda mais forte
Sem jamais encontrar quem te suporte
Vai-te esconder num antro solitário.

Isso faço: responde-lhe o Juízo.
Vou para o campo; o sol, plantas, e Rio
Cá me compõe[m] na Terra um paraíso

Vão os asnos juntar-se no Rossio
Façam Licurgos²⁹; não lhe importe o siso
Nem se queixem depois do tresvalio.

A uma Senhora que principiava a fazer versos e me
pediu os meus fracos conselhos sobre os primeiros
que fez, os quais foram eróticos³⁰

Scribenti rectè sapere est et principium et fons.

Horácio, *Arte Poética*

Ninfa gentil, não penses que em Citera
De Aganipe há quem prove a pura enchente
Colhe Amor algum mirto florecente
Porém não tece Amor a c'roa d' Hera.

O menino travesso bem quisera
Turbar da fonte a veia transparente,
E publica entre falsa e néscia gente
Que nos braços d'Erato adormecera³¹.

Mas quem buscar da mágica Poesia
O harmonioso som que a alma namora,
A leis sábias submeta a fantasia.

Não creia Amor, que mente a cada hora;
Leia os vates sublimes d'algum dia,
Estes os templos onde Apolo mora.

A Jônio, que quer que imprima as minhas Obras

Folhas de louro, e algumas bagas pecas
Basculhei nas aleias do Parnaso³²;
Este lixo está junto, e por acaso
Entre ele algumas flores menos secas.

Cuidei ter Rouxinóis, achei Marrecas:
Tentada estou de pôr tudo isto raso
Porém, discreto Jônio faço caso
De quanto neste assunto me deprecas.

Arranjarei meus versos, sem que exponha
Sua inocência a Zoilos sem piedade,
Que os leiam mal, e os cubram de vergonha³³:

E se o que dizes valem na verdade
Livremo-los por ora de Peçonha,
E vão salvos à sã Posteridade.

Notas

1 Este soneto é apresentado como tendo sido o primeiro que D. Leonor de Almeida escreveu, aos 15 anos de idade, quer na 1.^a edição das obras completas de D. Leonor publicada em 1844, quer em algumas das cópias manuscritas que dele se preservam.

Saturno (v. 5): personificação mitológica do Tempo. Segundo a lenda teria ensinado aos homens a agricultura e iniciado o reinado de harmonia na Terra a que se chamou Idade do Ouro; *Cípria* (v. 8): uma das designações da deusa Vénus aludindo ao facto de ter nascido na ilha de Chipre; *Délio* (v. 12): uma das designações do deus Apolo, aqui evocado enquanto condutor do carro do Sol, prestes a entrar nas águas; *Bóreas* (v. 13): designação mitológica do deus dos ventos do Norte, a quem se atribuía a qualidade da ligeireza; A alusão à *Fortuna* (vv. 9-11) refere-se à representação pictórica tradicional desta deusa, muito divulgada pelos livros de emblemas desde o século XVI, que pretendia significar o carácter aleatório e passageiro do bom e do mau: era representada cega ou de olhos vendados, calva, e com asas nos pés, estando um deles apoiado sobre uma roda e o outro no ar.

2 «*Eu cantarei um dia da tristeza*» é a tradução de um verso de Francesco Petrarca («*lo canterei d'Amor sì novamante*», soneto n.º 131 do *Canzoniere*) já usado na composição de sonetos por Camões e por outros poetas portugueses da segunda metade do século XVI.

3 Apesar de não se tratar de uma entidade mitológica, a Melancolia surge aqui personificada alegoricamente e a autora dirige-se-lhe chamando-lhe «Deusa» e «Ninfa».

4 Este verso de D. Leonor de Almeida pode ter sido inspirado na leitura do Sermão de S. João Baptista do P.º António Vieira, pre-

gado em 1644, na passagem onde se lê: «E como Cristo amava tão extremadamente aos homens e via que, morrendo na cruz, se acabava a matéria a suas finezas, que fez? Inventou milagrosamente no sacramento um modo de morrer sem acabar, para, morrendo, poder dar a vida, e, não acabando, poder repetir a morte.»

5 *Febo* (v. 2): é uma forma poética de designar o Sol. Ao dizer que *Febo solta sobre o Oriente os cabelos douradores* a autora refere-se ao nascer do dia, que contrasta com a cor negra que atribui ao seu sofrimento.

6 A autora alude a diversas entidades do mundo subterrâneo da mitologia clássica, ou seja, do Inferno, para onde eram levados os mortos. O *ladrador trifauce* (v. 2) é Cérbero, o cão de três cabeças que guardava a porta do Hades; o *Tártaro* (v. 3) era o lugar dos infernos reservado aos suplícios; as *Fúrias* (v. 8) eram as entidades que aplicavam os castigos infernais.

7 São evocados aqui dois suplícios célebres: *Tício* (v. 9) é o nome do gigante que foi fulminado por Zeus por ter tentado violar Leto e condenado a viver no Tártaro, onde dois abutres lhe roíam permanentemente o fígado que crescia continuamente, e *Tântalo* (v. 10) era nome do rei da Lídia que serviu aos deuses como refeição pedaços do seu próprio filho. Como castigo, Júpiter fê-lo permanecer no Tártaro sofrendo fome e sede sem poder saciar-se. *Leteu* (v. 12) ou *Letes* era o nome de um dos rios do Inferno subterrâneo da mitologia que causava o esquecimento em quem o atravessava e naqueles que bebiam das suas águas.

8 Trata-se aqui de um soneto de autoria coletiva que resultou, muito provavelmente, da colaboração poética entre D. Leonor (*Lília*), sua irmã D. Maria (*Márcia*) e Mariana, uma discípula que a autora menciona na correspondência do período de Chelas, a quem também dá o nome de *Fílis*.

9 *Piério* é o nome convencionalizado atribuído pela autora a seu irmão, D. Pedro José de Almeida Portugal. Sabemos, pela correspondência desse período, que D. Pedro tocava flauta na grade do convento de Chelas quando visitava a mãe e as irmãs. *Báratro* (v. 4) é uma das designações do Inferno; *Megera* (v. 4) era uma das três *Fúrias*, que habitavam o Inferno e infligiam os suplícios aos condenados (as outras duas eram *Alecto* e *Tisifone*). *Pindo* (v. 6), nome de um dos montes da Grécia onde se acreditava que viviam Apolo e as Musas. *Délio* (v. 8), designação dada a Apolo pelo facto de conduzir o carro do Sol. Para sublinhar o carácter suave e doce da música da flauta e dos versos que esta inspiraria, a autora evoca *Camena* (v. 9): nome romano das ninfas das fontes devido à suavidade do seu canto; *Ambrosia* (v. 10) era um dos alimentos dos deuses, considerado mais doce do que o

mel; *Apolo* (v. 12), para além de outros atributos, era o deus da música, da poesia, das artes, da medicina, da verdade e da luz.

10 *Leucade* (v. 9) era o nome do rochedo na Grécia de onde, segundo a lenda, a poetisa Safo se teria precipitado, suicidando-se em desespero pelo seu amor por Faon não ser correspondido. *Artemisa* (v. 5) era o nome da mulher de Mausolo que mandou construir um túmulo sumptuoso em honra de seu marido, considerado na Antiguidade uma das sete maravilhas do mundo. *Salamina* (v. 8) era uma cidade da Antiguidade famosa pelo culto de Júpiter. *Epiro* (v. 14) era nome de um reino grego situado na vizinhança do golfo adriático. A palavra parece ser aqui usada para significar, globalmente, a Grécia antiga.

11 *Saturno* (v. 6), nome do deus que simbolizava o tempo, aqui evocado num contexto em que os momentos dolorosos do presente são comparados com os momentos comparativamente menos terríveis do passado.

12 *Plectro* (v. 1), varinha usada pelos antigos para fazer soar as cordas da lira, o instrumento cujo som acompanhava, na Antiguidade, a recitação poética. A palavra é usada como sinónimo de poesia.

13 O texto celebra a criação da Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande, com o estabelecimento de William Stephens, industrial do vidro, na Marinha Grande. A viabilização da fábrica deveu-se à proteção do Marquês de Pombal a Stephens através da concessão de subsídios e da autorização para utilizar gratuitamente a madeira do pinhal de Leiria como lenha para a alimentar os fornos necessários à fabricação do vidro.

14 *Heróis famosos gerados dos dentes das feras* (vv. 1-2), alude-se aqui a um episódio mitológico passado com Cadmo, rei de Tebas, que semeou os dentes de um dragão, dos quais nasceram homens armados. A referência aos *muros de Tebas* levantados ao som da lira (vv. 3-4) alude ao mito de Anfión, de quem se acreditava ser o inventor da música, juntamente com seu irmão, Zeto. Segundo o mito, as pedras, sensíveis à melodia tocada por Anfión na lira, ter-se-iam colocado nos lugares que deveriam ocupar, edificando assim os muros da cidade de Tebas.

15 *Averno* (v. 6) era o nome de um lago da Campânia, de exalações venenosas, que se supunha ser a entrada dos Infernos.

16 «El-rei D. Dinis.» (*Nota da autora.*) A evocação de D. Dinis remete para o facto de se considerar que este monarca teria mandado plantar o pinhal de Leiria, localidade próxima da Marinha Grande.

17 Alusão ao mito de *Ícaro*, filho de Dédalo, que, juntamente com seu pai, tentou fugir do labirinto de Creta voando com asas coladas ao corpo com cera. Uma vez no ar, Ícaro esqueceu as recomendações paternas e aproximou-se do Sol, cujo calor fez derreter a cera das

asas causando a sua queda no mar e a sua morte. Neste soneto a autora opõe o destino de Ícaro ao do «novo Ícaro», Robertson, a quem o «saber» permitiria cair dos ares usando o paraquedas, sem sofrer qualquer dano. A autora refere-se provavelmente à experiência realizada por Eugene Guillermo Robertson (1799-1838) em Lisboa, onde fez a sua primeira descida a solo de paraquedas, em 14 de maio de 1819, depois de ter ascendido em balão, tendo repetido o feito em 12 de dezembro do mesmo ano. É possível que a autora tenha assistido a alguma das descidas, ainda que estas também tenham sido relatadas na *Gazeta de Lisboa*.

18 «Anfião, bebida oriental.» (Nota da autora.)

19 *Pandora* (v. 3) era o nome de uma estátua que Vulcano esculpiu e a quem os deuses encheram de perfeições; *Ganimedes* (v. 7), deus jovem tão belo e gentil que Júpiter mandou raptá-lo por uma águia (ou, noutras versões, se transformou em águia para raptá-lo) para que fosse ele a servir-lhe o néctar de que se alimentavam os deuses. *Lieu* (v. 11): uma das designações do deus do vinho, *Baco*. *Numes* (v. 12): o mesmo que deuses. A autora imagina que os deuses provam o chá que lhe foi oferecido e que gostam tanto dele que *Apolo* (v. 13) lhe atribui as virtudes das águas da fonte de *Hipocrene* (v. 13) consagrada ao deus e às Musas.

20 *Trasíbulo* (v. 1): nome de um militar e político ateniense que viveu nos séculos IV e III antes de Cristo (c. 445-388 a. C.). Trasíbulo encabeçou a resistência contra a tirania e pôs fim ao regime dos *trinta tiranos* de Atenas em 403 a. C. Este soneto parece aludir à amnistia dos prisioneiros políticos promulgada por D. Maria I quando subiu ao trono depois da morte de D. José I em 1777, graças à qual D. Leonor de Almeida Portugal, sua mãe, seu pai e sua irmã foram libertados.

21 Este verso, adaptado do poema de Pastorini cujo primeiro verso é: «Génova mia, se con asciuto ciglio», que lhe serve de inspiração, é, de facto, uma adaptação de um verso de Petrarca: «*Un bel morir tutta la vita onora*».

22 O soneto parece aludir ao sucedido no ano de 1809, no qual o Exército francês, comandado pelo marechal Soult, invadiu o território português dando início à 2.^a invasão francesa.

23 Supomos que esta composição alude à morte do general Gomes Freire de Andrade (1757-1817), executado por ordem do Conselho de Regência em 1817 durante o governo do marechal William Beresford.

24 *Jove* (v. 13) era o pai dos Deuses na mitologia romana; surge aqui como alegoria da divindade suprema.

25 *As celestes Irmãs do Deus da lira* (v. 2) trata-se de uma alusão às *Musas*, inspiradoras da poesia, irmãs de *Apolo* e moradoras no *Pindo*, um dos montes da Grécia que lhes era consagrado.

26 A autora imagina que *Astreia* (v. 10), a deusa da justiça, baixa dos céus à terra para dar vida a *Lísia* (v. 11), personificação alegórica de Portugal.

27 Alusão ao 1.º duque da Terceira, António José Manuel de Meneses Severim de Noronha (1792-1860), herói das guerras liberais e líder dos Cartistas.

28 *Cerastes* (v. 12) era a designação dada na Antiguidade aos povos de Amatonta, célebres pela crueldade, que tinham o costume de oferecer os estrangeiros em sacrifício a *Vénus*.

29 *Licurgo* (v. 13), nome do legislador lendário de Esparta.

30 *Versos eróticos*: neste contexto e nesta época, a palavra significa simplesmente «de amor».

31 *Citera* (v. 1) era o nome de uma ilha cujos habitantes adoravam a *Vénus*, deusa do amor e da fertilidade, junto da qual se acreditava que esta tinha nascido, procedendo da espuma do mar; *Aganipe* (v. 2) era o nome da fonte dedicada a Apolo e às Musas cujas águas tinham a propriedade de inspirar os poetas; *Porém não tece Amor a c'roa d' Hera* (v. 4) pelo facto de não perder as folhas e de se manter sempre verde, a hera era um símbolo de permanência e de imortalidade. *Erato* (v. 8), musa inspiradora da poesia lírica, geralmente representada com uma coroa de flores e uma lira, tendo junto a si Cupido.

32 *Parnaso* (v. 2) era o nome de um dos montes da Grécia Antiga consagrado às Musas. Aqui a referência é usada em sentido figurado para significar a poesia e a inspiração poética.

33 *Zoilo* (v. 10) era o nome do crítico da Antiguidade que ficou célebre por ter censurado com injustiça e malevolência os poemas de Homero. É evocado aqui como personificação alegórica da crítica malévola.

Canções

Ao Despotismo¹

Pensamentos, nacei, que Apolo o manda²;

Atrevidos nacei, em liberdade:

Quando a mão execranda

Do Poder, ou da fera atrocidade,

Vos queira comprimir o voo altivo,

Soltos voai, impávidos rompendo

O véu em que a mentira

Quer simuladamente ir-se envolvendo.

Contra a luz da justiça tremulando

Assustados os vícios se arremessam

A máscara rasgando;

Com vacilante pé, coxos tropeçam

Ante o gesto brilhante da verdade,

E vão bater co'as formas espantosas

Nos escolhos medonhos

Que as Fúrias acarretam cavilosas³.

Levantai-vos, clamores, do meu peito,
Não peses, mão, co'a força das cadeias;
 É vergonhoso efeito
Do Despotismo, limitar ideias;
Os sustos pusilânimes nasceram
No seio deste monstro assaz fecundo;
 Dele, ai de nós! Derivam
Os males que hoje inundam todo o mundo.

Como te pintará meu verso triste?
Despotismo cruel! Tua face vejo...
 Com Jove te mediste,
Altivo levantando a voz sem pejo:
Antropófago cru, lavado em sangue,
Monstro sem lei, que as leis todas despreza,
 E arrastra sem vergonha
O código da sábia Natureza⁴.

Tu, enérgicas almas abatendo,
Em lugar da virtude generosa
 Nelas foste acendendo
Aduladora chama melindrosa:
Do vil receio os corações dominas,
Decorado dos trajes da Prudência,
 E espíritos arrastras
Ante as aras profanas da indecência.

O Fanatismo segue-te choroso,
Cinge a corda, o cilício não despreza;
 Mas punhal sanguinoso
Esconde para a vítima indefesa;
Levanta os olhos para o Céu que argúí
Com brandos sons, com vozes simuladas;
 As entranhas lacera,
E a fraude guia às mentes subjugadas.

Solta, ó Jove, os teus raios sobre o impio;
Cibebe antiga, traga este tirano;
 Surge, ó severo brio!
Virtude! Surge, e vence o nosso dano:
Se uma vítima falta ao Despotismo,
Lília se of'rece aos fados tenebrosos⁵;
 Farte em mim seus furores,
E os mais homens enfim sejam ditosos⁶.

Escutai-me, altos muros pavorosos,
Regiões de silêncio e d'amargura;
 Canções de mágoa pura
Gemente solte a lira ao desamparo.
Volve a elástica luz aos Céus formosos
 Se Febo a manda ao vale;
Mas em vão quer a sorte que eu me cale,
Forçando o mesmo Febo a ser avaro⁷.

No peito aflito surge um novo canto;
Nasce em nós a harmonia da tristeza;
 Exprime com clareza
Um triste a dor que sente, as mágoas suas:
A lira move mais lavada em pranto,
 Que de louro virente
Pela Musa enramada, alegremente
Cantando Amor e as lindas Graças suas⁸.

Que momento haverá que me não desse
Assunto a canto lúgubre e sentido?

Que gesto embravecido
De Fortuna sem tino se olharia
Que contra mim bramindo não volvesse
As mãos estragadoras?
Que não faça colheita em curtas horas
Dos mais ténues indícios d'alegria?

Vi daqui a inocente Liberdade,
Qual uma pomba cândida e mimosa,
Vir pousar-se gostosa
Sobre os mesmos grilhões que arrasto aflita;
Mas quando o peito (asilo d'amizade)
Co'as asas branda afaga,
Repara que Fortuna tudo estraga,
E volta aos leves ares onde habita.

Com vagos pensamentos e suspiros
Que um doce ignoto fogo em mim criava,
O lindo Amor chamava,
A quem nunca pensei fosse importuna
A reclusa inocência dos retiros;
Mas o rapaz medroso,
Sem dó do triste peito lastimoso,
Nunca me ouviu, com medo da Fortuna⁹.

Vibrava o ar ligeiro terno acento,
Tecido na inflamada fantasia;
Somente o ar gemia;
E aos reflexos que Délio cintilava¹⁰
Só trabalhava o simples pensamento:
Assim meus cruéis danos
Menos ríspidos fiz, menos tiranos:
E disto o mundo estulto murmurava!...

Já tudo me fugiu, já não escuto
Mais que o surdo rumor que a mágoa excita.

Abre um som, terna flauta, como aquele
Que soa nos ouvidos do que adora
Quando «*meu bem*» lhe chama a sua Pastora.
Embora por Apolo se desvele
O seguidor das Filhas da Memória;
Despreza essa inútil glória;
E o Deus motor do brando sentimento
Te afine agora, mágico instrumento¹¹.

Não tenho inveja à bélica trombeta
Com que em rimas ornadas e cadentes
Nas bordas do Escamandro Heróis valentes
Armados canta a Musa mais discreta:
Guiada de amoroso e vão desejo
Aquele fogo invejo
Que de Tibulo os versos animava,
E os suspiros no peito lhe ateava¹².

Vou seguindo essa nau que sulca os mares,
E entre o rumor das ondas bramidoras,
Entre o canto daquelas que sonoras
Do berço de Nereu rompem os ares;
Distingo os ais d'Ovídio, que gemendo
 Me faz ir aprendendo
*Em versos desiguais, nos tristes vales,
De mirtos coroada, a cantar males*¹³.

Com simpatia doce vou seguindo
O latino pastor ao seu degrado,
E enquanto estou seu terno dano ouvindo
Triste o comparo aos meus, mas em segredo.
Nas cordas dessa cítara divina
 O nome de Corina¹⁴
Soa, ao tempo que dentro do meu peito
Amor grava outro nome, outro sujeito.

De um terno sentimento arrebatada
Já me finjo nos bosques de Citera,
Já de amor, já de gosto desmaiada...
Quem provar quanto finge, ó Céus, pudera!
Todo o cortejo amável que Amor segue,
 Todo o bem que consegue
Quem na Elísia campina já descansa
Se excede na ficção, e até se alcança¹⁵.

Aquela vista branda que premeia
Os suspiros de uma alma delicada,
Aquela simpatia que uma ideia
À de outrem docemente vê ligada;
Uma sempre conforme inteligência
 Mesmo apesar da ausência,
Um nunca duvidar de quem se adora,
Arte doce, ditosa, encantadora!...

Mas qual negro vapor da terra fria
Sai rápido, e nos ares condensando
Escuro torna o mais brilhante dia;
Tal acerbo o receio levantando
No peito se amotina cruelmente;
 Tirano só consente
Junto a Amor uma fúria vigilante,
Que sem piedade rasga o peito amante.

Que mal podes cantar, flauta, uns tais danos!
Os olhos vem fugir várias auras
Sem fechar-se; veriam correr anos
Se das tartáreas Parcas agressoras
A tesoura fatal pronta não fora
 A cortar sem demora,
Em terminar de um golpe a fraca vida,
Em suspeitas e sustos consumida.

Mas se acaso o vapor de um sono leve
Se espalha sobre as pálpebras cansadas,
Logo um sonho funesto faz mais breve
O repouso, com mil ficções magoadas.
Acordo, por tornar a sentir logo
 Aquele voraz fogo
Que nem água, nem lágrimas saudosas
Lhe moderam as chamas vigorosas.

Ah! quanto caro custa o ser sensível!
Faz com dor arrancar do peito os ais
Não só no dano próprio, se é possível
Naqueles de quem sofre outros iguais.
Se a bela Clícia a Délio vai seguindo,
 Com ela vou sentindo
Essa dura, funesta crueldade
Do fugitivo Pai da claridade¹⁶.

Se Délio Dafne segue, eu conto os passos
Da filha de Peneu; o mal primeiro
Desculpo ao Deus, beijando os novos laços,
E suspirando à sombra do loureiro¹⁷.
Ah! Quantas vezes, quantas! Com ternura,
Com pranto de amargura,
Eu lavo esses escritos namorados
De mil ternos amantes desgraçados!

Os versos de Petrarca, onde ele deixa
A cópia de seu terno coração,
Que suspiro não forma ou branda queixa
Que por Laura não seja... ou sem razão
De algum Génio cruel, que desapiedado
Deixa o laço quebrado
De uma doce união que Amor formara,
Se o Destino incoerente o não negara!

Faze, triste Canção, lugar ao pranto...
Já vão correndo as lágrimas saudosas...
Ah! Suspendei, ó penhas cavernosas,
As suaves respostas do meu canto¹⁸.

De Safo

Se descrever ao menos eu pudesse
Os pássaros, as flores,
Se a relva descrevesse
Sobre a qual dormem plácidos Amores;
Se depois de um silêncio rigoroso,
Do rouxinol somente interrompido,
Pintara seu terníssimo gemido,
Que este comove vale cavernoso,
Na rude flauta os versos modulados
Deram conforto aos danos meus pesados.

Mas só da noite escura e pavorosa
Espectros denegridos,
Só da penha musgosa,
Que repete das feras os bramidos,
O ar gelado, o desabrido vento,
Que faz gemer os troncos abalados,
Sei descrever em versos magoados,
Concebidos no seio do tormento:
Vós, Musas, não ditais ao descontente
Senão cópias do mal que aflito sente¹⁹.

Eu não corro com Cíntia delicada
O vasto firmamento;
Com ela namorada
Pelos montes d'Elide o sonolento
Pastor, entre o prazer, não vou buscando:
Cortejada dos sonhos denegridos,
Sombras, sustos cruéis, espavoridos,
Do negro Orco o centro procurando,
Com terror n'alma, sem que me dilate,
Voo após a medonha e séria Hecate²⁰.

Tício, Tício infeliz, quanto te invejo
Do abutre devorado!...
Se em ti louco desejo
Apolo, o grande Apolo, tem vingado,
De tua dor se lastima a Natureza;
Em chamas ateadas, crepitantes,
Rebentam teus suspiros arrogantes,
Que a Sicília comovem com tristeza;
E o Etna espantoso, com ruído
Repete ao mundo o som do teu gemido²¹.

Estâncias do silêncio denegridas,
E formas espantosas,
Que já soltando as vidas,
Sois ténues sombras, sombras horrorosas;
Vós, Cilas, Estinfalides, Harpias,
Cansado e taciturno sono eterno,
Cão trífauce, que ladras no Averno,
Vós não encheis de horror meus tristes dias:
Só tu, devoradora ingratidão,
Despedaças meu terno coração²².

Vai-te, monstro que bebes sangue humano,
Formado n'alta ideia,
No peito assaz tirano
De quem de Safo os votos senhoreia.
E tu, canção gerada em noite escura,
Nascida entre os horrores da saudade,
Voa, e goza a perdida liberdade
Que me guarda sem dor a Sorte escura.
Amor, Amor, não ouças meus clamores,
Que aumentas um triunfo a teus furores.

Às Águas

Turbate son l'onde

Del saggio Hyppocrene,

E Apollo divvene

Ministro d'Amor.

Metast. Asil. d'Amore.

Claras águas, de que ouço o murmúrio,
Calado bosque, ermo, que sombrio
Abrigas em teu centro o escuro medo;
 O mais terno segredo
Vem Alcipe fiar-vos no seu canto.
 Doei-vos, selvas tristes,
 Das mágoas que me ouvistes
Desde que a voz queixosa aos Céus levanto.

Não são as minhas mágoas, não, vulgares:
Inventou para mim novos pesares,
No seu furor, a sorte mais adversa.
 Águas! Quanto diversa
Junto das vossas margens estive um dia!
 Um dia só contente,
 Que o fado cruelmente
Alonga a dor, e encurta uma alegria.

Ali na fresca areia destas praias,
Repousando-me à sombra d'altas faias,
Via passar a plácida corrente;
Versos alegremente
Ditava Amor ao brando som da lira;
Os Génios namorados
Me contavam cuidados
Que escutam de Citera a quem suspira²³.

Nas verduras meus olhos alongando,
Passava o tempo leda; um gesto brando
Enleava meus ternos pensamentos;
Jamais os sonolentos
Filhos do Erebo, males desumanos,
O seu negro vapor
Espalharam ao redor
Do asilo em que passei meus ternos anos²⁴.

Quantas vezes a Musa me guiava
Ao lugar em que terno suspirava
Petrarca saudoso! Que em Vaucluso
Suave fez o uso
Da cítara cadente, repetindo
Aquela branda história
Que lhe pôs na memória,
Com as farpas de Amor, um gesto lindo.

Aonde os pensamentos me levavam!
Parcia-me que as Musas enlaçavam
Com fios d'oiro as ramas do loureiro;
Depois, que o Deus flecheiro
Verdes mirtos colhendo os ia unindo
À formosa capela
De que a Musa mais bela
C'roou Petrarca «*Laura*» repetindo²⁵.

Sonhos vão que forjava a fantasia!...
Prazeres que benigno Amor fingia!...
As Driades me ouviram mil canções,
 Que aos ternos corações
Excitaram mil gratos sentimentos:
 Hoje nos troncos duros,
 De meus fados escuros
Escrevo os tão diversos movimentos!²⁶

A minha antiga Musa se desvia,
Só m'inspira a cruel melancolia;
Outro Apolo não tenho que o meu dano:
 Às vezes d'ano a ano
Uma triste cantiga solitária
 No centro do retiro,
 Seguida de um suspiro
Arranca do meu peito a sorte vária.

Oh Nai'des, que do fundo desta fonte
Ouvís o mal que Amor manda que eu conte;
Se acaso minhas lágrimas saudosas
 Distinguirdes piedosas,
Ah! Condoei-vos, sim, do dano meu:
 Se o mal que eu choro tanto
 Paga outro terno pranto,
Dai-me a sorte feliz do claro Alfeu²⁷.

Canção, vai; que a levar-te não me atrevo;
Segue longe do meu outro destino;
Enquanto nos pesares que imagino
A minha acerba dor eu triste cevo²⁸.

Ciúmes

De teus golpes cuidei que as pisaduras
Somente o teu deleite recordassem;
Tantas lágrimas, tantas amarguras,
Cuidei, severo Amor, que te bastassem:
Eis que os ares rasgando,
Entre a acesa coorte das saudades,
Vens armado de novas crueldades,
Que em meu coração vais exp'rimtando.

Nas primícias da vida, nessa idade
Em que um vago sentir me denotava
Teu poder, fero Deus, já co'a vontade
A impotente razão se disputava:
Dos ares perfumados,
Do argentino cristal das frescas fontes
Me aturdiam reclamos namorados,
Me falavam de Amor vales e montes.

Bastava a luz, bastava-me o ar ligeiro,
Um gorjeio das aves deleitoso,
O surdo murmurar de algum ribeiro,
A escuridão de um vale cavernoso,
 Para a pronta memória
Me recordar de Clície, ou de Aretusa,
De mil ternos amantes larga história,
E ficar pelo exemplo a alma confusa²⁹.

Neste estado bradou-me Amor tão alto,
Que a glória de vencer julguei pequena,
E o gosto de ceder ao doce assalto
Inacessível sempre à menor pena:
 Bebi da doce taça
Que continha teus filtros venenosos...
O prazer foi somente uma negaça,
Amor! e teus favores cavilosos.

Na torrente de um fogo azul, espesso,
Que vermelhos relâmpagos rompiam,
Os enganos não vi, que os não conheço,
Não percebi que afoitos te seguiam;
 Se um verdugo, uma harpia,
O Ciúme, meu peito já roendo,
Me não mostrasse, rindo, a aleivosia
Que ingénuos corações estava mordendo³⁰.

À luz sulfúrea e pálida da tocha,
Com que o monstro feroz me alumiaava,
Vi da triste Medeia a face roxa,
Que os torvos olhos contra o Céu voltava:
 Hécate macilenta,
Que o espírito de Dido amedrentado
Às sombras dos ingratos apresenta,
Para mais increpar-lhe o seu pecado³¹.

Do Averno as brônzeas portas se me abriram,
E turbilhões de amantes enganados
As eternas abóbadas feriram,
Explicando o seu mal com feros brados:
 Qual de Sísifo chora
Não ter em troca a pena; qual sem tino
As fúrias inquietas chama, implora,
E em vão pretende o fim do seu destino...³²

Mas qual Bóreas, que altivo se levanta,
Troncos abate, messes arruína,
Derruba capitéis, povos espanta,
E envolve em pó os campos que amotina:³³
 Assim varreu agora
Este grupo d'imagens desastradas
A suspeita feroz que me devora...
Cruel Amor!... Suspeitas desgraçadas!...

Vai sobre as asas desse monstro infame,
Vai, Canção, assustar a quem adoro;
De remorsos cruéis férvido enxame
Vingue nele estas lágrimas que choro.

Notas

1 «Estando presa em Chelas, na idade de dezoito anos.» (Nota da autora.)

2 *Apolo* (v. 1), divindade invocada aqui enquanto deus da poesia e da verdade.

3 *Fúrias* (v. 16), entidades que aplicavam os castigos infernais, aludidas aqui como personificações do mal.

4 *Jove* (v. 27 e v. 49), designação do Pai dos deuses, aqui referida pela autora como alegoria do poder divino.

5 *Lília*, *Lize* e *Laura* são nomes poéticos que a autora adotou para si antes de se chamar *Alcípe*, nome que lhe foi posto por Francisco Manuel do Nascimento, segundo ela mesma. (Nota da edição de 1844.)

6 *Jove* (v. 27 e v. 49), o mais poderoso deus do Olimpo. Aqui invocado como alegoria do poder divino. *Cibeles* (v. 50), deusa frígia que simbolizava a Terra e a Natureza-mãe; *Lília* (v. 54), autodenominação da autora nas poesias de juventude.

7 *Febo* (v. 8), forma poética de designar o Sol.

8 *Musa* (v. 15), as Musas eram as nove divindades inspiradoras das ciências e das artes, filhas de Júpiter e de Mnemosine. A alusão à lira enramada pela Musa permite deduzir que a autora alude aqui a Erato, Musa da poesia lírica; *Graças* (v. 16), designação das três entidades que acompanhavam as Musas, de Vénus e de Mercúrio, Eufrosine, Talia e Aglaia.

9 *Fortuna* (v. 20, v. 31 e v. 40). A *Fortuna* (vv. 9-11), deusa que presidia ao bem e ao mal (v. nota ao soneto 1). Parece ser aqui aludida como equivalente do Destino.

10 *Délio* (v. 44), designação de Apolo, enquanto deus da luz e condutor do carro do Sol, aqui usado como sinónimo deste astro.

11 *Filhas da Memória* (v. 5), alusão às nove Musas, filhas de Mnemosine, deusa da memória; o *deus motor do brando sentimento* (v. 7) é, provavelmente, Amor.

12 *Escamandro* (v. 11) era o nome de um rio situado na Ásia Menor, perto de Troia, no qual, segundo a mitologia, se tinha metamorfoseado o deus do mesmo nome; *Aquele fogo que de Tibulo os versos animava* (v. 14-15), o poeta Tibulo ficou conhecido, sobretudo, pela sua poesia bucólica, e por exprimir nos seus escritos o desejo de paz e de simplicidade.

13 *O berço de Nereu* (v. 20), alusão ao mar, possivelmente ao Mediterrâneo, onde se acreditava que nascera e vivia o deus marinho Nereu. «Ovídio, elegia 1.^a» (Nota da edição de 1844.)

14 *Corina* (v. 30), nome de uma poetisa grega que ficou célebre por ter rivalizado com Píndaro.

15 *Cítera* (v. 34), ilha grega famosa por ter sido aí construído um templo dedicado a Vénus. A associação com esta deusa levou a que fosse simbolicamente associada com o amor; *Elísea campina* (v. 39), lugar do mundo dos mortos reservado aos virtuosos, semelhante ao Paraíso, cujos campos estavam sempre verdejantes.

16 *Clícia* (v. 77) era o nome de uma das ninfas marinhas filhas do Oceano e de Tétis que se apaixonou por Apolo, mas não foi correspondida por ele. Condoídos com o seu desgosto, os deuses transformaram-na em girassol (heliotropo) para poder sempre seguir os raios de Sol; *Délio* (v. 77) e o *pai da claridade* (v. 80), alusões a Apolo, deus da luz e condutor do carro do Sol, enquanto personificação alegórica deste astro.

17 *Délio* e *Dafne* (v. 81), alusão ao mito de Apolo e Dafne, segundo o qual, para fugir às investidas amorosas do deus Apolo, a ninfa Dafne pediu auxílio a seu pai, que a transformou num loureiro; a *filha de Peneu* (v. 82) é a ninfa Dafne, filha do deus-rio com esse nome.

18 «Repito o mesmo que disse acerca da canção antecedente.» Eis a nota à canção antecedente, na edição de 1844: «A ternura desta canção não condiz com o meu génio agreste; nenhuma das situações em que suponho Laura são as minhas. Nunca vi um dia sereno; e são tantos os gestos que enleiam os meus pensamentos, quantas as amáveis pessoas da minha triste família.» (Nota da autora.)

19 *Musas* (v. 20). A invocação às Musas encena uma crença da Antiguidade segundo a qual estas entidades míticas seriam inspiradoras da poesia.

20 *Cíntia* (v. 21), designação da deusa Diana, aqui evocada na sua qualidade lunar. *Montes d'Elide* (v. 24), *Orco* (v. 28), outra designação

dada ao deus Plutão. O nome parece ser usado aqui como equivalente do mundo infernal; *Hécate* (v. 30) era uma das designações da deusa Diana, na sua qualidade de divindade infernal.

21 *Tício* (v. 31). *Tício* foi condenado a viver eternamente no Inferno enquanto abutres lhe roíam o fígado que não cessava de crescer (v. a nota ao soneto 11).

22 *Cilas*, *Estinfalides*, *Harpías* (v. 45), a autora evoca aqui três monstros malévolos da mitologia: *Cila* era o nome do monstro marinho que vivia no estreito de Messina, com corpo de mulher mas cuja cintura e ancas eram formadas por monstros em forma de serpente; *Estinfalides* eram pássaros noturnos, com cabeça, bico e asas de ferro. Segundo a lenda teriam sido exterminadas por Hércules no sexto dos seus 12 trabalhos; *Harpías* eram monstros alados com cara de mulher, orelhas de urso, corpo de abutre e garras nos pés e nas mãos. *Cão trifauce* (v. 47) é uma alusão a Cérbero, o cão de três cabeças que guardava a entrada dos infernos. *Averno* (v. 47) era o nome de um lago da Campânia que se supunha ser a entrada dos Infernos (v. a nota ao soneto 11).

23 *Citera* (v. 24), ilha grega onde se erguia um templo dedicado a Vénus referida na pintura e nas letras do século XVIII como um lugar de delícias no qual os amantes poderiam encontrar a felicidade.

24 *O asilo em que passei meus ternos anos* (v. 32), alusão ao encerramento da autora no mosteiro de Chelas entre os 8 e os 26 anos de idade; *Erebo* (v. 29) era a designação dada ao local mais tenebroso dos Infernos, aqui evocado como alegoria do mal e do sofrimento.

25 *Vaucluso* (v. 35), local junto à nascente do rio Sorga, na Provença, onde o poeta Francesco Petrarca viveu. *Petrarca* (v. 35 e v. 48) e *Laura* (v. 48) o poeta Francesco Petrarca (1304-1374) é aqui evocado como paradigma do amante constante e desinteressado, graças ao modo como representa o amor idealizado por Laura na sua poesia em vulgar, especialmente no *Canzoniere*.

26 *Dríades* (v. 51) era o nome dado na Antiguidade às ninfas dos bosques.

27 *Naiades* (v. 65), designação das ninfas dos rios; *Alfeu* (v. 72) era o nome de um deus-rio, filho do Oceano e de Tétis, que se apaixonou pela ninfa Aretusa, companheira de Diana. Alfeu perseguiu a ninfa incessantemente até que Diana o transformou em rio. Ainda assim, Alfeu saiu do seu leito e misturou as suas águas com as de Aretusa que fora transformada em fonte.

28 «*Pictoribus atque poëtis quidlibet audendi semper fuit acqua potestas* Horat. Art. Poet. A ternura desta canção não condiz com o meu génio agreste; nenhuma das situações em que suponho Laura são as minhas. Nunca vi um dia sereno; e são tantos os gestos que

enleiam os meus pensamentos, quantas as amáveis pessoas da minha triste família.» (Nota da autora.)

29 *Clície* (v. 22), nome de uma das ninfas marinhas filhas do Oceano e de Tétis que se apaixonou por Apolo mas não foi correspondida por ele. (v. nota à canção 43); *Aretusa* (v. 22) era o nome de uma das companheiras de Diana, por quem Anteu se apaixonou, a quem a deusa transformou em fonte com o intuito de a proteger das investidas do deus-rio, que mesmo assim saiu do seu leito, a perseguiu e conseguiu misturar as suas águas com as dela.

30 *Harpia* (v. 37), aqui o ciúme é equiparado a uma Harpia, monstro malévolo que devora tudo (v. nota da canção 41).

31 *Medeia* (v. 43), nome da feiticeira que se apaixonou pelo herói argonauta Jasão, de quem teve dois filhos. Abandonada por Jasão, matou os filhos que tinha tido dele; *Hécate* (v. 45) era a designação da deusa Diana, na sua qualidade infernal. Diana, deusa da caça, era irmã de Apolo, filha de Latona e do deus Júpiter. Tem diversas designações que correspondem aos seus diversos atributos. Assim, chamava-se Diana na terra, Hécate no Inferno e Lua no Céu; *Dido* (v. 46) era o nome da rainha de Cartago que se apaixonou por Eneias, foi abandonada por este quando decidiu regressar à pátria. É aludida aqui como exemplo de vítima da ingratidão.

32 *Averno* (v. 49), lago do mundo subterrâneo equivalente ao Inferno na mitologia clássica; *Sísifo* (v. 53) por ter causado danos na Ática foi condenado a expiar nos Infernos um castigo eterno: empurrar continuamente uma pedra por uma montanha acima que voltava a cair ao chegar ao cume. *Fúrias* (v. 55), nome das entidades que aplicavam os castigos infernais.

33 *Bóreas* (v. 58), designação do titã que representava o vento do Norte na mitologia grega.

Cantata

Ofrenda aos mortos

Aquele outeiro sombrio
Está de névoas coberto;
Escorre entre canas, perto,
Fraco e murmurando, um rio.
Naquele negro pinhal,
Como tocha funeral,
Brilha modesta candeia,
Que ao pastor pobre alumeia
Com a luz embaciada;
Vem por corvos arrastada
A Tarde;
A luz apenas das estrelas arde!...
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Das frestas dos edifícios
Vergonhoso mocho voa,
E com seus uivos atroa
Os Génios dos malefícios;
Saem Fadas peregrinas
A dançar sobre ruínas,

E vem por entre perigos
Gnomos, trasgos, inimigos:
Alumeia
O pirilampo incerto esta coreia¹.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Estão todas apagadas
As luzes da *Outra Banda*²
Pelas praças ninguém anda,
Vagam as sombras caladas.
Naquele triste Convento³
Dobra o sino sonolento;
O ar còs sons esmorece;
O horizonte empalidece;
O vapor autunal
Cobre-o de um véu fatal,
Sombrio;
Suspira o vento, e nasce o calafrio.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Vem aflitos pensamentos,
Vem desde Sintra queixosos,
Vagar ternos e medrosos
Ao redor de monumentos...
A campa d'Isa⁴ alvejando
A escuridão vai cortando...
Dorme a quieta Africana...
Dormirá a raça humana.
Não rompe o mundo
Letargo tal, um sono tão profundo:
Da manhã
Para os mortos a graça, a luz é vã.

Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Com teu clarão moderado
Que objeto me estás mostrando?
Que me estás afigurando,
Crepúsculo descorado?...
Sombra majestosa e cara,
Que nas mãos da Parca avara
Enches todo o meu sentido!
És tu, Armínio querido?⁵
Se te retrata a saudade,
Apaga as cores a realidade:

Entretanto
O teu túmulo lava este meu pranto.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Sobre o teu marmóreo altar,
Onde oculto me magoas,
De plátano cinco c'roas
Venho hoje depositar.
Recebe, Armínio, a mais pura;
Duas leve-as a Ternura,
De meu pranto comovida,
A Márcia⁶, a Lília⁷ querida;
Aos dois penhores⁸
Dos nossos tristes doces amores,
Condoída,
Ofr'êço duas, ofr'êcera a vida.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Notas

1 *Trasgos* (v. 22), demónio caseiro. Segundo o *Vocabulário Portuguez e Latino...* de Rafael Bluteau (1721): «Trasgos pois são uns demónios cazeiros, que de ordinário fazem travessuras, & com estrondos inquietão as casas, em que habitam, atirão com pedras sem ofender com ellas, derrubam mesas, & revolvem louça, & vidros, sem os quebrar, & às vezes os quebrão, tirão a roupa das camas, e fazem peças, hora ridículas, & hora pezadas, & sempre farião mal, se Deus lho permitiria.» *Coreia* (v. 24).

2 «Nome que vulgarmente se dá a Almada e seus arredores.»
(Nota da autora.)

3 «O Convento da Boa-Morte, não longe do qual morava eu então.»
(Nota da autora.)

4 «Ilsa, moura sepultada na margem do rio d'Alcântara, cuja campa alveja e se percebe ao longe.» (Nota da autora.)

5 «O Conde d'Oeynhausen, marido da autora.» (Nota da edição de 1844.)

6 «Minha irmã, a condessa da Ribeira.» (Nota da autora.)

7 «Minha mãe, a marquesa d'Alorna.» (Nota da autora.)

8 «Os meus dois filhos, M. Carlos e Maria Regina, falecidos.»
(Nota da autora.)

Epístolas

Em resposta a Natércia

Deixa-te disso, amiga, não me pregues;
Amor é para mim uma quimera;
Em meu peito deserto não prospera
Mais que a lei da razão que tu não segues.

Bem percebo essas máximas sublimes
Que ostenta a gente fraca; e que despreza
Quem tem força, quem doma a natureza,
E quem não quer passar d'erros a crimes.

Faze embora elogios à inconstância,
Ama vinte, se queres, não m'importa;
Eu para criticar estou já morta...
Não conheces a minha tolerância?

Sou de composição muito esquisita;
Não creio nos amores desta terra,
E declaro aos amantes maior guerra
Quando de amor minha alma necessita.

Quem vês tu que mereça ser amado?
Qual do culto de Amor digno hierofante
Não terá co'as fraquezas d'inconstante
Os augustos mistérios profanado?¹

Amor em mim não é qual tu o sentes,
Um clamor, um tumulto dos sentidos;
Eu tenho esses escravos submetidos
A leis mais elevadas, mais decentes.

Sinto amor como a terra toda sente
As forças que a mantém, forças diversas;
Amor me faz fugir d'almas perversas,
Por amor busco (em vão) uma inocente.

De opiniões cobardes governados,
Os homens hão de rir destas doutrinas,
Hão de rir os peraltas e as meninas:
Queres que adore um desses malcriados?...

A Alceste²

Alceste, sábio Alceste, revolvendo
Rotos papéis, das Musas inspirados,
De entregar-te quaisquer estou tremendo
Não sejam de outros olhos criticados.

Eu falo em liberdade; uma alma nova
Como a minha, não sofre o vil disfarce:
Que sei eu se o que digo se reprova?
Que sei se deve a Musa limitar-se?

Bem como o bom Despréaux, não me equivoco,
O nome próprio dou à fraude, ao vício;
A meu favor Verdade, Astreia invoco,
Deidades que dão pouco benefício³.

Como do Olimpo os Deuses são fingidos,
Sem que ofenda a moral, que firme adoro,
Finjo Dianas, Martes, e Cupidos,
Falo com eles, finjo que os imploro.

Não sofre a nossa terra esta linguagem;
País onde se queimam feiticeiras
Descobre o mal numa inocente imagem,
Como o demónio em casa das primeiras.

Há ciúmes aqui até d'Apolo;
Basta que uma mulher com ele fale
Para ter liberdade qualquer tolo
De mandar seja presa até que estale.

De Isabel Clesse, no tempo em que vai a morrer
por um crime que não confessa, ou não tem⁴;
a seu pai, que fora o seu denunciante, segundo diz
a voz pública

Injuriado Pai, que me injurias,
Que fazes terminar meus curtos dias
No seio da ignomínia e da desgraça;
Das minhas mãos às tuas hoje passa
Este fúnebre, terno, e último escrito,
Que moribunda firmo, e sem delito:
Não te arguo da pressa com que morro,
Nem já 'gora te peço algum socorro.

Eu não me queixo, ó Pai, se depuseste
Contra a vida que mesmo tu me deste:
Uma obra que artista bom comece
Nunca geme se às mãos dele perece.

Se a honra, que em teu peito brilhar vejo⁵,
Iludida é que excita este desejo,
Bem que possa arguir-te, Pai querido,
Não te argúi o meu último gemido.
Só digo nestas últimas palavras,
Que o punhal que em meu peito hoje tu cravas,
Outro, que a paz possui impunemente,
Ferir podia, menos inocente.

Eu sei... eu sei, ah! com que mágoa o digo!
Que tu foste o meu único inimigo;
Que a desonra somente imaginada
Te bastou para que eu fosse acusada.

Contra um pai denunciante ah! quem se atreve
A julgar que o meu crime seja leve?
Com horror todos lem hoje o delito
Pela tua mão na minha frente escrito:
Em vão ao mundo, às iludidas gentes
Clamarão minhas vozes inocentes.

Serão mais fracas da inocência as vozes
Por serem as calúnias mais atrozes;
Mas por ser mais enorme a tirania,
A inocência menor nunca seria.

Meus beijos, de uma cor amortecida,
Onde apenas reside ainda a vida,
Te rogam que procures no teu peito
As sementes, senhor, do meu defeito:
Tu me destes o ser, vê se podia
A virtude gerar a aleivosia?

Vem tu mesmo assistir à cena horrível
Que preparaste, e dize se é possível,
Vendo meus olhos, vendo a minha frente,
Jurar que encerram uma alma delinquente?

Lembrem-te aquelas horas tão gostosas
Que adornada por ti de brancas rosas
Fui conduzida àquele altar sagrado
Com o Esposo, por mim sempre adorado:
Não te lembra o expresso juramento
Que fiz então?... Ó que fatal momento!
O templo, o sacro altar, quando eu jurava,

Nenhum mal dos que soffro annunciava:
Amor, o casto Amor, que conduzia
Os meus passos em tão ditoso dia,
Alegre parecia, e com ternura
Em tudo figurar minha candura:
Cuidei que minha fé pura e sincera
A tocha d’Himeneu só acendera;
Mas a minha desgraça me declara
Que essa pela de Alecto se trocara ⁶.

Não tens visto, senhor, almas culpadas,
Sempre do seu remorso atribuladas,
Ao proferir mentidos juramentos
Vacilarem do templo os pavimentos?
Declarar a sensível natureza
Que se injuria a santa singeleza?
Dize, quando eu jurei acaso viste
Algum presságio sanguinoso e triste?
Tu sempre derramaste com agrado
Nos meus dias o mais doce cuidado:
Bem me lembram os sábios documentos
Que me deste, aos primeiros movimentos
De uma alma tenra... Céus! Com que saudade
Se me pinta a ditosa mocidade!...
Que hoje termino... Aqueles tenros anos
Que eu passei entre os gostos soberanos
De uma família honrada, a Deus temente,
De um carinhoso pai, sempre inocente!
Poderia esquecer uns tais cuidados?
Cobrir de afronta os anos teus honrados?
Tu teceste, senhor, aqueles laços
Que hoje dirigem meus funestos passos:
A fa’xa acesa, o nupcial festejo

Transtornou-se em horror, torna-se em pejo:
Finalmente, a ilusão vertiginosa
De ti se aclama (oh Céus!) vitoriosa!

Tu me matas, meu Pai!... Quem tal pensara?...
Eu beijo a mão que o golpe me prepara:
Gema o paterno amor, mas quando brilha
A inocência no peito desta filha.

Já me chama o patíbulo funesto:
De meu perdido alento débil resto
Meus passos vacilantes vai guiando,
Meus membros, já sem forças, arrastando.

Eu verei por instantes... triste sorte!
A crua foice da temida morte
Entregar minha frágil formosura
À fria terra de uma sepultura:
Os olhos meus, ao pranto costumados,
Para sempre, senhor, vão ser fechados...
Vai completar a morte esses estragos
Que o pranto fez, perdendo eu teus afagos.
Eu não verei jamais o rosto amável
Da cara mãe!... Teu gesto respeitável,
Os irmãos, os parentes, esse esposo
Que a sorte minha só fez rigoroso:
Perdas incomparáveis! Duras penas!
A que, ó Fado inumano, me condenas!...⁷

A Filinto

A respeito de uma Ode que lhe mandaram fazer, e fez, ao marquês de Pombal

Quando será, Filinto, que este canto,
Que m'inspira benigno o Deus do dia⁸,
Não equivoque a mágoa com meu pranto,
Seja notado só pela alegria?

Eu não sei; porque a sorte denegrada
Os futuros envolve em noite espessa:
Vai-me a tristeza dando cabo à vida,
Quer a sorte teimosa que eu padeça.

Mente o velho Saturno, se promete
Nas estações diversas dar-me gostos;
A Jano variar-se não compete
Se volta para mim os quatro rostos⁹.

A esperança falaz quando esvoaça,
As verdes roupas ostentando airosa,
Icárias penas tem, cai por desgraça,
E perece na queda desditosa¹⁰.

Nem o canto das líras alternadas
Que ama Délio, tão-pouco o som cadente
De alegre coro d'aves namoradas,
Amansam esta mágoa permanente.

Das Camenas em vão orno os altares,
Em vão me banho na Castália pura;
Nos olhos se me pintam os pesares,
Nos beijos geme a voz da desventura ¹¹.

Investigando a minha triste história
Tu mesmo, ó Santo Febo! Tu te espantas,
Recomendando às Musas a memória
Quando lustroso caís, ou te levantas.

Não te esqueça, Filinto, o acerbo caso...
Lateja-me no peito um fogo intenso,
Se esperdiças as joias do Parnaso,
Dando ao tirano o teu sublime incenso ¹².

Bem sei que as Musas quando vão contigo
Em cativo, aflitas, algemadas,
É por salvar-te só d'extremo p'rgo
Que sofrem ver-se assim tão degradadas.

Porém tu, que és por elas escolhido
Para em verso divino honrar verdades,
Receia que o futuro espavorido
Te acuse d'infiel às divindades.

A fortuna usurpada é que hoje toma
Direitos que à inocência o Céu concede:
A fraude, a crua fraude afoita doma
Almas a quem a justiça a razão pede.

Assim, qual nova Euménide, a Impostura¹³,
Cruelmente de um fero açoite armada,
Desta terra infeliz toda a ventura
Fez voar, contra os Céus arremessada.

A meus olhos se mostra escassamente
Se com eles segui-la ao menos quero;
Bem como volejava em torno à mente
Um vago e lindo sonho ao cego Homero.

Os prazeres em bando fugitivos
Temem que os siga a mágoa pontiaguda,
Pois da virtude a graça, os atrativos,
Em lutuosa dor a força muda.

Contudo a Jove, que almas só conhece,
Que enche o vasto Universo e nos domina,
Apela Alcipe, e nunca desfalece:
A Jove unicamente a frente inclina¹⁴.

Não são novas as sortes desastradas:
Verei cair sem pasmo o mundo inteiro:
Há longo tempo as terras assoladas
Maldiçoam a espada do guerreiro:

Há longo tempo o fanatismo astuto
Assassínios recíprocos prepara;
E sem dó traga o coração corrupto
A verdade que o Céu lhe confiara.

Lançando os olhos pelo vasto mundo,
Coberto de catástrofes e danos,
Das próprias penas perco o horror profundo,
E reparto meus ais entre os humanos.

Se um Sócrates, que a morte despedaça,
Vejo acabar, sem que a virtude valha,
Ao ler que esgota a venenosa taça
O mortal gelo sobre mim se espalha.

Tremo de raiva quando um vil tirano
Rasga a veia em que pulsa o sangue nobre
De um Séneca infeliz, ou de um Lucano,
Que injusta e prematura morte encobre¹⁵.

Então chagas abertas no meu peito
Se exacerbam còs casos atrasados:
Quantas vezes de Astreia o são direito¹⁶
Argúi a meu favor iníquos fados?

Mas se um Vate sublime, revolvendo
Da escura antiguidade os casos vários,
Em Sócrates Anitos convertendo
Chama a Sejanos, Sólon, Belisários¹⁷:

Que fruto tira o justo quando grita?
A cadeia dos erros dilatada,
Fabricada por homens, necessita
Ser por forças de um Deus despedaçada.

A Elmano¹⁸

Em resposta à dedicatória das suas obras

(Londres)

Desgostosa de um mundo espedaçado,
Vagando c'ò ligeiro pensamento
Nos serros que o Peneu banha e fecunda,
Fui buscar uma gruta acomodada
Para entregar a Febo a mente e as penas.

Aqui, disse, amansou o Trácio Vate
Com meigos sons as feras e os penedos;
Daqui partiu a demandar a esposa,
E quebrantou do Averno as brônzeas portas¹⁹.

Ali se elevam dois montes soberbos
Que avistam Febo apenas deixa Tétis.
Entre os dois alicerces dos Gigantes
(Modelo horrível dos Anteus d'agora)
Repousa o Vale aonde as Musas brincam²⁰.

Ao norte surge o monte sacrossanto
Donde dimana a luz aos génios altos...
Oh, quimérica Tempe, a ti me acolho,
Se não c'os membros, co'a alma fatigada;
Nos teus bosques frondosos articulam
As folhas, que meneia o vento leve,
Harmónico sussurro, o metro nasce

Do compassado som que nos recreia.
Torrente argêntea entorna o fresco Eurotas,
Que altivo não mistura de outras águas;
Alteia os ombros mesmo o Pai de Dafne,
E respeitoso os seus cristais transporta²¹.
Assim também me arrojio na desgraça;
Eu vou sozinha entre a corrente escura
Que a todos leva, aonde? Ah! não sei onde...

Elmano! Com teu canto, oiro d'Apolo,
Mágico dom das Musas, me ergues templo,
Que em vão Sansónias mãos arrasar querem.

Vem junto às fontes da Tessália ilustre,
Cantar aonde eu busco algum conforto;
Brinda as Cantoras que estes sítios honram
Com teus versos de fogo, com teus versos
Em que renasce Ovídio, e que soçobram
Nos lares imortais o Mantuano²².

*Alcipe, dirás tu, Alcipe a Vate
Fiz com meus hinos Deusa, e com meus hinos
Lhe afianço sem susto a eternidade.*

Elmano, jura Alcipe, vence o tempo,
Vence as serpes da inveja, e transformado
Em Cisne voador, qual outro Flacco,
Tem por Mecenas o seu próprio ingenho,
Por juízes os Numens e a Verdade²³.

A Godefredo²⁴

Como sopra do Oeste rijo vento!
Que sussurro medonho as folhas fazem
Entre a floresta que reveste o monte!...
Como retrato o rio a nuvem negra
Que vem descendo, prenhe de borrascas!...

Porém... verdeja o chão... e o Sol brilhante
Por uma fresta dentre a nuvem rompe...
Já não desfolha as flores fero o vento,
Nem na floresta o rijo tronco estala.

Eis, Godefredo, a imagem que me antoja
O furor com que assaltas as doutrinas
Que à mente humana mil tesouros trazem;
As doutrinas que o denso véu levantam
Da Natureza, e o belo quadro mostram
Dos portentos que a mão divina ostenta.

Hás de aplacar-te; o Sol virá raiando,
Quais flores brotarão tuas ideias;
Quebrará teu ingenho essa barreira
Que vence quem medita, e aos distraídos
Empece entrar no templo da Verdade.

Dizes bem, se contempas necessário

Saber guiar primeiro o raciocínio,
Para observar depois os reinos vários
Que nos apresenta a vasta Natureza.
Mas se entendes que andar investigando
A aparência dos Seres, que fenómenos
Da recíproca ação deles resultam,
É fugir da verdade, muito erras:
Os olhos tapas, sopras sobre as luzes
Que esclarecem o templo majestoso
No qual o Criador se manifesta.

Cercado da mudez dos Seres, julgas
Que só tem dimensões, cor, e figura?
E nestas propriedades não descobres
Coisa que te interesse o entendimento:
Mas quando esta aparência importa menos,
E meditando, o sábio vai mais longe,
Mil prodígios então lhe patenteiam
Os imensos fenómenos que o cercam.
Põe-no em contacto um ramo co'a riqueza
Do reino vegetal; um vaso d'água,
Uma pedra, um cristal, a mesma terra
Sobre que move os pés, vastos tesouros
Nos minerais domínios lhe revelam.

Nunca estou só; as aves, os insetos,
Os animais domésticos, os bravos,
Eu mesma, bem que a mim enigma seja,
D'ignorar-me a mim mesma envergonhada,
Um curioso ardor deve excitar-me
A buscar, a indagar qual sou, e os outros.
Sujeita a precisões inumeráveis,
Dos entes, que me cercam, dependente,
Obriga-me a razão a analisá-los;
Que fenómenos gera esta análise!
Que socorro e delícia então procede
Das descobertas que fazemos novas!

Não fui eu quem no tempo em que apontava
Sobre teu rosto uma ligeira felpa,
Quem verteu na tua alma o amor das letras?
Quem tuas ideias juvenis, sensatas,
Aos templos de Minerva dirigia?²⁵

Separou-te de mim um triste fado;
Outro influxo, outras forças te lançaram,
Por furacão horrível, nesse golfo
Onde tudo foi morte, glória, e horrores.
Se boiavas acima destas ondas,
Noutro abismo, ferinas, te arrojaram;
Entre homens, ao prazer dados e ao sono,
Que como inútil peso a alma avaliam.

Tem esta espécie uma paixão danada
Que o louco Empirismo os enamora;
E contanto que falem, que dissertem,
Que uma lanterna mágica nos mostrem
Co'a borla de Doutor se ostentam sábios.

Criou-te a Natureza para o seres:
Torna, torna a seguir-me; não receies
Que naturais ciências te desgarrem.
Verás como nas asas da Esperança
Me vão levando aos lares da Verdade,
A encontrar-me com Deus, co'a pura origem
Das virtudes que ao homem divinizam.

Tanto o estudo esta ideia magnifica,
Quanto mais dócil coração nos forma;
Tanto mais nos confirma necessária
A lei que ao limitado ser dirige;
Sem a qual fora a vida uma contenda,
A morte um tenebroso cadafalso.

Mas depois d'estudar a Natureza,
De sentir quanto d'alma as faculdades
Aspiram ao saber, nos convencemos
Que à maneira das plantas, neste mundo,

Plantados, cultivados os humanos,
Crescemos, como as outras plantas crescem;
Mas só da morte além, na Eternidade,
A nossa florescência se completa.

Despojados do opaco véu do corpo,
Sem prisões de sentidos ilusórios,
Rodeados d'angélicas essências,
Ante o Ser infinito o amor nos leva,
E amor com Deus enlaça as almas belas.
Tens da imortalidade penhor certo,
Se das térreas virtudes não discrepas.

Vamos pois reparar nas maravilhas,
Com que nos brinda o sábio Autor dos Entes.
O que sem reflexão e sério estudo
Pelo mundo transita peregrino,
Como um rio, correndo e murmurando,
Vai-se perder no mar, donde não volta.
Não vás pois, Godefredo, desta sorte;
Nas abstrações da tua Ontologia,
Em quiméricos sonhos não te envolvas:
Ser por essência é Deus; as mais essências,
Em seu seio escondidas, são segredo
Que aos homens atégora não revela.
Contentem-te somente propriedades;
Se à força de observar descobres uma,
Hás de ombrear còs Newtons, còs Descartes²⁶.

Contemplemos dos corpos a aparência,
Sem mais cortejo que a razão por guia;
Nesses Reinos estranhos viajemos.

A aparência dos seres dos três Reinos
É de ciência um tronco de que brotam
Ramos diversos, cada qual trazendo
Por fruto outra Ciência; uma descreve
Os seres que tem vida e que povoam

As campinas, cidades, e desertos:
Os que habitam o mar, cortam os ares,
E quanto vive e sente sobre a Terra.

Cortejada dos Zéfiros e Flora²⁷

Aparece a Botânica; sem ela
Das plantas os mistérios se ignoraram;
E o vegetal poder, que adorna os campos,
Fora quimera ou sonho inescrutável.

Se largando a monótona cidade,
Pelos cerros de Sintra passeando,
Os sonhos mitológicos trocasses
Em meditação séria, a mão te dera
A sã Geologia; observarias
A geral contextura deste globo;
A posição dos vales, das montanhas,
A formação das terras, dos rochedos,
Te iria engrandecendo os pensamentos:
Novo ardor curioso em ti criaram
Dos minerais as faces regulares,
O arranjo das moléculas que as massas
Com grande artefacto constituem.
A Cristalografia te encantara,
Deras mais preço aos vasos d'alabastro,
Às colunas de mármore, aos diamantes
Com que orna o nível colo *augusta Ninfa*.

Se laborar com mármore e jaspes,
Com diamantes, safiras, esmeraldas;
Examinar metais, betumes, terras,
Da Mineralogia abrir segredos,
Faz ganhar de Pedreiro o insulso nome,
Erradamente o vulgo o denomina.
Estes Pedreiros são de outro calibre.
Ante a face dos Céus melhor trabalham;

Não tomaram lições d’Inigo Jonnes:
O Criador seus templos lhe edifica²⁸.

Quero desafogar, quero provar-te
Que os que tudo isto ignoram, são os ímpios,
São os rebeldes, são os mentecaptos,
Que, sem mais protetor que o seu canhenho
Por que argumentam, cuidam que convencem.

A metódica lógica da Escola
Não excede a que dá a Natureza:
Nesta está o protótipo das artes;
E além da meta onde a razão para,
Nada mais nos ensina a Metafísica.
Que especulações vãs, no nosso tempo,
Fizeram desvairar o ingenho humano!
Das abstrações nasceram as revoltas,
Nasceu da Metafísica a impiedade.

Quando novos Titanos sobre a terra
Com a toga filosófica se ornaram,
E empunhando sistemas transcendententes,
Empregaram aríetes, petardos,
E quanta artilheria forja a imprensa,
Para escalar os Céus; o que fizeram?
Nutrir loucos, fazer chorar os Sábios;
Espalhar sobre o mundo mil flagelos,
Com que há seis lustros geme a humanidade.
Que verdade nasceu que nos console?

Em França, no vulcão onde moraram,
Ninguém lê já seus livros. O dinheiro,
Avareza, é que arroja em nossas praias,
Pelas mãos de livreiros, essa escória
Que os libertinos farta, e os envenena.

A avidez de saber, que nos devora,
Com especulações puras se contenta
Na Física e na Química. Na Ótica,
Que teatro tão belo a luz presenta!

Pela visão e a luz os céus galgamos,
Em relação nos pomos co'as Estrelas.
Que deleitosas sensações na terra
Esta visão e luz nos participa!
Um fenómeno só sirva d'exemplo.
Se enlutados os ares, densa nuvem
Co'as aquosas moléculas da chuva
Quer iminente refrescar os campos,
E nelas vasa o Sol feixes de raios,
A reflexão e a refração das luzes
Criam dois arcos belos, cujas bases
Vão, de cores ornados, repousar-se
Nos dois termos opostos do horizonte.
Não são de Íris as roupas matizadas,
Nem a estrada por onde os Numes descem;
São um meteoro lindo; outros meteoros,
De igual beleza, a experiência explica:
Factos é que revelam mil segredos,
Que embaçam a ignorância, e acha prestígios²⁹.

Se os de bom senso, na coorte imbecil
Vão alistar-se frouxos, e eco fazem
Aos delírios dos nécios, brevemente
Os elementos confundidos todos
O mundo lançarão no antigo caos.

Não quero, nesta epístola já longa,
C'um tratado de Física enfadar-te;
Nem com ténues vislumbres de ciência
Inculcar-me instruída do que apenas
Entrevejo, e em distância me recreia.

As portas de safira o Céu nos abre,
De lá nos manda um Génio luminoso³⁰
Que traz nas mãos um facho que dissipa
As trevas em que a incúria nos trazia.
Tu és pois o primeiro a quem compete
O ser o introdutor desta embaixada.

Mas se este Génio é nosso conterrâneo,
Se também cá nasceu, se irmão é nosso,
Tu cavalheiro, génio egrégio, heroico,
Avalia da Pátria este ornamento:
Quanto as serpes da inveja o atacarem,
Veste a cota de malha, põe-te em campo
Co'a espada que buiu valor e brio,
E defende da Pátria este luzeiro:
Toma o broquel, co'a face de Medusa
Faze que volte atrás cobarde a inveja:
Como filho de Glauco, e a Lísia salva
Intrépido, e no Pégaso montado
Fere a superstição, mata a Quimera³¹.

Destroçados os erros, triunfante
A verdade, a razão purificada,
Do pensamento o voo remontando,
Do coração as asas sem estorvo
Levam a alma, por entre êxtasis puros
Arrebata, unida ao Ser dos Seres,
A descansar na lúcida morada.

Em resposta ao Conde da Ega, Aires de Saldanha³²

(Almeirim, 1800)

Enganas-te; não posso tanto, tanto
Quando esperas de mim, quanto me pedes;
Mais vida, mais vigor tem estas plantas,
Os arbustos que crescem nestes prados.

Vegeto as mais das horas; se me acorda
Deste triste letargo algum assunto,
Ou vem rompendo nuvens de cuidados
Em que envolta me traz a sorte austera,
Ou, qual trovão que vibra a mão de Jove,
De mil sustos me assombra o fraco peito.

Da vida a brevidade nos proíbe
Entab'lar esperanças dilatadas;
A Parca é surda ao nosso humilde rogo,
E já de um sopro seu envenenado
Me apagou de uma vez todo o Universo.

Eis aqui como aflita, e sepultada
Nos abismos do puro sentimento,
Me separo da classe dos viventes:
Mas então radiante a rezão surge,
E ao clarão de seus raios luminosos
Vou distinguindo os erros da tristeza,

E aprendo filosóficos preceitos,
Que mansa a paciência me decora.

Fortificada assim, os olhos lanço
Sobre o painel da criação tão vasto:
Nos meus ermos co'a mente os Céus abranjo,
Na Natureza estudo os três domínios,
E enquanto desenvolve a primavera
A força vegetal, que os campos veste,
Faço dormir a dor, calo as saudades.

Flora, por deleitar-se, um dia claro
Desceu do Olimpo à terra, e destramente
Classificou as plantas variadas;
E em prémio da razão indagadora
Revelou a Lineu grandes mistérios³³.

Flora mesma também me vai guiando,
E sem séquito, mais que alguns perfumes,
Os ventos brincadores, e o sossego,
Me comunica as leis simples, sublimes,
Com que a família rege e desenvolve
Das lindas liliáceas que hoje apontam.

Cedo virão do Tlaspe argênteo as flores³⁴
Distinguir nas crucíferas as raças;
Virão os goivos perfumar os ventos;
De flóreas borboletas brevemente
Se há-de a terra cobrir, há de enfeitar-se.

Vês tu na Corte um tronco mui frondoso,
Cujos ramos ou tribus nos recordam
Da antiga lei as bênçãos tão famosas?
Eu também, cá no campo, também vejo
O Gerânio cheiroso, que sem fausto
Cento e tantas espécies me apresenta.

Nunca um só indivíduo desta prole
Teve cargos nem postos que agitassem
As pacíficas leis das outras plantas.

Que modelos não tem a Natureza,

Que brilhando no objeto inanimado,
Envergonham a espécie inteligente!

Repara na Umbelífera vistosa;
Dos pedúnculos desta saem raios,
Destes raios os filhos todos pendem;
O mesmo suco a todos vivifica,
Todos a um tempo os raios do Sol gostam,
Vivem juntos, e todos juntos morrem.

Ai de nós! Quão diversa é nossa sorte!
Que divisões, que lutas, e que estragos
Semeiam as paixões entre os humanos!

Se no seio das ondas empoladas,
Nos mares da política, entre escolhos
Passas teus dias, praza a Deus que possas
Aportar felizmente nestas praias;
Sincera gratidão aqui te espera,
E em lugar consagrado a ingenhos claros.

Nem pórticos marmóreos, nem colunas
Que cinzelasse em Paros mão perita³⁵,
Hás de achar neste sítio: altos pinheiros
Formam de espessa rama o nosso teto,
E gramínea alcatifa nos ofrêce
Para pensar lugar acomodado.

Uma fonte serena ali murmura,
E mil vezes afoita a fantasia
Cuida ouvir revolver-se dentro d'água
A Náiade gentil que lhe preside.

Se agita o vento as canas buliçosas³⁶,
Se da serra um rochedo assusta a vista,
Mitológicos sonhos me recordam
Ora aquela que a dor petrificara,
Ora a Ninfa medrosa e fugitiva
Que o pudor converteu em verde junco.

Com palavras e ideias todo o globo
Corre depressa aquele que conversa.

Quando se esconde o Sol, e a noite ostenta
Dentre sombras milhões d'astros luzentes,
Para entreter as filhas com proveito
Vou revolver então montes de idades.

Vinte séculos voam, quando apenas
Vem surgindo das trevas rutilante
O Pai dos Crentes, cujos passos guia
Deus mesmo para a terra onde o estab'lece.

Então de lá do Egito o Rei primeiro
Vem pôr da glória grega os alicerces:
Vem Cecrops depois fundar Atenas³⁷;
Atenas!... Este nome as cenas abre
D'heroísmo, valor, artes e ingenho.

Itália, que hoje assusta mão terrível
De um Guerreiro³⁸ rebelde e temerário,
Dormia então de fábulas coberta,
Nem raiava o crepúsculo dos dias
Que ilustrou Cipião, Fabrício e César³⁹.

Com os mapas na mão, aventurando
A memória, lhes digo: Aqui foi Troia;
Se a coalisão moderna acaso fosse
A fatal coalisão da argiva gente,
Talvez como os de Pérgamo, infelizes,
Os muros de Paris já vacilassem;
Mas suprimo as palavras neste assunto,
E um grillhão ponho até no pensamento.

Distrai-me a vista ali o mar vizinho
Lesbos, pátria d'Alceu, d'Erina e Safo;
Vem as mágicas artes lançar fora
O tédio das lições, do estudo austero;
Ora a voz, ora a mão industriosa,
Copiando modelos mais amenos,
Dão alma aos sons, e vida à tela e cores⁴⁰.

Vem pensar como nós, vem por um pouco
Ver triunfar as Águias nestes ares,

Enquanto sobre o Ádige, infelizmente
As insulta esse Córsega inumano⁴¹.

A Jónio

Imitada da 1.ª epístola do livro 1.º d'Horácio

Tu, que da Musa minha adolescente
Os números singelos escutaste,
Como as canções, sem graça, derradeiras,
Queres que entoe nova cantilena?
No jogo antigo queres enredar-me?...
De aplausos cavilosos vou cansando;
De tais esforços sinto-me liberta.
Discreto Jónio, não intentes tanto;
Nem sempre a idade e a mente são as mesmas.

Deixou Vejânio⁴² as armas penduradas
No templo d'Hórus, e vivia oculto
No seu casal, a fim de recusar-se
Depois de vencedor a ser vencido,
E suplicar refúgio indecoroso
No ínfimo lugar da infausta areia.

Tenho quem sem disfarce a meus ouvidos
Retinir faça claramente as cousas:
Ponho de parte agora versos, cantos,
E quanto alegre a juvenil caterva;
Da virtude e razão somente cuido,
Somente isto apeteço; entregue toda

À séria reflexão, mais nada estudo:
Só construo e componho o que sem risco
Produzir posso a salvo e sem censores.

Não me pergunte qual escola sigo,
Em que lares me abrigo: não sou dessas
Que a jurar me restrinja pelo mestre.
Onde a razão me leva, afoita corro,
Ou me hospede a ventura ou fado adverso;
Acudo onde a verdade me esclarece:
Ágil prossigo às vezes na vereda
Onde brotam as mais viçosas flores,
Ou sou por ondas bravas açoitada;
Da virtude custódia e da verdade,
Sou delas defensora a todo o custo.

Os cómodos preceitos d'Aristipo ⁴³
Também ponho de parte sem violência:
Eu cuido em subjugar a mim as cousas,
E em nunca ser por elas subjugada.

Quanto a tardança enfada a quem espera!
Como os dias parecem tediosos
Aos jornaleiros! O ano preguiçoso
Ao pupilo que oprime inda tutela!...
Para mim assim tardo vai correndo
O tempo ingrato que a esperança alonga.

Pois basta d'ilusões, e me contente
O que aos pobres é útil como aos ricos,
Aos moços útil sempre como aos velhos,
E mui nocivo a todos se lhe esquece:
Convém pois que a razão no-lo recorde.

Resta-me enfim reger-me com acerto,
Fazer destes princípios meu tesouro.
Quem não tem como lince a vista aguda
Usa de algum colírio, os olhos unge,
E quanto pode vê; vejo o que posso,

Confortada com as máximas que sigo:
Elas de seita empírica me afastam,
E as faculdades d'alma me dilatam.

Se de Glícon, o gladiador, não tenho
Os membros ágeis, fortes, não é justo
Que despreze os remédios que me livram
Da nodosa podagra que entorpece
Os movimentos: posso andar ao menos,
Se não me é dado progredir mui longe.

Se a avareza ou cobiça me ardem n'alma,
E me atormenta seu ardor insano,
Palavras há, razões brandas que adoçam
A dor que aflige, e diminuem parte.
Expições saudáveis há que saram
Os enfermos de vícios; algum livro
Que três e quatro vezes me repita
Quanto é fútil a glória momentânea.

Não há paixão feroz que não reprima
Saudável reflexão: ódio, vingança,
Cólera, amor, inveja, modifica,
Anula, quasi sempre, sã doutrina,
Quando dócil ouvido lhe prestamos.

A virtude é saber fugir do vício:
Carecer de estultícia é ser cordato:
Nisso consiste a suma sapiência.
Com que trabalho, e até risco de vida,
Fugimos de quimeras que julgamos,
Sem raciocínio, serem mal supremo!...
Da falta de dinheiro, e da vergonha
De sofrer que o recusem se o pedirmos!

Deste aparente mal outros se seguem
Que empenham nossas vidas. Quantas vezes
O mercador solícito se arroja
Pelo agastado mar até às Índias,
Fugindo da pobreza? Outros afrontam

Incêndios, precipícios, serranias,
Loucamente admirando e desejando,
Só porque entendem pouco, cousas ocas?
Nestas loucos s'empenham, mas recusam
Ouvir, acreditar, aprender essas
Que valem muito mais, e alma lhe saram.

Qual soldado haverá que em sua aldeia,
Certo da palma olímpica, se ostente
Em seus humildes tetos laureado,
E despreze a ventura de c'roar-se
Nos jogos tão famosos, tão patentes,
Onde tantos aplausos alcançara?
Muito mais se a esperança lhe promete
Conseguir facilmente nobre prémio:
E que são esses prémios? — fumo, vento.
A prata vale menos do que o oiro,
E o oiro muito menos que a virtude.

Ó Jónio, Jónio! A máxima perversa
Do mundo de hoje é dar a preferência
Sobre tudo ao dinheiro. A praça grita...
Grita dinheiro, depois dele as honras:
Isto reclamam juvenis casquilhos,
Isto aprovam os velhos desalmados,
Em usurários cálculos imersos.
Mas se acaso, exemplar em teus costumes
Tu fores, se discreto, se perfeito
Em palavra, em ditame, e ninguém tenha
Que notar, hás de ser desconhecido
D'ínfima plebe, pobre, mas qu'importa?
Hão de aclamar-te Rei os d'alma régia,
Os cândidos, os justos coroar-te.

Os nossos dias são como os de Roma:
Em faltando os sestércios necessários⁴⁴,
Ou seja ou não de Cípia raça, um homem⁴⁵
Não será cavaleiro... Forte peça!

Se tem a consciência sem remorsos,
Se qual muro de bronze a probidade
O defende dos sustos vergonhosos
Com que os culpados tantas vezes coram,
Por mais que em fá'xas d'oiro andem pensados.

Dize pois qual preferes: a Lei Roscia,
Ou o simples remate das cantigas
Que na rua as crianças já cantavam,
Quando tinha a virtude justo preço,
Quando Cúrio e Camilo respiravam?⁴⁶
«Faz bem tudo o que faz» que mais desejas,
Se falando de ti assim disserem?

Uns te dirão talvez: «Entesaurisa,
«Se por lícitos meios isso podes,
«Se não, como puderes, e é preciso
«Para andar com mais pompa, com mais fausto,
«Ter camarote fixo, ir dar sentenças
«Sobre Dramas insulsos, Elogios
«Cinquenta e duas vezes praguejados⁴⁷.»
— Outros te exortarão a viver livre,
Subjugando os caprichos da Fortuna
À tua independência: qual escolhes?...
Qual destes dois avisos mais estimas?...

Se essa gente com quem vivo, e que encontro
Nos jardins, nos passeios, na assembleia,
Me pergunta porquê tanto difiro
Em ideias e gostos dos seus deles,
Lhe direi o que diz acautelada
A raposa ao leão que jaz enfermo:
«Observo, e com temor, que à tua gruta
«Todos quantos vestígios há de passos
«Lá vão parar, e nenhum há de que voltem.»

Muitas cabeças tem hoje esta fera
Que chamam Sociedade: entre nós outros
Qual nos deve guiar? Qual seguiremos?

Uns trepam co'a ambição altos empregos;
Nem todos podem: outros laços tendem
À inexperta avareza; arras, heranças
De viúvas e velhos, tudo enredam,
E na espaiada rede astutos pescam.
E quantos pela usura se enriquecem!
Quantos mais co'a lisonja e co'a vaidade
Dão consigo no escolho que receiam!
Os prazeres afagam, tédio os mina;
Mudam de gosto quando o gosto fartam;
Limites ao deleite em tudo encontram,
Quanto mais se aboboram na matéria.

Solta-te, ó Jónio, das cadeias férreas
Com que a fúteis delícias te aferrolhas:
Avalia a tua alma, Kant estuda⁴⁸;
Serás livre, ditoso, serás sábio,
Avistarás a extensa eternidade:
Com desprezo as sensíveis metas vendo,
Remontarás teu voo 'té onde chega
O imortal ser que dentro em nós reside,
E o térreo volvedoiro despir deve.

Notas

1 *Hierofante* (v. 18). Segundo o *Vocabulário Portuguez e Latino...* de Rafael Bluteau (1721): «Sacerdotes dos Athenienses, que tinham a superintendência dos sacrifícios, e guardavam as cousas sagradas, e a seu tempo as mostravão.»

2 «O Doutor Ignacio Tamagnini.» (Nota da edição de 1844.)

3 *Despréaux* (v. 10), alusão a Boileau (1636-1711), cujo nome completo era Nicolas Boileau-Despréaux, muito lido na época e seguido enquanto autor da *Art Poétique*; *Astreia* (v. 10), filha de Zeus e de Témis, era identificada com a Justiça.

4 «Canso-me pouco em examinar se a minha opinião sobre o facto que deu assento a esta epístola é a melhor. Sem injuriar os que sentenciaram a desgraçada Isabel Clesse, quero, para recreio da minha imaginação, julgar falso o seu crime; seja ou não seja, para mim, e para a Poesia, basta-me que alguém chegasse a duvidar dele. As razões que para isso tenho são suficientes para me satisfazerem a mim, e às pessoas que tiverem a paciência de as examinar como eu.» (Nota da autora.) Os acontecimentos que deram origem a esta epístola e os poemas que suscitaram entre os contemporâneos foram publicados por Francisco Topa, *Um caso do século XVIII: Isabel Xavier Clesse: A Parca cristaleira*, Porto, Ed. de Autor, 2000, acessível em: <http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros-Pdf/Isabel%20Clesse.pdf>

5 «Se a honra, etc. – A honra é muito distinta daquela que figuram vulgarmente os preocupados e os ignorantes. As ilusões é que somente produzem estes fenómenos tristes com que geme a espécie humana. Enganam-se muito os pais e os mestres que julgam a pro-

pósito os grandes castigos para reprimir os defeitos de seus filhos, ou discípulos: longe de lhes imprimirem o amor da virtude, fazem-se horrorosos, ofendendo as leis da natureza, de quem foi autor o Ser Supremo. Na virtude é que consiste a felicidade, e a felicidade é incompatível com a tirania.

A infeliz que fala nesta epístola, convencida da ilusão de seu pai, não o argúi porque é inútil partido o dos argumentos quando o tomam os desgraçados, que lucram mais sofrendo em silêncio, filosoficamente.» (Nota da autora.)

6 *Himeneu* (v. 58), divindade que presidia aos casamentos representado com uma coroa de rosas e uma tocha ardente numa das mãos; *Alecto* (v. 60) era o nome de uma das três fúrias infernais.

7 «Para não injuriar a natureza, e o nosso país, deve declarar-se que o denunciante de Isabel Clesse não foi seu pai, como correu no tempo em que foi escrita a epístola precedente. Mas para que possa de algum modo conservar-se a verosimilhança, basta saber-se que foi o homem que a tinha educado o próprio que a acusou.» (Nota da autora.)

8 *Filinto* (v. 1), a autora dirige-se aqui a Filinto Elísio, pseudónimo do poeta Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819); *O deus do dia* (v. 2), alusão a Apolo, deus da poesia e da luz.

9 *Saturno* (v. 9), personificação do Tempo (v. a nota do soneto 1). *Jano* (v. 11), deus romano a quem tinha sido atribuída a faculdade de ver o futuro e o passado. Segundo o mito, teria aprendido com Saturno a agricultura e a civilização. Era representado com duas caras, e às vezes quatro, encarando direções opostas.

10 *Icárias penas* (v. 15), alusão ao mito de Ícaro e Dédalo (v. a nota ao soneto 22). *O canto... que ama Délio* (vv. 17 e 18) é a poesia.

11 *Camenas* (v. 21) era o nome dado pelos romanos às ninfas das fontes; *Castália* (v. 22) era o nome de uma fonte consagrada às musas que concedia a inspiração a quem dela bebesse.

12 *As joias do Parnaso* (v. 31) trata-se de uma alusão à poesia, uma vez que Parnaso era o nome de um dos montes da Grécia Antiga consagrado às Musas.

13 *Euménides* (v. 45) era outra designação para as Fúrias.

14 *Jove que as almas só conhece* (v. 57), a autora usa uma das designações de Júpiter para aludir à onisciência divina e, indiretamente, a Deus.

15 *Sócrates* (v. 73), *Séneca* e *Lucano* (v. 79), a autora lembra aqui três casos de personagens da Antiguidade que, apesar de sábias e virtuosas, foram vítimas da tirania: Sócrates foi acusado de desrespeito aos deuses e de corromper a juventude e condenado a beber cicuta, Séneca foi acusado de participar na conspiração de Pisão e condenado

ao suicídio e Lucano depois de ter sido proibido de recitar as suas obras publicamente foi também forçado a suicidar-se.

16 O *são direito de Astreia* (v. 83) trata-se, certamente, do direito de Justiça.

17 *Anitos* (v. 87), Anito era pai de um discípulo de Sócrates e o mais conhecido dos seus acusadores perante o tribunal de Atenas, que condenou à morte o filósofo; *Sejanos, Sólon, Belisários* (v. 88) trata-se de três exemplos de homens sábios que prestaram grandes serviços ao Estado: Sejano foi o homem de confiança do imperador Tibério que aspirava suceder-lhe mas foi afastado por adversários e condenado à morte; Sólon foi um célebre legislador de Atenas, considerado o fundador da democracia, que passou à História como um ser íntegro e conciliador; Belisário foi o general bizantino encarregado de reunificar o Império Romano que caiu em desgraça e foi afastado depois de uma brilhante carreira militar.

18 «Manuel Maria Barbosa du Bocage. A dedicatória acha-se no 3.º tomo das suas obras.» (Nota da edição de 1844.)

19 *Peneu* (v. 3), deus-rio pai de Dafne, que a salvou das investidas de Apolo; o *trácio vate* (v. 6) era Orfeu, cuja música se dizia que abrandava as feras e desceu aos Infernos com a intenção de recuperar a esposa, Eurídice; *Averno* (v. 9), aqui equivalente a entrada dos infernos.

20 [A] *vistam Febo apenas deixa Tétis* (v. 11), trata-se provavelmente de uma alusão à filha do Céu e da Terra e esposa do Oceano; *Anteu* (v. 13), nome do deus-rio que se apaixonou por Aretusa (v. a nota da canção 46).

21 O *monte sacrossanto* (v. 15) trata-se de uma alusão ao monte Olimpo onde se acreditava que moravam os deuses; *Tempe* (v. 17) era o nome de um vale da Tessália, perto do monte Olimpo, de paisagem amena, para onde se acreditava que os deuses iam para se recrear; *Eurotas* (v. 23) era o nome de um rio junto ao qual Apolo se teria lamentado quando Dafne se transformou em loureiro; O *Pai de Dafne* (v. 25), o deus rio Peneu (v. a nota da canção).

22 *As fontes da Tessália* (v. 33), as fontes da zona da Grécia onde se encontrava o vale verdejante de Tempo, frequentado pelos deuses; o *Mantuano* (v. 38) era uma das formas de designar Virgílio, por ter nascido perto de Mântua.

23 «Quando chegou esta epístola a Lisboa, já Elmano tinha morrido.» (Nota da autora.)

24 «O Conde de Sabugal, D. Manuel Mascarenhas.» (Nota da edição de 1844.)

25 *Mínerva* (v. 61) era uma das designações da deusa Palas, enquanto deusa da sabedoria.

26 Os Newtons, os Descartes (v. 117), a autora alude aqui ao filósofo René Descartes (1596-1650) e ao matemático Isaac Newton (1642-1727).

27 Zéfiros (v. 129) era a designação mitológica do vento suave do Ocidente que sopra na primavera; Flora (v. 129) era o nome da mulher de Zéfiro, deusa das flores e da primavera.

28 Inigo Jonnes (v. 159), arquiteto do Renascimento, discípulo de Andrea Palladio, nascido em 1573 e falecido em 1652.

29 Íris (v. 207), segundo a mitologia, Íris seria a mensageira de Juno que, em recompensa pelos serviços que Íris lhe prestara, a transformou em arco e a pôs no céu, dando assim origem ao arco-íris.

30 «Este verso e os seguintes referem-se a Luís da Silva Mouzinho d'Albuquerque, cujas lições de Física e Química a autora se aprazia de frequentar.» (Nota da edição de 1844.)

31 Filho de Glauco (v. 239), o filho de Glauco era Belerofonte que ficou célebre por ter morto a Quimera montado no cavalo alado Pégaso; salva Lísia (v. 239), personificação de Portugal; Pégaso (v. 240) era o nome do cavalo alado nascido do sangue que saiu da cabeça cortada de Medusa, que foi montado por Belerofonte quando matou a Quimera; Quimera (v. 241) era o nome de um monstro com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão que cuspiu fogo e destruía tudo à sua passagem. Foi morto por Belerofonte, filho do rei do Egito.

32 Trata-se de Aires José Maria de Saldanha e Albuquerque Coutinho Matos e Noronha, 2.º conde da Ega (1755-1827), que casou com uma filha de D. Leonor de Almeida Portugal, D. Juliana de Oeynhausen, em 1800.

33 Flora... revelou a Lineu grandes mistérios (v. 35), a autora imagina que os trabalhos de classificação das plantas realizados por Carl Lineu (1707-1778) lhe foram inspirados por Flora, deusa das plantas e da primavera.

34 Tlaspe (v. 42), termo botânico. Planta herbácea anual que cresce em terrenos arenosos.

35 Paros (v. 75) era o nome de uma ilha situada no mar Egeu, célebre pela qualidade do mármore que aí se extraía.

36 «Alusão a Vale de Nabais, sítio não longe da serra d'Almeirim.» (Nota da edição de 1844.)

37 Cecrops (v. 102), alusão à lenda segundo a qual o egípcio Cecrops teria casado com a filha do rei dos atenienses, ao qual teria sucedido depois da morte deste.

38 «Bonaparte» (Nota da edição de 1844.)

39 Cipião, Fabrício e César (v. 109) eram os nomes de três célebres chefes militares romanos.

40 Lesbos, pátria d'Alceu, d'Erina e Safo (v. 119), a autora refere os nomes de poetas da Grécia arcaica do círculo da poetisa Safo de

Lesbos; Talvez como os de Pérgamo, infelizes / Os muros de Paris já vacilassem (v. 114-115) referência à guerra de Troia, cidade que também era designada pelo nome de Pérgamo, aqui comparada com as devastações causadas em Paris pela Revolução Francesa.

41 *Córsega inumano* (v. 128), nova alusão a Napoleão Bonaparte, oriundo da Córsega.

42 «*Vejânio*, gladiador célebre. O gladiador vencido, e prestes a receber o golpe mortal, pedia a vida ao povo, que lha concedia quando ele tinha combatido lealmente. *Vejânio* era valente, mas as forças começavam a faltar-lhe, e era este o caso da indulgência.» (Nota da autora.)

43 *Aristipo* (v. 36), nome de um filósofo grego, que se crê especialmente interessado em *Ética*, discípulo de *Sócrates*.

44 «Quatrocentos mil sestércios era a soma necessária para ser cavaleiro, em virtude da lei de *Roscio Othon*, chamada lei *Roscia*, do nome de seu autor.» (Nota da edição de 1844.)

45 *A cípia raça* (v. 123), da raça de *Cipião*, ou seja, de família ilustre.

46 *Camilo* (v. 134), *Camilo* era o nome de um ditador romano que foi exilado mas que, no seu regresso, terá salvo Roma da invasão dos gauleses.

47 «O Padre *José Agostinho de Macedo* todas as semanas no seu jornal chamado – *O Espectador* – lança uma excomunhão literária sobre as obras de um certo *Pato Moniz*, autor dos *Elogios*.» (Nota da autora.)

48 Alusão ao filósofo *Immanuel Kant* (1724-1804).

Odes

Poder do Génio e da Razão

Espírito que rompes leve os ares,
E ou já no seio amável de Polímnia,
Ou sobre vários mundos Pindos novos
Discorres sem limite¹:

Vê em torno de ti minhas cadeias,
Em pedaços desfeitos os estorvos,
Objetos de teu riso e teu desprezo,
Bate ligeiro as asas.

Quem pode constranger a ideia humana?
Quem da firme razão quebra o ditame
Opondo-lhe distâncias, ferros, muros?
Quem nos divide, Agrário²?

Aqui onde a matéria me circula
E o curto espaço quasi me sufoca³,
Fechando os olhos triste ao negro objeto
Que os grilhões me apresentam;

A mente me rodeia a luz de Apolo,
E em cantigas as Musas desenvolvem
Os segredos que Palas traz recentes
Do cérebro de Jove⁴.

Pouco importa que os séculos passados
Um Sócrates absorto aos Céus presentem;
Que Platão, meditando a Divindade,
Respire o ar d'Atenas:

Que do frio Danúbio as praias honre
Do sábio Alceste⁵ o berço venturoso,
Que ou já na sociedade, ou no retiro
Profunde a natureza:

Que Almeno⁶ lá nos ermos solitários
Derrame nos seus números suaves
O espírito d'Horácio, imagens lindas
Que as Musas lhe debuxam.

Tece a pura razão áurea cadeia,
E num tempo, num sítio, une gostosa
A Sócrates Platão, Alceste, Almeno,
E Alcipe que os estuda.

Às Parcas⁷

Voai, votos sinceros, votos puros,
Suspiros da minha alma, meus gemidos,
Cercai esses sepulcros horrorosos,
Movei as tristes cinzas.

Ossos mirrados, descarnados membros,
Sombras da morte, lívidos semblantes,
Manes errantes sobre tristes bordas,
Escutai meu lamento.

Aonde estais, Supremas Divindades,
Inexoráveis filhas do Destino?...
Sobre altares de rosas concertados
Não faço sacrifícios:

Eu não invoco os Numes saudáveis
Que presidem ao claro nascimento
Do mortal que depois cercam desgostos:
Invoco as feias Parcas⁸.

Sobre os túmulos tristes, que a memória
Só conservam de morte, escolho as aras,
E misturados cò vapor dos mortos
Voam meus ais sentidos.

Pela mão conduzida desces, Deusa,
Com passos firmes, inflexível Cloto,
E no fundo da triste natureza
Soa voz poderosa⁹.

Treme o mortal, que nesse rosto pálido
Fixa os olhos, de lágrimas banhados,
E apenas acostuma a fraca vista
A teu medonho aspeto.

Já Láquesis ansiosa volta o fuso;
Acumulando dias sobre dias
Com ímpeto os sepulta tristemente
No acerbo esquecimento¹⁰.

Treme a terra; as palpitantes almas
Das bordas do sepulcro espavoridas,
Quase dentre os suspiros que se arrancam
Já dos humanos laços.

As três irmãs, as voadoras Horas,
Contemporâneas do antigo Tempo,
Incansáveis nos ares se suspendem,
De susto estremecendo¹¹.

Perecem os momentos preciosos,
A leve ocasião medrosa voa,
E já da luz aos raios vão fugindo
O sono e a noite densa.

Num escolho quebre as ondas o mar negro,
Rasgue os ares o raio fuzilante,
Rebente em tempestade a nuve' escura,
Que o Sábio não vacila.

Entre montes de fumo e negro lume
Nos ares vibra o gesto descorado
D'Átropos... e o pálido desmaio
Cobre o mortal semblante¹².

Sopre o vento com fúria desmedida,
Bóreas arranque os troncos na espessura,
Em granizos e raios se desfaça
A nuvem tempestuosa¹³:

Turbe-se o ar, vacile o pavimento,
Ao fundo corra a nau, os bens se percam,
Que na fatal boceta ainda nos resta
O raio de esperança.

Mas se tu desces, Deusa, de teus golpes
Quem poderá fugir? Qual gruta escura,
Qual segredo da terra nos esconde
Dessa fatal tesoura?

Entre o prazer, nas mesas delicadas,
De mirtos florecentes adornados
Cuidamos de esconder com a alegria
Da vida o ténue fio:

Cercados dos Amores, mil falanges
À tua fúria opomos, defendendo-o;
Resguardam-no mil bens acautelados,
Oh Céus! que inutilmente!...

Nos Cíprios bosques, nos suaves leitos,
No seio do prazer, somente um sopro
O levanta, e tu apercebida
O fero golpe vibras.

Ali colhes da moribunda boca
O derradeiro, o último suspiro;
Ali te fartas, sim, de sangue humano,
Já meio congelado.

E logo, sacudindo as asas, largas
Sobre o terreno o mísero despojo,
Pálido, frio, pasto em poucas horas
De corrupção faminta.

Tu, suprema Deidade, tu m'escuta,
A ti voam meus votos; não te peço
Que respeites meus dias; estou cansada
De lutar cò desgosto:

Porém, escolhe o instante em que eu respire
Tranquilamente, unida cò'a virtude;
Cloto! Deixa que a paz sustente um pouco
Esse fero instrumento.

E tu Láquesis, tu, Deusa inumana,
Que imerges na amargura o fio triste
De meus anos; consente que o que resta
Doure a tranquilidade.

Se aplacar-vos consigo, ó Deusas, voto
Equivocar meu último gemido
Com um sorriso brando, a voz extrema
Ser, bendizendo as Parcas.

À delícia da amizade¹⁴

Que m'importa que os loiros da vitória
Cinjam a testa ao vencedor altivo,
No tempo em que aos aplausos se misturam
Os gritos dos vencidos?

Que em doirada carroça ostentem glória
Os validos do Fado, dando preço
Aos perecíveis dons que ora concede
Ora nega a Fortuna?

Que invejamos, Almeno? Qual bem pode
Medir-se co'as delícias da amizade?
Luzir como os momentos que domina
A sã filosofia?

Nestes humildes tetos que habitamos
Mora Virtude e Paz; seu rosto amável
Não nos mostra o desdém com que se afasta
Dos soberbos palácios.

As suaves Camenas, que só tecem
De loiros imortais dignas capelas,
Co'as pindáricas folhas nos adornam
As frentes e as cabanas¹⁵.

Nas águas puras onde a sede apago
Vejo a cópia dos nossos sentimentos;
Correm sem violência, claras correm
No sequioso prado.

Tudo me alegra, toda a natureza
É pasto dos meus doces pensamentos;
Contigo, Young, Horácio, Márcia¹⁶ e Tirse¹⁷
Habitó o Elísio campo.

Ó seres imortais! No eterno templo
Do divino prazer mais bem s'encontra?
Ou quis benigno o Céu que a terra visse
Parte do bem supremo?

Vulgo insensato¹⁸, que seu preço ignoras,
Leva os olhos profanos a outra parte;
Ah! Não venhas turbar, não, os prazeres
Dos filhos da amizade.

Deus

(imitada de Hoerder)

Tu, de quem me convence o sentimento!
Tu, que existes, ó Deus, na eternidade!
Se pertendo abranger-te, o pensamento
Absorve-me o teu mar d'infinidade.
Único Ser que os orbes senhoreias,
Se contudo a pensar em ti me atrevo,
É nas asas de um sonho que m'elevo,
Acho n'alma confusas as ideias:
Mas da tua existência a fé segura
Levanta-me do pó a imensa altura.

Tu que já existias muito antes
Que Oriente¹⁹ a teus olhos parecesse
Com meros argueiros cintilantes,
Que um sopro teu dum golpe desvanece;
Tu, que os astros dispersas como a neve...
A dar-te um nome a mente não se atreve.
Que nome te darei? Dize-me, aonde
A medida acharei que corresponde
A tanta altura, a tanta imensidade?
Suspensa, ou nos abismos despenhada,
Vou do mundo tocar a extremidade,
Sobre as asas da luz equilibrada.

Vós que sois? Vós, ó mundos chamejantes?
Talvez apenas átomos que ondeiam,
Que vagam pelo sangue escandecido
Deste Universo, que outros mil rodeiam;
Que em lúdricas contendas lá distantes
Se disputam no espaço desmedido:
Bem como, seu destino completando,
Tendo mil sensações impercetíveis,
Exércitos de mundos invisíveis
Nas minhas próprias veias vão lutando.

Onde estou eu? Ó tu, que do alto brilhas,
Dissipa-me a mortal debilidade:
Em torno a mim circula a imensidade,
Em mim contenho imensas maravilhas.

Ó tu, de quem um simples pensamento
Que transborda dos próprios resplendores,
Da plenidão dos orbes é o portento,
Tu me ensina com que arte assim prendeste
Os fuzis da cadeia interminável
Que liga o terreno ser ao ser celeste.

Dessa Árvore da Vida formidável
O cimo chega onde cessa o espaço,
E as raízes, afoitas profundando,
Vão mais longe que angélicas ideias:
Dize quem a plantou? Dize qual braço,
Constantemente as folhas renovando,
Lh'infunde a seiva pelas largas veias?

Tu, meu Canto, rebate o voo altivo;
Cala, emudece. O coração desperta,
Nele fermenta incêndio inda mais vivo,
Mais suave oblação, mais digna oferta.
Desperta, coração; solta os teus brados:
Também Deus te criou, como os mais entes,
No seio dos prodígios alternados;
Tocam-lhe a ele os votos teus ardentes:
(Só a errada vontade é que flutua
Nas ondas empoladas do incerto)
Tu vês o Céu, que narra a glória sua,
As leis profundas, onde é tudo acerto:
Como autor do teu bem submisso o adora,
Qual filho enternecido um Pai implora.

A Filinto²⁰

Ano de 1813

*Non è ver che sia la morte
Il peggior de tutti i mali*

Metastasio

Fui, como tu, Filinto, arremessada,
Pelas ímprobos mãos da Sorte adversa,
Contra os escolhos que num mar de angústias
Acumula a desgraça.

Cerrou, longe de mim, a meiga Dafne²¹
As portas da existência; a luz serena
De seus olhos celestes apagou-se,
Pereceram as Graças.

Estranha terra cobre o Luso Turno,
Que esperdiçaram deslembados Numes,
E a Pátria, que em vaneios despedaça
Santos, fidos Penates.²²

A morte sem cessar, co'a fouce acerba
Exornou-me sem dó; fiquei qual tronco
Que os ventos furiosos desfolharam,
Que tsnaram coriscos.

Foram-me inúteis délficos tesouros,
Que na infância comigo repartiste;
Escasso lume apenas me arde n'alma
Que este incenso te envia.

São, Filinto, relíquias do teu estro
Que me aquecem da lira as dóceis cordas;
São tuas odes mágicas que acordam
A sonolenta Musa.

És tu quem me arrebatas, quem me levas
A encarar nas Olímpicas moradas
C'o Pai da heroica tuba, e excelsos Vates,
Que emulas, ou desbancas.

Contigo vejo erguer do vítreo trono
O agastado Neptuno, e me envergonho
Que inertes no estaleiro os lenhos durmam,
Sem atentar na glória.

Que Chaul, ou Cochim, que tanto sangue
Aos Almeidas custou, farte a cobiça
Do fofo avaro, aurissedento bruto
Que alheia fama apaga.

Mas surge, ó Noite!²³ Plácida refresca
Com teu sombrio e sossegado aspeto
A cálida tristeza que me lavra
O ansiado peito:

Ao Vate ilustre que em teu seio acolhes
Legou Anacreonte a rósea solfa,
Com que Acidália mesma carinhosa
Acalenta Cupido²⁴.

Versos acesos no amoroso fogo,
Versos que ateiam férvido heroísmo,
Versos que põe[m] a lira a par da tuba,
 À fama o recomendam.

Ditosos Coridon, Elpino, Olindo!²⁵
Já sobre vós não pode nada a Morte:
Triunfantes ireis, calcando as eras,
 Sobre as asas do Vate.

Mas Alcipe, a quem pôs nas mãos o plectro!...
Duas vezes à morte submetida
Cessará de viver... é pouco... é nada...
 Mas se esquece a Filinto!

A Francília²⁶

(imitada de Horácio)

Quòd spiro et placeo, si placeo, tuum est.

Horat. Od. 2.^a Lib. 4.^o

Aquela a quem chamaste Irmã de Febo,
E saudaste amorosa,
Não quer cingir a frente de outro louro;
Não inveja a vitória
Que no foro alcançou em Roma Hortênsia;
Não anela o triunfo
Que nos Ístmicos jogos concedia²⁷
A plebe aos vencedores;
Tão-pouco esses aplausos que cercaram
O carro que levava
Corila coroada ao Capitólio:
Meus poéticos sonhos
Docemente entretêm do bosque as sombras,
O gorjeio das aves,
Ou dos pátrios regatos o murmúrio:
Destas brandas origens
Líricos versos nadem, com que alegre
Meus tenebrosos dias.
Mas se tu, ó Francília, me agregares
Ao coro dos Poetas;
Se ao que julgas dá crédito Ulisseia,
Desfalecida a Inveja

Irá desaferrando de meus membros
Os seus ferinos dentes.
Tu, qual Musa divina, é que regulas
As doces consonâncias
Que da cítara minha colhe o Estro;
Tu, que do cisne as vozes
Aos mudos peixes inspirar bem podes:
De ti me vem a glória
De *Cantora imortal* na Lusa terra;
Por ti respiro e agrado,
E, se agrado, de ti tudo procede,
A glória te pertence.

Amor preso pelas Musas

Ode Anacreôntica

As Musas Amor prenderam,
E com cadeias de rosas
Fortemente lhe ligaram
As travessas mãos mimosas.

Vénus, vendo o filho preso
Quis carinhosa, soltá-lo
Mas o preço que ofertava
Nunca pôde resgatá-lo.

Embora o grilhão lhe quebre,
Nem assim o há de soltar
Amor com tais carcereiras
Quer prisioneiro ficar.

Costumado ao jugo amável
Do talento e da verdade,
Julgou o seu cativo
Mais doce que a Liberdade.

Insónia em a noite de 8 de outubro de 1824

Infeliz noite, só te não pareces
Na agitação com a morte taciturna!
Morrer é nada; é mais o que padeço
Nesta noite funesta.

Que multidão de mágoas me repete
Aterrada a penosa fantasia!
Como com ígneos traços me debuxa
O quadro de meus males!...

Esposo, filhos, pais, irmãos que amava,
Que nunca mais verei, com que dureza
Mos mostra a corrupção devoradora
No sepulcro fechados!...

Do parentesco os vínculos suaves,
Os laços deleitosos da amizade,
Em pedaços desfeitos, ou trocados
Pela fria indif'rença!

O Bando dos prazeres carinhosos,
Por acerbos pesares suplantado,
Expulsa-o de meus lares a Tristeza,
Assusta-o minha Sorte.

Aplacai-vos, ó Fúrias, ó Saudades!
Já não cabeis no peito... ou cresci tanto
Que se apague este sopro que alimenta
A minha infeliz vida.

Dos passados instantes mil imagens
Vem funestar de novo o pensamento;
E a dor, que o tempo noutros aniquila,
Em mim se perpetua.

Se ao menos mais ditosa a Pátria visse!
Se as luzes, se as virtudes a adornassem!
Grata o suspiro extremo em paz soltara,
Os Céus o acolheriam.

Pátria, nome sagrado! Com que fúria
Me persegue um cruel pressentimento!...
Quão inúteis lições lhe deu a Sorte,
Terremotos, revoltas!...

Sorveu a terra as torres, os palácios,
Sumiu a morte as gentes a milhares:
Desta lição tão áspera os preceitos
Anulou o descuido.

Das ideias erradas o fermento
Produziu nova série d'infortúnios:
Fomos Francos, Hibernios, só não fomos
Sensatos Portugueses²⁸.

Ah! Se não renascer co'a Pátria a glória,
Se a Ciência e a Justiça inda dormitam,
Se a Moral não desperta, a Indústria acorda,
Ao Nada caminhamos.

À Morte de meu Irmão o Marquês d'Alorna, D. Pedro d'Almeida

(imitada da ode 21.^a do livro 1.^o d'Horácio:

Quis desiderio sit pudor, etc.)

Ano de 1813

Que limite porei à dor, ao luto
Com que tão caro objeto chorar devo?
Ordena o canto, lúgubre Melpomene,
Filha do Deus dos Versos.²⁹

Tu, que teu Pai dotou de voz canora,
Unida à lira harmoniosa, suspira:
Perpétuo sono oprime o heroico Alorna,
Triunfa dele a morte!

Súplica branda não demove o Fado,
Quando uma vez, com a vara inexorável
De Mercúrio, ao rebanho tenebroso
Agrega qualquer alma³⁰

Honra, justiça, irmãos incorruptíveis
Da boa-fé, da nítida verdade,
Onde achareis alguém igual d'Alorna?...
A terra não tem tanto.

Muitas lágrimas esta morte custa!
Nenhumas tão amargas como as minhas:
Em vão devota os Deuses importuno,
Nem tem crédito as preces.

Os Deuses por um tempo nos emprestam
Sobre a terra o que é digno só do Olimpo:
Nas eternas moradas se recolhe,
Desampara os humanos.

Se nas selvas, com cítara suave,
Eu, qual Trácico Orfeu, cantar soubera,
Nem assim voltaria o sangue, a vida
À sombra vã que foge³¹.

Destino fero!... Mas paciência
Aligeira os pesares, os desastres
Que não pode vencer força nem arte,
Que a razão não corrige.

À feliz reconciliação de Portugal e Brasil

*Quia multis et magnis tempestatibus vos cognovi fortes
fidiosque mihi...*

Salustio

Nunca a lisonja mascarada pôde,
Por mais que me acenasse com a fortuna,
Extrair-me da mente uma só rima
Em cortesana gala.

Hoje sobre a minha alma funde o Estro;
Qual guia vigorosa me arrebatava
Ao magnífico alcácer que alumia
A presença de Febo.

Enfio a senda que trilharam Vates,
E em majestoso assento avisto aqueles
Que hoje na terra, em pó, calados jazem
No sepulcral silêncio.

Um se levanta, e grita: «Alcipe!... Alcipe!...
«Toma o laúde, a Pátria afoita aplaude;
«Canta como cantei; alteia as vozes,
«Tanto o assunto demanda.»

A auréola que a egrégia frente lhe orna
Mais brilhante parece, mais realça
O vate, que atrevido Apolo encara,
E altivo assim lhe fala:

«Vales tu, Deus lustroso, o nosso Númen,
«Que com mão paternal do trono emborca
«Sobre os Povos torrentes de sossego,
«Há tanto foragido?...

«Repartiste do Céu o azul domínio
«C'ò teu Faetonte? Acaso em áureo laço,
«Ao teu coração preso, lhe impediste
«Precipitada queda?

«Os teus raios acaso, competindo,
«Na minha atenção, co'a Providência,
«Depositam nas mãos do filho um sólio?
«Domam feroz discórdia?³²

Espavorida aos antros se retira
«Essa filha do caos; brama, espuma,
«Enquanto vem guiando horas ditosas
«Afortunados dias;

«Dias de paz, cercados dos sorrisos
«Com que as Graças decoram a Abundância;
«Em que, sem deslustrar-se a dignidade,
«Se afortunam Impérios.

«Do mar, vedado à Indústria, se abre a porta;
«Da Fluminense praia varre ambages
«Astuta a Sapiência, e a dextra augusta
«Do melhor dos Monarcas³³.

«Quem do futuro o véu levantar pode?
«Quantos bens tem o cofre do Destino
«Ainda aferrolhados? Mas previstos
 «Pelo Pai, pelo Filho!

«Ingratos corações, sufocai sustos:
«A grandeza, a extensão reside em almas:
«Prestai meios de glória a quem vos rege,
 «Vencei as Sirtes d'África.³⁴

«Mora no seio d'espelunca ignota,
«Insondável aos míopes humanos,
«Uma Deusa, que paga heroicos feitos
 «Com prémio imarcescível:

«Seu cortejo são séculos e séculos,
«Heras, que em seus domínios reverdecem;
«Ornam seus aposentos áureos cofres,
 «Cheios de grandes nomes:

«São palmeiras gigantícas que assombam
«O pórtico da entrada: Lusitanos!...
«Com fadigas honrosas apressai-vos
 «A colher os seus ramos.

«Gama, Cabral, zombando de borrascas,
«(Como vós podeis ir) foram colhê-los:
«Vencei Númidas, renovai Palmiras³⁵,
 «Ganhai a Eternidade.»

Notas

1 *Polímnia* (v. 2) era o nome da Musa da Retórica; *Pindos* (v. 3), o Pindo era um dos montes da Grécia consagrado a Apolo e às Musas.

2 «Agrário – meu pai, que estava então preso no forte da Junqueira.» (Nota da autora.)

3 «Aludo à minha cela no convento de Chelas.» (Nota da autora.)

4 [A]s Musas desenvolvem os segredos que Palas traz do cérebro de Jove (v. 20), alusão ao mito do nascimento de Palas/Minerva segundo o qual esta teria nascido do cérebro de Júpiter.

5 «O Doutor Inácio Tamagnini.» (Nota da autora.)

6 «Frei José do Coração de Jesus.» (Nota da autora.)

7 «Feita à noite, na janela do meu quarto, que deitava para um cemitério, em Chelas.» (Nota da autora.)

8 *Numes* (v. 13), o mesmo que deuses.

9 *Cloto* (v. 22 e v. 99), nome da Parca que segura o fio da vida humana.

10 *Láquesis* (v. 29), nome da Parca que segura a roca onde se enrola o fio da vida dos humanos.

11 As voadoras *Horas* (v. 37), segundo a mitologia as Horas eram filhas de Júpiter e de Témis. Chamavam-se Enomia, Dice e Irene.

12 *Átropos* (v. 51 e v. 94), nome da Parca que corta o fio da vida humana.

13 *Bóreas* (v. 54) era o nome dado ao vento do Norte na mitologia (v. nota do soneto 1).

14 «Feita nas horas do silêncio em Chelas.» (Nota da autora.)

15 *Camenas* (v. 17), outra designação para as Musas.

16 «A irmã da autora.» (Nota da edição de 1844.)

17 «D. Teresa de Mello Breyner, condessa do Vimieiro.» (Nota da edição de 1844.) Young (v. 27), trata-se aqui de Edward Young (1683-1765), autor inglês muito lido no século XVIII, especialmente famoso pela obra *Night Thoughts* (1742).

18 «*Odi profanum vulgus, et arceo.* Horac. L. 3.º Od. 1ª » (Nota da edição de 1844.)

19 «A constelação de Orion, uma das maiores do hemisfério boreal.» (Nota da edição de 1844.)

20 «Francisco Manuel do Nascimento.» (Nota da edição de 1844.)

21 «Minha irmã.» (Nota da autora.)

22 «Meu irmão.» (Nota da autora.) [O] *luso Turno* (v. 8), a expressão usada para aludir a D. Pedro de Almeida Portugal, 3.º marquês de Alorna, irmão da autora, foi inspirada pela *Eneida* de Virgílio: Turno era o nome do rei dos rútilos, que enfrentou o exército troiano com os seus guerreiros. *Penates* (v. 11) era a designação dada pelos romanos aos deuses de cada família, a alusão é aqui empregue como sinónimo de antepassados.

23 «Alusão a uma ode belíssima de Filinto.» (Nota da edição de 1844.) Segundo Hernâni Cidade, tratar-se-ia da Ode que começa: «Era noite e Morfeu me tinha em braços», publicada na edição de 1844 da obra completa de Alcipe. (v. marquesa de Alorna, *Poesias*, Edição de Hernâni Cidade, Lisboa, Sá da Costa, 1960, p. 122).

24 *Anacreonte* (v. 41), poeta grego famoso pela beleza e simplicidade das suas odes; *Acidália* (v. 42), outra designação para a deusa Vénus.

25 Três Poetas amigos de Filinto. (Nota da edição de 1844.) Supomos tratar-se do poeta Pedro António Correia Garção (1724-1773), cujo pseudónimo arcádico era Coridon Erimanteu; *Elpino* (v. 48), muito provavelmente tratar-se-á de António Ribeiro dos Santos (1745-1818) cujo nome arcádico era Elpino Duriense; *Olindo*, segundo Teófilo Braga, na *História da Literatura Portuguesa (Os Arcades)*, este seria o pseudónimo de António Araújo de Azevedo, 1.º conde da Barca. A identificação parece plausível, tendo em conta que Filinto Elísio foi secretário do Conde durante a estada deste em Paris.

26 «D. Francisca de Paula Possolo.» (Nota da edição de 1844.) A poetisa Francisca de Paula Possolo da Costa (1783-1838) organizava assembleias em sua casa frequentadas por D. Leonor de Almeida depois do seu regresso do exílio, a partir dos anos de 1815-1816.

27 *Ístmicos jogos* (v. 7), alusão aos jogos em honra de Neptuno que se celebravam no istmo de Corinto.

28 *Hibérmios* (v. 43) era o nome primitivamente dado aos habitantes da Irlanda e da Grã-Bretanha, mais tarde designados genericamen-

te como celtas. Na opinião da autora, os Portugueses procuraram imitar o modo de viver de outros povos (nomeadamente os franceses – Francos – e os ingleses) e as suas ideias políticas, em vez de agir com sensatez de acordo com ideias próprias.

29 *Melpomene* (v. 3) era o nome da Musa da Tragédia, aqui aludida no contexto da morte trágica do irmão da autora em Königsberg.

30 *Mercúrio* (v. 11), filho de Júpiter e de Maia, era o mensageiro dos deuses que também era deus do Comércio e da Eloquência. Uma das suas tarefas era conduzir as almas para o reino dos mortos. É nessa qualidade que a autora o evoca aqui.

31 *Trácio Orfeu* (v. 26), alusão ao mito de Orfeu, que era capaz de dar vida a tudo com o seu canto.

32 (vv. 17-32) A autora alude aqui ao mito de *Apolo e Faetonte* e compara-o com os acontecimentos que levaram à independência do Brasil. Ao contrário de Apolo, que não impediu que Faetonte se precipitasse quando este lhe roubou o carro, em vez de castigar o filho, D. João VI, dividiu generosamente o seu império com D. Pedro. Como consequência, a *Discórdia* (v. 32), que é *filha do caos* (v. 34), vê-se obrigada a retirar-se para os seus antros (v. 34).

33 *A Fluminense praia* (v. 42), alusão ao Rio de Janeiro e ao Brasil. O *melhor dos Monarcas* (v. 44), neste caso a autora parece referir-se a D. João VI.

34 *Pelo Pai, pelo filho!* (v. 48), alusão a D. João VI e a D. Pedro, seu filho, 1.º imperador do Brasil, mais tarde rei de Portugal como D. Pedro IV; *Sirtes d'África* (v. 52) era o nome dado na Antiguidade aos bancos de areias movediças situados no Norte de África. Aqui usado como sinónimo de perigos.

35 *Gama e Cabral* (v. 65), alusão a Vasco da Gama, descobridor do caminho marítimo para a Índia, e a Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil; *Vencei Númidas, renovai Palmiras* (v. 67), alusão a duas cidades conquistadas pelos exércitos de Roma.

Hinos

Hino Matinal

Desperta coração, minha alma, acorda;
Ocupa-te em louvar o Ser dos Seres:
Chama-te a roxa Aurora para veres
As obras que criou o Omnipotente,
Para exaltares dele a mão clemente.

Já por detrás daquele oriental Monte,
Já o esplêndido Sol, já vem subindo:
Os vales orvalhados vão luzindo
Co' a inundação brilhante, que derrama
Sobre eles do Astro belo a ativa chama.

Um vapor nebuloso, lá distante,
Flutua em torno aos Montes levantados;
Cobre o espaço dos lagos sossegados,
Sobe depois aos ares; vai crescendo,
E em nuvens bastas vai-se convertendo.

Meia acordada a bela Natureza
Despe da névoa o manto e docemente
Sorri para a manhã resplandecente,
Que trazida dos ventos vem ba'xando,
E nos floridos prados descansando.

Do seio dos frondosos troncos rompe,
Alegre bando de aves sonoras,
Rasgam do ar as plagas espaçosas,
E da luz o retorno festejando,
Vão concertos harmónicos formando.

Astro do dia! Origem benfazeja
Das bênçãos do Senhor, eu te saúdo!
Qual Serafim celeste, enchendo tudo
De favores, em tudo, por seu mando,
Os teus etéreos raios vens soltando.

De ti decorre, fonte interminável,
O princípio das cores, a luz pura,
Cuja torrente exalça a formosura:
O benigno calor de ti dimana,
E a força que enobrece a vida humana.

É de ti, como em trono manifesto,
Que alguns raios do Altíssimo disparam;
Do globo opaco as forças se reparam,
Abrilhanta-se o rio, as flores coram,
Orna-se a terra, os seres se vigoram.

Àquele Deus, que só completar podem
As celestes essências reverentes,
As frescas flores, realçando as frentes,
Os mais doces perfumes lhe dedicam,
E a seu modo também o magnificam.

Com ténues asas, sussurrando alegres,
Mil insetos aqui e ali volteiam;
O matutino orvalho saboreiam,
Giram brincando, e bem que tudo ignoram,
As leis do Criador seguem, adoram.

Que doces vem da abóbada azulada,
Dentre as folhas das árvores frondosas,
As cantigas das aves deleitosas!
A alegria, que os papos lhes dilata,
Em concetos suaves se desata.

Extasiadas formam seus gorjeios;
Monótono assobio uma ali solta
Com que o eco afinado acorda, e volta,
Quando estoutra desfecha da garganta
As modulações várias com que encanta.

Quem louvarão, senão quem tudo pode?
Tua bondade sentem, bem que entregues
Ao sentir só, meu Deus! E que tu negues,
Às almas brutas, asas que as levante
De tua essência à ideia relevante!

Tu, porém, ó minha alma, o Senhor louva,
Que asas te deu potentes que te lançam
Sobre tudo o que existe, e Deus alcançam
Em si mesmo; e amoroso te destina
À sociedade angélica, divina.

Se mal as tuas forças correspondem
C'ò ardor de teus desejos, balbucia
Seus louvores, enquanto alta harmonia
E dos filhos da Luz vozes sagradas
Ressoam nas esferas encantadas.

Bendito sejas pois, que me acordaste
Para vir contemplar do novo dia
As cenas variadas de alegria!
Que me deste vigor que me conforte,
Com o sono, que é símbolo da morte.

S'inda vem os meus olhos tuas obras,
S'inda escuto a voz doce da amizade;
Se meu corpo inda tem capacidade
Para servir minha alma, e que esta absorpta
Te louva, e com teu nome os ares corta;

Tua bondade, Eterno! é que o permite:
Minha existência, força, movimentos
Cumpram sempre fiéis teus mandamentos;
E no Livro da Vida resplandeça,
Junto a meus dias, este que começa.

Abençoadas horas fugitivas,
Para onde vais? À Eternidade?
Já vem chegando aquela da Verdade;
Sem a sentir minha alma, flutuando,
Vossa mansa corrente a vai levando.

Quão breves são as horas que vivemos!
Quantas se passam, quantas! sem gozarmos,
Sem sacrifícios puros consagrarmos
A nosso Pai celeste, e despedida
Corre sem ações nobres nossa vida!

Possa do tempo a rápida carreira
Lembrar-me como a morte já me assalta;
Mostrar-me o pouco tempo que me falta
Para dispor-me a entrar com santidade
Nos domínios da vasta Eternidade!

Comunique importância a minhas obras
Tão grande pensamento; encha-me a mente
De compunção sublime e permanente;
Dê prudência às empresas de meus dias,
E santifique as minhas alegrias.

Da perfeição da minha natureza
Meus desejos aumente; e a intensidade
Aqueça em mim o amor da humanidade:
Dome a paixão que mais me desatina,
E m'impede viver vida divina.

Pai dos Anjos e homens, bem conheces
O labirinto bárbaro e intrincado
Onde vago, e onde é tudo rodeado
De atrativos funestos e perigo:
Senhor! Não me abandones, vem comigo.

Não posso um passo dar se não me assistes,
Se a tua mão piedosa me não guia:
Não sei seguir-te, não, qual te seguia,
Filho do Eterno, o teu Discíp'lo amado;
Ou, Madalena absorta, ir a teu lado.

Consolador Espírito Divino!
Fonte de sapiência e de verdade!
Desce em minh'alma, desce por piedade:
Quando enfraqueço, vem reanimar-me;
Quando erro, conter-me, ou castigar-me.

Quando a malícia humana me revolta,
E que alheio rancor me tiraniza,
A minha alma indignada tranquiliza:
Espírito de paz, faze que acerte,
E a cólera em sossego me converte.

Se uma ofensa me fazem, põe-me à vista
Do puro Amor a imagem sanguinosa,
Salvando a raça ingrata e criminosa:
Troca-me da vingança os movimentos
Em suaves e ternos sentimentos.

Se o sopro da soberba, tenebroso,
Vier entumecer meu fraco peito,
Serena deste vento o louco efeito;
Mostra-me o lodo vil, o pó, o nada
De que a minha existência foi tirada.

Quando as Sereias do deleite venham
Com seus cânticos doces desgarrar-me,
Espírito Celeste! Vem lembrar-me
Que os gostos curtos são, se os não achamos,
E, em fonte além da morte, os não buscamos.

Distribuidor dos bens! Faze que eu seja
Nula para os prestígios da vaidade,
Imóvel a ameaças da maldade:
Que me atreva entre gente depravada
A ser justa, constante, moderada.

Une-me ao teu querer, sem pejo ou susto
De que segui-lo cause o meu destroço:
Que posso desejar, que temer posso
Se Anjos me guardam, Céus é que me esperam,
E os meios d'alcançá-los se me deram?...

Cheia de confiança e de sossego,
Espero quanto houveres resolvido;
Pois sabes o infortúnio mais subido
Trocar em bem, e vai sempre segura
Nas tuas mãos a débil criatura.

Por entre este deserto árido e seco
Cedo vou terminar minha viagem:
Outros tempos virão de que a passagem
Não se mede por períodos solares,
Por meses, dias, horas regulares.

Séculos de delícia como instantes
Irão correndo, isentos de saudade:
Outros virão de igual felicidade,
Cheios de Deus, e prémios da esperança,
Todos fartos de bem-aventurança.

A Apolo

Numen, pai da Medicina,
Quando assomas no oriente
Vem confortar com teus raios
O meu ânimo doente.

Queixe-se embora
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero¹

Tempere um bálsamo puro
Que serene os meus pesares,
Teu calor que anima as plantas,
E que purifica os ares.

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero

Triunfa da minha dor,
Cria-me um dia contente,
Tu que nas praias de Delos
Venceste a iníqua serpente².

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero

Tu não podes, santo Numen,
Curar o meu mal interno,
Se a lira me não concedes
Que já triunfou do Averno³.

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero

Dá-me esse plectro divino,
Dá-me, ó Deus, as áureas setas,
Irei dos tartáreos sítios
Romper as vedadas metas.

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero.

Com mais fruto afrontarei
Os domínios da Agonia,
Os caminhos já trilhados
Pelo trácio Vate um dia⁴.

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero

Não busco a fraca Euridice;
Sulcando as avérneas ondas,
Trarei comigo quem tinha
O valor de Epaminondas⁵.

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero.

Se Ajax se opuser, se Aquiles,
Porque um rival encontraram,
Lembre-te, ó Deus, que esses Gregos
Os teus muros arrasaram⁶.

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero

Imporei silêncio às sombras;
Esses heróis arrogantes
Temerão mesmo no inferno
O destino dos Gigantes⁷.

Queixe-se embora,
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero

Ouve-me, escuta-me, ó Numen,
Justifica a Medicina;
Dá-me, ó Deus, o que te peço,
Do descanso é filha Higina.

Queixe-se embora
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero.

Notas

1 *Numen* (v. 1), o mesmo que deus; *Plutão* (vv. 6, 14, 22, 30, 38, 46, 54, 62, 70 e 78), deus dos infernos; *Cerberos* (vv. 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64, 72 e 80) era o nome do cão de três cabeças que guardava a entrada do Inferno a quem Orfeu fez adormecer com a suavidade da música que tocou na sua lira.

2 [*N*]as *praias de Delos* *venceste iníqua serpente* (v. 20), alusão a Píton, serpente de tamanho descomunal nascida do limo da terra que foi morta por Apolo.

3 *Averno* (v. 28), modo alegórico de designar o Inferno.

4 Orfeu. (*Nota da edição de 1844.*) Orfeu que desceu aos Infernos para ir buscar *Eurídice*, sua mulher.

5 O conde d'Oeynhausen, marido da autora (*nota da edição de 1844*); a autora imagina a possibilidade de ir aos infernos resgatar seu marido falecido, a quem atribuiu o *valor de Epaminondas* (v. 52), ou seja, a coragem e a visão estratégia do general que mudou o destino da Grécia com as suas reformas de alcance político e militar.

6 *Ajax* e *Aquiles* (v. 57), alusão a dois dos mais célebres heróis da guerra de Troia.

7 O *destino dos Gigantes* (v. 68), os gigantes foram fulminados por Júpiter por terem tentado escalar o céu.

Elegias

Contra as minhas Canções

Solta os loiros cabelos pensativa¹,
Tristíssima Elegia; solta o pranto,
Que tens para chorar mágoa excessiva.

Não teças sobre a lira eterno canto;
Tristes ais, tristes vozes, triste acento
Comigo exala, pois que a voz levanto.

Das Heliades lúgubre lamento
Menos funesto escute o triste Prado
Do que oiça o Tejo a voz do meu tormento².

Quem me diria, ó tempo malogrado!
Que havia com horror de ver dispersos
Meus números, tecidos com cuidado?

Que a doce melodia dos meus versos
Havia interromper um pranto amargo
Que lavasse os escritos meus diversos?

Quem dissera que a lira duro encargo
Que as Musas me pusessem fosse ainda,
E objeto de meu choro, tempo largo?

Em vão com seus loureiros Délio brinda
Meu ânimo contrito, em vão me chama
Alegre sobre o Pindo, Erato linda³.

Olhando com horror a antiga flama,
Entre as mãos consternada escondo o rosto,
Que sobre o peito lágrimas derrama:

Mas Amor, observando o meu desgosto,
Amor, que eu já detesto, Amor nefando,
Também chorando está a um lado oposto.

Dali profere: «Alcipe (soluçando)
«Sofre ao menos que arranque de teu peito
«As farpas que deixaste ir encravando:

«Sofre que eu cure o mal que tenho feito;
«Não quero, Alcipe dócil, magoar-te;
«Tu provarás contente o brando efeito.»

Ai, Cupido! Quem pode acreditar-te?
Deixa-me, fero Amor, monstro indomável,
(Lhe torno) que é forçoso abandonar-te.

Essa venda, essa aljava inexorável,
Que de meus versos foi doce motivo,
Pasto seja do fogo insaciável.

No seio deste Vale, enquanto eu vivo,
Nunca soe nas cordas prateadas
Mais que o som que da crua dor derivou.

Falem roucas, de lágrimas banhadas,
Emudeçam, se tanto quer a Sorte,
‘Té que as horas me ponham fatigadas
Sobre o gelado altar da fria morte.

À morte de S. A. R. o Príncipe D. José

Qual dos Deuses impôs este tributo
À Lusitânia, que eles tanto amaram?
Quais são os nossos votos? Qual o fruto?

Já de Afonso as virtudes não bastaram,
Já de João pendeu a Lusa gente,
E nem por isso as Parcas vacilaram⁴.

Tu, que na idade mais resplandecente,
Gentil Teodósio⁵, o Flegetonte viste,
Tu preparaste o passo ao mal presente.

Porque tão cedo, ó Príncipe, fugiste,
Calcando o ceptro, as lanças, os arneses,
Apagar-te do Letes n'água triste?⁶

Até quando, infelizes Portugueses,
Se há de ocupar a Musa enternecida
Deste assunto, chorado tantas vezes?

Mas que nuvem lá rompe denegrída?...
Que trovão lá rebenta estrepitoso?...
Eis-me, ó Parca! — mas poupa aquela vida.

Ai de nós!... É José, brando, piedoso,⁷
Com quem se mostra o Céu inexorável!...
Ó morte! Ó morte! Ó golpe rigoroso!

Gela o terror o Povo inconsolável,
Cede o silêncio ao lúgubre alarido,
E os Céus atroa um eco lamentável.

Qual d'Epidauro o templo fementido
Afoito arrasaria, se pudera⁸;
Qual co'a morte lutara embravecido.

O pesar em excessos degenera;
Contra tudo e com todos s'enfurece
A dor viva, que leis não considera.

Eu, que n'alma a esperança mèsmorece,
Dos meus próprios desastres nada vejo;
Só vejo a Mãe e a Esposa que padece⁹.

Um caduceu benigno só desejo¹⁰;
E o poder d'aplar-lhe acerbos penas
É dos cargos honrosos quanto invejo.

Mas tu, dura etiqueta, tu condenas
Quanto inspira a suave humanidade,
Sem alterar as condições terrenas.

Geme a lisonja, geme a sã verdade;
Uns e outros gemidos equivocas,
Confundes o interesse co'a piedade.

Em meus olhos verás lágrimas poucas,
Que não sei dissolver nesses chuveiros
Pesares grandes, que em ligeiros trocas.

Bradem lá os ruidosos lisonjeiros,
Que eu junto a minha voz à voz do povo,
E misturo os meus ais c'os verdadeiros.

Levanto as mãos aos Céus, Príncipe novo;
E para consolar a Pátria aflita,
A apagada esperança lhe renovo,
Pois vejo em ti o que ela necessita.

Notas

1 «Respondo à crítica com a elegia de Ovídio na morte de Tibulo.» (Nota da autora.)

2 *Helíades* (v. 7) eram as três irmãs de Faetonte, filhas de Climene e do Sol, Faitusa, Lampécia e Lampetusa. Ficaram inconsoláveis depois da morte do irmão, pelo que os deuses as transformaram em álamos.

3 *Délio brinda com seus loureiros* (v. 19). Apolo, causador da transformação de Dafne em loureiro, concede a coroa de louros que consagra o talento poético; *Pindo* (v. 21) era o nome de um dos montes da Grécia consagrado a Apolo e às Musas; *Erato* (v. 21) era o nome da Musa da poesia lírica.

4 A autora recorda aqui os nomes de príncipes herdeiros que morreram antes de subir ao trono: *Afonso* (v. 4) alude muito provavelmente ao príncipe D. Afonso (1475-1491), único filho de D. João II e da rainha D. Leonor, que morreu inesperadamente na sequência de uma queda de cavalo; *João* (v. 5) parece tratar-se de uma alusão ao príncipe D. João Manuel, filho de D. João III e de D. Catarina de Áustria, último sobrevivente varão dos filhos do casal, que morreu antes de seu pai, pouco depois de se casar com a princesa D. Joana de Habsburgo, deixando-a grávida de D. Sebastião.

5 «Filho d'el-Rei D. João IV.» (Nota da edição de 1844.) Também D. Teodósio era visto como uma esperança da monarquia devido às suas qualidades, mas morreu prematuramente, não chegando a ocupar o trono. *Flegetonte* (v. 8) era o nome de um dos rios do Inferno.

6 *Letes* (v. 12) era o nome de um rio do mundo dos mortos cujas águas causavam o esquecimento em quem delas bebia.

7 O príncipe D. José (1761-1788) era o príncipe da Beira, primogénito de D. Maria I e de D. Pedro III, era visto como uma esperança para a monarquia pelos grupos de intelectuais e políticos iluminados da sociedade portuguesa. A sua morte foi especialmente trágica pelo facto de não ter tido filhos.

8 *Templo d'Epidauro* (v. 25) era um tempo dedicado a Esculápio, deus da medicina capaz de ressuscitar os mortos, que Júpiter fulminou por ter ressuscitado Hipólito.

9 *A Mãe e a Esposa* (v. 33), alusão à rainha D. Maria I e à mulher do príncipe, que também era tia deste, a princesa D. Maria Francisca Benedita (1746-1829).

10 *Caduceu* (v. 34) era a varinha de Mercúrio que lhe foi oferecida por Apolo. Guarnecida por duas serpentes, era encarada como símbolo da paz.

Idílios

Quando, pela moléstia de peito que então sofria,
me desenganaram de que não tinha remédio
enquanto estivesse em Chelas, e havia inteira
impossibilidade para mudar de sítio

Cordeiros meus, que em tempo mais ditoso
Fazíeis a delícia dos meus dias,
Escutai os gemidos lastimosos
Com que Lília nas bordas do sepulcro
Vos envia um adeus, com que saudade!

Passou ligeiro o tempo em que contentes
No mais alto do monte, consagrado
Aos cânticos das Musas, felizmente
Vos nutríeis de um pasto que regava
A fresca Aurora co'a porção mais pura
Do pranto que dedica ao filho amado;
Gostáveis um licor sacro e sublime,
Que a alma inflama dos cândidos Pastores,
E os obriga a cantar suavemente
Seus amores nas flautas sonoras¹.

Que pacíficos gostos eu lograva!
(Oh milagres de Délio!) quando apenas
Da minha pobre avena, mansamente
Os inocentes colos estendendo,
Sentir parecíeis vós esse meu canto,
Parecíeis aplaudir os meus acentos,
Em que a Amor perdoava as travessuras
Com que afligia os míseros pastores!²

Outras vezes, que a Amor chamei tirano,
Que só cantei as graças da inocência,
Com que pressa, Cordeiros, me cercáveis,
E co'a paz que meus versos inspiravam
Entre os braços do sono vos perdíeis!
Ó memória suave, onde me levas!...
Tais como as densas nuvens que no inverno
As estrelas aos olhos vão roubando,
A distância me faz ver esse tempo,
Ditoso, mas perdido, ir já cedendo
Ao tirano poder do esquecimento.

Neste vale cruel, onde a desgraça
Ordena que termine os tristes dias,
Escuto só os ventos rugidores
Arrancando da terra os verdes freixos,
Que abrigavam co'as frondosas ramas
Comigo a terna Márcia, a cara Tirse.
O rebanho de Agrário pelos montes
Somente deixa ouvir tristes balidos,
Disperso, quasi extinto! Com que pena
Meus olhos tal objeto consideram!...³

No espaço imenso dos passados séc'los,
Com passos apressados se sepulta
O tempo, que não cessa. A horrenda morte
Com que aspeto a meus olhos (tristes olhos!)
Os descarnados ossos apresenta!
Levanta com furor a enorme foice,
(Que susto!... Ó Céus, valei-me!...) que pendente
Vejo sobre a cabeça... mostra irada...
O voraz apetite com que espera
Fazer presa em meus dias brevemente!

Cordeiros, minha doce companhia,
Com quem já reparti os meus prazeres:
Quando da morte o lívido semblante
Vos mostrar com horror minha figura,
E não puder a mão trémula e fria,
Sustentar por mais tempo o meu cajado,
(Que jamais vos serviu para castigo;
Que à fonte vos guiava, que ao redil
Vos levou tantas vezes ao descanso)
Ah! Não deixeis que algum Pastor profano
À minha Tirse o roube: a minha lira
Nele deixo pendente de um grilhão
Que o maligno Cupido, na cabana
Da mesma Tirse amada, subtilmente
Me trocou pela minha liberdade.

Nos versos meus, que eu confiei dos troncos,
Deixo a fúnebre história dos meus males:
Não consentais que o musgo, o tempo, a sorte
A memória sepultem do que eu sinto,
Antes que os claros olhos do meu Nume
Derramem, quando os lerem, terno pranto;
E que à memória da constante Lília
Pague Amor os extremos que lhe deve.

Ah! Possa a mão de Tirse inda algum dia
Ao querido Pastor, ao Pai amado,
Com os dons que lhe restam, de uma filha
Compensar os suspiros que hoje exala!

Oh! feliz sorte a vossa, triste a minha!
Cordeiros inocentes, que aos desastres
Insensíveis viveis, que da saudade
Não provais a violência, o golpe amargo;
Não sofreis o poder fero e tirano
Deste duro farpão, que rasga o peito,
Monstro que a alma devora sem piedade:
Ficai sempre felices, sempre alegres,
Que eu, sem ver os objetos que adorava,
Acabo... ó Céus!... meus dias... na amargura!...

Ao vale de Chelas

Contigo agora fale
A minha dor aguda, ó triste Vale!
Escuta-me, arvoredos,
Claro e plácido rio,
Côncava rocha, ermo que sombrio
Prestas habitação ao escuro medo:
A ti arguo, pois que em tuas grutas
As mágoas despiedadas
Contra mim resolutas
Eu vejo conjuradas:
A ti, onde aprendi a chorar tanto
Que em rios, fontes, se me torna o pranto...

Vi nestas claras águas,
Junto às quais me guiavam minhas mágoas,
Vi pela vez primeira no meu rosto
As tristes mostras do fatal desgosto:
Junto daquele ulmeiro
Exalei de meus ais o ai primeiro.

Que vos fiz, triste Vale? Como agora,
Menos agreste sendo aos mais Pastores,
Somente és tão cruel co'êsta Pastora?
Se eles cantam de amores, eu de amores
Também posso cantar:

(Mas que digo? Se amor para meu peito
Somente dá motivo a suspirar!)

Vamos, de novo jeito

Tempere a minha lira

O doce Amor, que junto a mim suspira:

Mas ah!... que em vão procuro a suavidade

D'amorosa cantiga!

Não há frase que a dor cruel não siga,

Que não seja de mágoa e de saudade.

A ti, que o puro sol nega a luz clara,

Que a formosa manhã se mostra avara;

Tu, que no escuro centro ouves apenas

Dos pássaros noturnos triste canto,

De Pastores aflitos terno pranto,

E de Alcipe infeliz as duras penas:

Por mais suave e manso murmúrio

Que formem tuas águas, por mimosas

Que entre os florentes lírios nasçam rosas,

Tu não és digno, não vale sombrio,

De que o raio da cândida alegria

A luz te dê que te recusa o dia.

Ó Vale! Uma igual sorte nos condena,
Tu a viver nas sombras, eu na pena!
Mas tua natureza
A sorte não altera:
Minha sorte, que alegre bem pudera
Fazer-me um dia, dá-me só tristeza.
Tu, cercam-te esses troncos que criaste;
Vês renascer em cada primavera
Tudo, sem que uma folha o tempo gaste
Que a renovar não torne o que perdera:
Tranquilas murmurando as águas correm;
Se as flores débeis facilmente morrem,
Um dia novo novas flores traz,
Que adorno do teu campo alegre faz:
Não te assassina a dor que me assassina:
Infeliz eu, ditosa esta campina!...
Eu solitária e triste vivo aonde
Tudo quanto desejo se me esconde...
O dano que em meu peito fez abrigo,
Vem sempre, adonde quer que eu vou, comigo.
Bem que a variedade me atormente,
Nem de feliz mudança
O mau fado invejoso me consente
Ao menos passageira uma esperança:
Este meu coração é destinado
Ao tormento de Tício, e a cada um dano
Renasce por ser doutro devorado,
De modo, se é possível, mais tirano⁴.

Multidões de suspiros de meu peito
Me arranca a dor, com doloroso efeito;
Bem que mil vezes a alma se divida,
Para afligir-me permanece a vida.
Meus olhos, que do pranto estão cansados,
Na tristeza retratam os meus fados;
E entregues à cruel melancolia,
Estremecem de ver a luz do dia.

Ó Vale, ó triste Vale! Tu me escuta!
Contigo viverei: dá-me uma gruta
Tão triste, tão escura, que os pastores,
As feras, os ligeiros passarinhos,
Cabanas, covas, e os mimosos ninhos
Ponham lá mui distantes na espessura.

Notas

1 *O pranto que Aurora dedica ao filho amado* (vv. 10-11).

2 *Délio* (v. 17), uma das designações de Apolo; *avena* (v. 18), flauta pastoril. Alegoricamente, designa a poesia pastoril.

3 *Márcia e Tirse* (v. 40), designações convencionadas para D. Maria Rita de Almeida Portugal, que viria a ser condessa da Ribeira Grande, irmã da autora, e para D. Teresa de Melo Breyner, amiga da família e visita assídua das senhoras Alornas durante o período de encerramento em Chelas; o *rebanho de Agrário* (v. 41), Agrário era a designação convencionada usada para referir o pai da autora, D. João de Almeida Portugal, 2.º marquês de Alorna. A autora faz aqui alusão aos bens da família, desbaratados durante a permanência no cativeiro.

4 *O tormento de Tício* (v. 70), alusão ao castigo eterno dado a Tício por Júpiter (v. nota ao soneto 11).

Apólogos

O Pirlampo e o Sapo

Lustroso um astro volante
Rompeu das humildes relvas:
Com seu voo rutilante
Alegrava à noite as selvas.

Mas de vizinho terreno
Saiu de uma cova um Sapo,
E despediu-lhe um sopapo
Que o ensopou em veneno.

Ao morrer exclama o triste:
«Que tens tu de que me acuses?
«Que crime em meu seio existe?»
Respondeu-lhe: «Porque luzes?»

O Pintassilgo e o Rouxinol

Um Pintassilgo imprudente
Desviou-se do seu ninho,
E nem um só grão d'arpista
Encontrou pelo caminho.

Pela fome conduzido
Entrou num bosque sombrio
Onde retinia ao longe
De um Rouxinol o assobio.

Ao doce cantor das selvas
Voou afoito, e lhe disse,
Se tinha grão de sobejo
Que com ele repartisse.

«Tenho (respondeu polido,
O músico das florestas),
Tenho grão, e sei cantigas;
Terás dele, escuta estas.»

Começou logo a cantar;
Cantou 'té que amanheceu,
E entretanto o Pintassilgo
Foi definhando, e morreu¹.

A pena e o tinteiro

Uma pena, presumida
D'escrever grandes sentenças,
Falava das suas obras
Tão sublimes como extensas.

«Sem mim», disse ela ao tinteiro,
«Pouca figura farias:
Cheio de um licor imundo,
Sem mim, triste, que serias?»

O tinteiro injuriado
Vazou logo a tinta fora,
E voltou-se para a pena
Dizendo-lhe: «Escreve agora».

Assim responde aos ingratos
Muitas vezes a razão:
Muita gente há como a pena,
Como o tinteiro outros são.

O Cuco e o Rouxinol

Disse um Cuco, ponderado,
A um Rouxinol, certo dia:
«O meu canto é regulado,
Tem compasso e melodia.

São estas regras do canto
Dignas de grande atenção:
Ouve, Rouxinol, talvez
Que te aproveite a lição.»

Espanejou-se o cantor,
E em duas notas iguais
Vomitou do triste papo
Cucu, Cucu, nada mais.

A Filomela sorrindo
Respondeu numa volata,
E em torrentes d'harmonia
Sufocou a voz ingrata.

Quando um quadrúpede triste,
Pelas orelhas famoso,
Começa a cantar tão alto
Que atroa o bosque frondoso,

O Rouxinol coitadinho
Nem mais pôde abrir o bico:
Eu também num caso destes
Nem me pico, nem despico.

O Leão e a Raposa

Meu Senhor! (disse a Raposa,
Falando um dia ao Leão)
Eu não sou mexeriqueira,
Mas calar-me é sem razão.

Sabe que mais? Anda um Burro
Aqui por toda a cidade
A dizer mil insolências
Contra Vossa Majestade.

Ele diz, que não percebe
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandeza
Desses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é força,
E que é pouca habilidade
Quando vence facilmente
Ostentar heroicidade.

Calou-se um pouco o Leão,
E depois, sorrindo, disse:
«Qu'importa o que diz um asno?
Enfadar-se é parvoíce.»

Nota

1 «Este apólogo foi feito em casa de uma senhora que também fazia versos, e tinha a vantagem de ser casada com um Ministro d'Estado.» (*Nota da autora.*) Supomos tratar-se de D. Catarina Micaela de Lencastre, viscondessa de Balsemão (1749-1824), mulher do ministro Luís Pinto de Sousa (1735-1804).

Epigramas

Traduzido de Marcial

Atravessando as ondas empoladas
Buscava audaz Leandro a amante linda,
E assim falava às ondas irritadas:
«Deixai-me lá chegar, matai-me à vinda.»

A um Pregador insípido

Este pregador famoso
Põe-nos em contradição:
— Vigiai — diz a Escritura,
E — durma — diz o sermão.

Se acaso a febre de amor
Fosse como a das sezões,
Que vergonhas no intervalo,
Teriam os corações!...

Sobre um castigo excessivo

Dos teus estudos sublimes
Os mestres negar não podes;
Euclides em Geometria,
Em Jurisprudência Herodes.

(Epigrama ao n.º 16 da *Besta Esfolada*¹)

Do Apocalipse a Besta é quem escreve.
Façam-lhe cruces, ninguém tenha medo.
O que lemos aqui nos dá certeza
De que o Diabo aspire a ser Macedo.

À un soi disant médecin qui m'accusait d'être
savante

Tu m'accuses, Docteur, le crime est beau!
J'ai du savoir, ce mal vaut bien un autre;
Blâmez, criez, je garde mon défaut,
Et fais serment que ce n'est pas le votre².

Notas

1 *A Besta Esfolada* foi um periódico panfletário fundado e publicado por José Agostinho de Macedo (1761-1831) entre 1828 e 1831.

2 Tradução do francês de Fernando Mascarenhas, 12.º marquês de Fronteira e Alorna:

Acusas-me, Doutor, o crime é belo!

Tenho saber, há males bem piores;

Criticai, gritai, não deixo o meu defeito,

E juro que o meu mal não é o vosso.

Sextilhas

A D. José Manuel da Câmara, que então se achava no Rio de Janeiro, donde me comunicou que o Príncipe D. Pedro gostava da Poesia

Com pensamento e vontade
Fui da Fócida às campinas¹,
Ver se a minha adversidade
Domam as Musas divinas;
Ou se afogam a saudade
As torrentes Cabalinas.²

Inútil esforço é este!
Acho-me dentro em Lisboa,
Aonde o fogo celeste
Arde sim, porém magoa:
Nada é bom, por mais que preste,
E até Homero destoa.

Onde acolher-me, Camiro?³
Qual recanto sobre a terra,
Qual pacífico retiro
Me há de livrar desta guerra?
Lá onde moras infiro
Que o sossego e paz se encerra.

Pois deixo o Parnaso; e creio
Que as Camenas avisadas
No Brasil com mais asseio
Fixaram suas moradas;
E que adornam com recreio
Frentes que hão de ser c'roadas.

Outrora da lira ufanas,
Contentes da branda avena,
No Liceu ou nas cabanas⁴
Soltavam a cantilena:
Junto ao sólio, soberanas,
Novas leis Febo lhe ordena.

Quer que as Irmãs que trajavam
Gregas alfaias se adornem
Como dantes se adornavam
As Virtudes; que não tornem
A morar onde moravam,
E que régios lares ornem.

Quer que os tesouros que tinham
Derramem nessas florestas,
Pois que tão-pouco avizinham
D'Europa as plagas infestas,
Onde monstros esquadrinham
Somente cousas funestas.

Novo e gentil Hierofante⁵,
Em nobre templo elevado,
Com diadema radiante
Presida ao rito sagrado;
Pois seu canto altisonante
Inda pode mais que o Fado.

Graças, Musas virtuosas
Lhe ofertem nossa esperança
Para as canções sonoras:
Feliz quem a dor amansa!
Quem das pálpebras chorasas
Enxugar o pranto alcança!

Acima de tudo eleva
Sapiência, ingenho, e arte:
Esse volátil que leva
Os nomes a toda a parte
Sobre tábua d'ouro escreva
Pedro, Dinis e Duarte.

Quando este pregão ditoso
Realçar a Poesia,
No Tártaro tenebroso⁶
Gemerá a aleivosia,
E culto respeitoso
Terão as leis da harmonia.

Enquanto, desentoadada,
A turba das rãs grasnando
Faz no seu lodo morada,
Irão os Cisnes voando,
Sobre a terra afortunada
Seus áureos sons espalhando.

Quando me penhoraram injustamente
todos os meus bens

À Fortuna

Fortuna, que me persegues!
Pequeno triunfo tens;
Eu desejo só vontades,
Tu disputas-me vinténs:
Basta-me o que me deixares
Quando tudo me lebares.

Basta-me esta alma que tenho,
Constante como os penedos;
Bastam-me as águas das fontes,
E a sombra dos arvoredos:
Ponho-me ao fresco no Estio,
E aqueito-me andando ao frio.

Basta-me o Sol, que não podes
Apagar; e à noite a Lua:
Se me tirares a casa,
Irei dormir para a rua:
Sopa, não me dá cuidado,
Tem muitas plantas o prado.

Se o teu rigor se estendesse
A tirar-me o meu tinteiro,
Escreveria nos troncos,
Com um prego, este letreiro:
«Vim ao mundo sem camisa,
Ninguém morrendo a precisa.»

Notas

1 *Fócida* (v. 2) era o nome do lugar da Grécia onde se erguia o monte Parnaso, dedicado a Apolo e às Musas.

2 As torrentes *Cabalinas* (v. 6), a autora alude aqui às águas da fonte Cabalina, consagrada às Musas, que tinha a sua nascente no monte Helicon.

3 *Camiro* (v. 13) era o nome do fundador da cidade do mesmo nome, situada em Rodes. Segundo o mito, seria filho de Iole e de Hércules.

4 *Liceu* (v. 27) era o nome de um monte da Arcádia consagrado a Zeus e a Pã.

5 *Hierofante* (v. 43) era a designação dos sacerdotes atenienses, encarregados dos sacrifícios (v. nota à epístola 46).

6 *Pedro, Dinis e Duarte* (v. 60), a autora parece evocar aqui nomes de reis portugueses célebres pela sua dedicação às letras, como D. Dinis e D. Duarte, que coloca junto do nome do futuro imperador do Brasil uma vez que lhe comunicaram que este gostava de poesia. *Tártaro* (v. 63), lugar dos infernos reservado aos suplícios.

Cantigas

À Liberdade

1

Filha do Céu,
Tu Liberdade,
Para que foges
Com impiedade?

2

Nos altos montes,
Rudes outeiros,
Tens, Ninfa, os templos
Mais verdadeiros.

3

Teus Sacerdotes,
Deusa tirana,
Nunca os escolhes
Da raça humana.

4

Lá sobre as nuvens
Formas altas
Que os habitantes
Cercam dos ares.

5

Ligeiras aves
Vês com agrado,
Só elas chegam
Junto ao teu lado.

6

Livres no campo
Os passarinhos
Formam nos troncos
Seus tenros ninhos.

7

Com muito custo
Pobre serrana
No campo erige
Uma cabana.

8

Se a cantar branda
Vai Filomela,
A Liberdade
Canta com ela.

9

Mas se um Pastor
Segui-la intenta,
A Liberdade
Logo afugenta.

10

Duros grillhões
Depois arrasta,
Oh, com que mágoas
A vida gasta!

11

A Liberdade
Guia as canções,
Se as aves cantam
Suas paixões.

12

Cantam de amores
Toda a ternura,
Todas encontram
Nisto doçura.

13

Mas se as Pastoras
De amores cantam,
Logo os Pastores
De amor s'espantam.

14

Vós suspirando,
Vós explicais
A doce causa
Dos vossos ais.

15

Quantas saudades
Tenho eu sofrido,
Sem que exalasse
Um só gemido!

16

Cantai felizes,
Aves, cantai,
De bens tão doces
Livres gozai.

17

Triste não posso
Já cantar mais,
Que o canto embargam
Meus tristes ais.

18

Ide contentes
Vós passarinhos,
A paz saudar
Nos vossos ninhos;

19

Que eu na cabana
Triste onde moro
Esconder vou
Pranto que choro.

Razão, por piedade esconde
O que eu dentro d'alma sinto;
Se amor se mostra em meus lábios
Faze crer que sempre minto.

Não quero que hoje a verdade
Se oponha às leis da razão;
Triunfe a modéstia austera,
Gema embora o coração.

Não acenda um só suspiro
Chama que devo apagar;
Siga-se à dor silêncio,
Vencer é saber calar.

Quantos males evitara
Esse incauto Prometeu,
Se na férula escondido
Ficasse o fogo do Céu!...¹

Empresa infeliz

Com certa pena, arrancada
Das asas do Deus de Amor,
Descrevi em verso ardente
Dos suspiros o calor.

Roubou-me Alfido o papel,
E no seu peito o escondeu;
Mas o incêndio era tão grande
Que mal lhe tocou, ardeu.

Frágil ventura a de Amor!
Infeliz de quem suspira!
Se assim se converte em cinza,
Em fumo, o que Amor inspira!

Dúvida

Logo que Armínio aparece²
Ergo os olhos com temor,
Quero falar-lhe, não posso;
Será isso acaso amor?

Quando fala não percebo
Que haja um som de voz melhor,
Mais graça, mais elegância;
Será isso acaso amor?

Se entre aquelas que eu estimo
Fala alguma a seu favor,
Desconfio, tenho raiva;
Será isso acaso amor?

Se ele se vai, não encontro
Em nada chiste, ou sabor;
Nem céu nem terra me agrada;
Será isso acaso amor?

Se ostenta co'as outras belas
Ar polido, e sedutor,
Forcejo por lhe ter ódio;
Será isso acaso amor?

Ciúmes

Cruel Amor, tu que sabes
Rasgar com flechas meu peito,
Tira a venda dos teus olhos,
Põe-me sobre os meus com jeito.

Deixa-me ver a figura
D'Armínio continuamente,
Mas cega-me logo, apenas
Armínio for delinquente.

Quando pintado em seu rosto
Triunfa o doce prazer,
Quando me aperta em seus braços,
Brando Amor, deixa-me ver.

Mas se à vista de outro objeto
Acaso o deleite esfria,
De que me serve ter olhos?...
Apaga-me a luz do dia.

Não é de maiores luzes
Que a minha alma necessita;
Não quero saber por quê
Quando vê Sílvia se agita.

De que serve o ver pintada
No seu rosto a inquietação
Se chega o Correio ou parte?
Aperta-me a venda então.

Sem esta cautela, Amor,
Nulos os prazeres são;
Creio pouco nos sentidos
Se me foge o coração.

Ao pincel com que a autora fez o retrato
de Armínio

Pincel, celestes pincel,
De Amor divina invenção!
Tu és certamente feito
Da felpa do coração.

Se o coração fosse calvo
Não havia tal pincel,
Nem com que Amor debuxasse
Uma imagem tão fiel.

Serás tu feito talvez
Dos bigodes de Cupido?
Certamente Amor imberbe
Fera menos atrevido.

Mas que digo? Quanto dista
A ficção da realidade!
O meu pincel só é feito
Dos estames da saudade.

Amor e Ciúme

Dois irmãos gerou a terra
De carácter mui diverso;
Um encanta, outro atormenta,
Ambos regem o universo.

Uma venda, um facho aceso
Que atrai tudo cò esplendor,
É quanto possui um deles;
É lindo, e chama-se Amor.

Descorado, carrancudo,
Ardendo em sulfúreo lume,
Corações rói o segundo,
Chama-se o feio Ciúme.

Enquanto Amor inocente
Faz trono do coração,
Tudo é ventura entre os homens;
Mas esta não dura, não:

Pois toda a delícia cessa
Se avista o irmão cruel:
Ciúme é Caim de Amor,
E Amor morre como Abel.

Cuidado³

Se os passos movo, que faço?
Ando quanto tenho andado:
Em que círculo penoso
Me fazes lidar, Cuidado?

Deixa-me ir por outra estrada,
Ver se alguma paz alcanço;
Não me invejes inquieto
Um momento de descanso.

Não sei se devo fugir-te,
Se entregar-me sem defesa:
Cuidado, fatal Cuidado,
Põe termo a tanta incerteza.

Se me não deixas, tirano,
Ser feliz como preciso;
Se me estragas a ventura,
Sequer poupa-me o juízo.

O Vale⁴

Meu coração fatigado,
E mesmo até da esperança,
Com súplicas importunas
O Destino já não cansa.

Vale, onde a infância passava
Sem me aperceber da sorte,
Dá-me asilo por uns dias,
Para esperar pela morte.

Eis essa estreita vereda
Que ao recluso Vale traz:
Eis o bosque, que me cobre
De sombras, silêncio e paz

Dois regatos escondidos
Entre berços de verdura,
Vão serpeando perder-se,
Sem nome, nesta espessura.

A fonte destes meus dias
Também assim tem corrido;
Esgota-se mansamente,
Sem regresso nem ruído.

Como a criança que embla
Do canto a monotonia,
C'ò murmúrio das águas
A minha alma adormecia.

De um verde muro cercada,
E um limitado horizonte,
Ah! Como então me bastava
Ver os Céus, e ouvir a fonte!

Muito vi, senti; na vida
Tudo já me sobejava:
Só do Letes o sossego
Nestes ermos invejava ⁵.

Sítios belos, convertei-vos
Nesses onde tudo esquece:
O esquecimento agora
Só ventura me parece.

Ao clima d'Inglaterra

Bárbaro clima,
Que escolhe a sorte
Para que a morte
Reine sem dó.

A terra perde
A vida, a cor,
Perde o vigor,
E gela só.

Saraiva espessa
Torpor espalha,
Tudo amortalha
A neve só.

Expulsa a fome
Do brando ninho
O passarinho,
E acha-se só.

Se salta a um ramo,
Frio novelo
Que forma o gelo
Encontra só.

Se ao ninho torna,
O gelo o fecha,
E em vão se queixa
O pardal só.

Sem grão, sem ninho,
De frio morre;
Se a alguém recorre
Ninguém tem dó.

Imitada de Anacreonte⁶

À sombra de uma roseira
Dormia Amor sossegado:
De rosas ávida vespa
Picou o menino alado.

Estremecido e choroso,
Sem saber o que era ainda,
Torce as mãos, grita, e procura
O colo de Vénus linda.

— «Uma serpente com asas
Me mordeu, estou perdido!
Eu morro, querida mãe!»
Soluçando, diz Cupido.

— «Sossega, responde Vénus;
Essa terrível serpente
O vulgo lhe chama vespa,
É um inseto inocente.

«Mas pensa, se essa picada
Te causa tal sensação,
Que farão as tuas setas
Cravadas no coração?...»

Imitação livre de uma cantiga inglesa
de Mrs. Opie

Bem que tão longo e terno amor nos ata,
Separar-nos dever altivo ordena:
Mas se lavra teu peito angústia e pena,
Dor mais acerba, mais cruel me mata.

É mudo o meu pesar — o teu discorre;
O depósito triste tocar temo:
Tu buscas gente — eu solitária gemo;
Chorar não sei — porém teu pranto corre.

Por mais votos que a tua boca faça,
Na minha alma o tormento é mais durável:
Rápida vai torrente vadeável,
Sombrio e lento um vasto rio passa.

Notas

1 *Prometeu* (vv. 14-16), alusão ao mito de Prometeu, que roubou o fogo do Céu e foi castigado por Júpiter a um castigo eterno.

2 *Armínio* (v. 1), designação convencional dada pela autora a seu marido, o conde de Oeynhausen.

3 «Imitada de Goethe.» (*Nota da edição de 1844.*)

4 «Imitada de Lamartine» (*Nota da edição de 1844.*)

5 *Letes* (v. 31), rio do mundo dos mortos cujas águas causavam o esquecimento a quem delas bebia.

6 (*Nota da edição de 1844.*)

Cantigas de mote e glosa

Mote

De Manuel Maria Barbosa du Bocage

*Para Amor todos são crentes,
Ateus não há para Amor.*

Glosa d'Alcipe

Tirano Amor, quando mentes,
Quando as almas atraíças,
As razões sempre são boas,
Para Amor todos são crentes:
 Os suspiros mais ardentes
Finges, divino impostor;
Seu veneno encantador
Convém tanto ao peito humano,
Que adoram todos o engano,
Ateus não há para Amor.

Mote alheio

*Quem criou o coração
Deve ser centro de amor*

Glosa improvisada

Luz brilhante da razão,
Presente do Autor dos Céus,
Tu declaras que foi Deus
Quem criou o coração:
Se os nossos suspiros vão
Às paixões dar só calor,
Distantes do seu Autor
Insultam a natureza;
Pois só de Deus a beleza
Deve ser centro de amor.

Pensamentos

Quando a tirania excede
Os limites do tormento,
Impõe lei à voz, ao gesto,
Encadeia o pensamento.

Mas este, batendo as asas,
Voleja sobre as cadeias,
E vinga-se da baixeza
Co'a elevação das ideias.

A propósito da minha paráfrase dos Salmos

Nesta língua tão doce se eu pudesse
Ler como leu Arator¹ os seus versos,
A convicção dos Povos poderia
Ganhar os corações extraviados;
E o raio que acendeu o estro exímio
Do Rei profeta, refletindo em almas,
Tornara em anjos os tenazes ímpios.

Desfalece o espírito se busca
Ir além da matéria indagar Entes;
Mas a matéria mesma lhe revela
O Deus que em própria glória se concentra.
Ah! Como se apercebe a Divindade
Nos prodígios imensos que observamos!
Por toda a parte se acha, abraça tudo,
Bem como a luz do Sol tudo alumia;
O seu calor em tudo se difunde,
Tudo vigora, anima, desenvolve;
E não há criatura que não sinta
Da sua atividade a ação benigna:
Sol das Inteligências, só Deus mostra
Tudo quanto além vai da mente humana.

Sem Deus cessa a esperança, chega a morte,
Assalta o susto, as ilusões fenecem,
Luta a incerteza cõ o ânimo turbado;
O Nada é seu refúgio, treme, e morre,
Cercado dos fantasmas horrorosos
Com que os crimes prometem mágoa eterna.

À Natureza

Manifesta porção da Omnipotência,
Natureza! Das leis sistema egrégio
Com que Deus determina o ser às coisas,
E os Entes se sucedem:

Tu não és ser, mas és potência viva,
Que tudo abraça; e bem que tudo animas,
Ao Ser dos Seres és subordinada,
Ele te dá o impulso.

Nota

1 «O Papa Virgílio mandou ler em público o poema d'Arator em quatro cantos: o mesmo autor o leu, e fizeram-no repetir tantas vezes que durou muitos dias a leitura, com maravilhoso efeito.» *(Nota da autora.)*

Índices

Índice onomástico

A

Afonso, príncipe D., 222

Albuquerque, Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque, 168

Alceu, 156

Alorna, D. Leonor de Távora Lorena e Lencastre, 2.^a marquesa
de, 11, 12, 59, 87, 89, 90, 125, 127, 141, 174, 186, 195, 200,
221, 231, 236

Anacreonte, 185, 293

Andrade, Gomes Freire de, general, 91

Arator, 306, 309

Aristipo, 159, 169

Azevedo, António Augusto de, 1.^o conde da Barca (Olindo),
186, 200

B

Belisário, 142

Beresford, William, 90

Bluteau, Rafael, 127, 165

Bonaparte, Napoleão, 169

Breyner, Teresa de Melo, condessa do Vimieiro (Tirse), 180, 200,
233, 234, 239

C

- Cabral, Pedro Álvares, 201
Câmara, D. José Manuel da, 265
Camões, Luís de, 87
Catarina, D., de Áustria, 225
César, 156
Cidade, Hernâni, 200
Cipião, 156, 169
Clesse, Isabel, 135, 165, 166
Corina, 116
Costa, Francisca de Paula Possolo da (Francília), 189, 202

D

- Descartes, René, 148, 167
Despréaux, Nicolas Boileau, 133, 165
Dinis, D., 89, 267, 271
Duarte, D., 267, 271

E

- Elísio, Filinto (Francisco Manuel do Nascimento), 115, 139, 140,
166, 184, 185, 186, 200
Elmano (Manuel Maria Barbosa du Bocage), 143, 144, 167, 297, 299
Euclides, 257

F

- Fabrício, 156

G

- Gama, Vasco da, 201
Garção, Pedro António Correia (Coridon Erimanteu), 186, 200
Goethe, Johann Wolfgang von, 299

H

- Herodes, 257
Homero, 265

Horácio, 83, 174, 180, 187

Hortênsia, 187

J

Joana de Habsburgo, D., 225

João Manuel, príncipe D., 225

João II, D., 225

João III, D., 225

João IV, D., 225

João VI, D., 201

Jonnes, Inigo, 149, 168

Jesus, José do Coração de, frei, 174, 199

José, príncipe D., 222, 223, 226

José I, D., 58, 89

K

Kant, Immanuel, 163, 169

L

Lamartine, 299

Lencastre, Catarina Micaela de Sousa, 1.^a viscondessa de Balse-
mão (Natércia), 131, 251

Leonor, D., rainha, 225

Lineu, Carl, 154

Lucano, 142, 166

M

Macedo, José Agostinho de, 169, 259, 261

Márcia (D. Maria de Almeida Portugal, condessa da Ribeira
Grande) (Dafne), 59, 87, 125, 127, 180, 184, 200, 239

Marcial, 255

Maria I, D., 71, 90, 223, 226

Maria II, D., 76

Maria Francisca Benedita, D., 223, 226

Mascarenhas, Fernando José Fernandes, D., 12.º marquês de
Fronteira, 261
Mascarenhas, D. Manuel (conde de Sabugal), 167
Melo, Sebastião José de Carvalho e, 1.º marquês de Pombal,
89, 139

N

Newton, Isaac, 148, 167

O

Oeynhausen, Karl-August (conde de Oeynhausen) (Armínio), 127,
214, 215, 280, 285, 299
Oeynhausen, Juliana, D., 168
Oeynhausen, Maria Regina de, 127
Oeynhausen, Mário Carlos Agrícola, 127
Opie, Amelia, 295
Othon, Roscio, 169
Ovídio, 144, 225

P

Palladio, Andrea, 168
Pastorini, 73, 91
Pato Moniz, Nuno Álvares Pereira, 169
Pedro, D. (príncipe de Portugal, 1.º imperador do Brasil), 74,
201, 226, 265, 267, 271
Pedro III, D., 226
Petrarca, Francesco, 87, 90, 104, 109, 117
Platão, 174
Portugal, D. Pedro de Almeida, 3.º marquês de Alorna (Piério),
60, 88, 193, 200, 201
Portugal, D. João de Almeida, 2.º marquês de Alorna (Agrário),
173, 199, 239

R

Robertson, Eugene Guillermo, 69, 89

S

Safo, 88, 105, 107

Saldanha, Aires (Aires José Maria de Saldanha e Albuquerque

Coutinho Matos e Noronha, 2.º conde da Ega), 153, 168

Salústio, 195

Santos, António Ribeiro dos (Elpino Duriense), 186, 200

Sebastião, D., 225

Sejano, 142

Séneca, 142, 166

Sócrates, 73, 142, 166, 169, 174

Sólon, 142

Soult, marechal, 90

Sousa, Luís Pinto de, 251

Stephens, Guilherme, 68, 89

T

Tamagnini, Inácio (Alceste), 133, 165, 199

Teodósio, príncipe D., 225

Terceira, 1.º duque da (António José Manuel de Meneses Severim
de Noronha), 90

Tíbulo, 101, 116, 225

Topa, Francisco, 165

Trasíbulo, 71, 90

V

Vejánio, 169

Vieira, P.º António, 87

Virgílio, papa, 307

Virgílio, 142, 167, 200

Y

Young, Edward, 180, 200

Índice de poemas do período de Chelas

Sonetos

- 52 As horas voadoras vão trazendo
51 Bem como se perturba a clara fonte
55 Bem pode sobre o cândido Oriente
63 Como, importuno Amor, inda procuras
56 Como posso explicar em brando verso
47 Deitei-me sobre a fresca relva um dia
60 Do teimoso desgosto a mão nefanda
59 Escassamente o sol já se mostrava
54 Esperanças de um bem tão contingente
53 Esperanças dum vão contentamento
48 Eu cantarei um dia da tristeza
61 Ninguém afoga Amor n'água salgada
67 Nunca manchei com vil lisonja o plectro
50 Retratar a tristeza em vão procura
57 Se aqui neste lugar me figurassem
71 Trasíbulo ganhou fama imortal
70 Trigueira e bela a noite iluminava
49 Tu, Deusa tutelar da solidão
58 Um moribundo esforço, um fraco alento

Canções

- 101 Abre um som, terna flauta, como aquele
108 Claras águas, de que ouço o murmúrio
98 Escutai-me, altos muros pavorosos
95 Pensamentos, nasci, que Apolo o manda
105 Se descrever ao menos eu pudesse

Epístolas

- 133 Alceste, sábio Alceste, revolvendo
135 Injuriado Pai, que me injurias
139 Quando será, Filinto, que este canto

Odes

- 173 Espírito que rompes leve os ares
179 Que m'importa que os loiros da vitória
175 Voai, votos sinceros, votos puros

Elegias

- 219 Solta os loiros cabelos pensativa

Idílios

- 231 Cordeiros meus, que em tempo mais ditoso
235 Contigo agora fale

Cantigas

- 275 Filha do Céu

Índice de poemas posteriores ao período de Chelas

Sonetos

- 75 Abre-se o Céu. G[omes] triunfante
72 Corte! Sítio vedado ao sentimento
74 Crespas as águas, taciturno o Tejo
69 Deu nome às águas Ícaro morrendo
81 Este ser que me deu a Natureza
78 Fecunda Natureza, em vão procura
84 Flagelo do infeliz proprietário!
86 Folhas de louro, e algumas bagas pecas
68 Heróis famosos, gente generosa
66 Ideias minhas, multidão de ideias
73 Lusitânia querida! Se não choro
83 Não sei para que vivo se a ventura
82 Não tem havido mal que eu não suporte
62 Não vejo, não respiro, escuto ou penso
77 Nas alturas do Pindo se juntavam
85 Ninfa gentil, não penses que em Citera
67 Nunca manchei com vil lisonja o plectro
76 Pedro quarto, o Herói, nos aparece
64 Que procurais de mim, tristes cuidados?
80 Se a dar-vos morte, Ó Deus! um só pecado

- 79 Se me aparto de ti, Deus de bondade
65 Tempo, que a mão benigna pões nas chagas

Canções

- 111 De teus golpes cuidei que as pisaduras

Cantata

- 123 Aquele outeiro sombrio

Epístolas

- 145 Como sopra do Oeste rijo vento!
131 Deixa-te disso, amiga, não me pregues
143 Desgostosa de um mundo espedaçado
153 Enganas-te; não posso tanto, tanto
158 Tu, que da Musa minha adolescente

Odes

- 187 Aquela a quem chamaste Irmã de Febo
189 As Musas Amor prenderam
184 Fui, como tu, Filinto, arremessada
190 Infeliz noite, só te não pareces
195 Nunca a lisonja mascarada pôde
193 Que limite porei à dor, ao luto
181 Tu, de quem me convence o sentimento!

Hinos

- 205 Desperta coração, minha alma, acorda
212 Numen, pai da Medicina

Elegias

- 222 Qual dos Deuses impôs este tributo

Apólogos

- 247 Disse um Cuco, ponderado
243 Lustroso um astro volante

249 Meu Senhor! (disse a Raposa)

242 Um Pintassilgo imprudente

246 Uma pena, presumida

Epigramas

255 Atravessando as ondas empoladas

259 Do Apocalipse a Besta é quem escreve

258 Dos teus estudos sublimes

256 Este pregador famoso

257 Se acaso a febre de amor

260 Tu m'accuses, Docteur, le crime est beau!

Sextilhas

265 Com pensamento e vontade

268 Fortuna, que me persegues!

Cantigas

293 À sombra de uma roseira

291 Bárbaro clima

295 Bem que tão longo e terno amor nos ata

280 Com certa pena, arrancada

283 Cruel Amor, tu que sabes

286 Dois irmãos gerou a terra

281 Logo que Armínio aparece

289 Meu coração fatigado

285 Pincel, celeste pincel

279 Razão, por piedade esconde

288 Se os passos movo, que faço?

Cantigas de mote e glosa

301 *Para Amor todos são crentes*

302 *Quem criou o coração*

Pensamentos

309 Desfalece o espírito se busca

310 Manifesta porção da Omnipotência
306 Nesta língua tão doce se eu pudesse
307 Quando a tirania excede

Índice de primeiros versos

- 293 À sombra de uma roseira
75 Abre-se o Céu. G[omes] triunfante
133 Alceste, sábio Alceste, revolvendo
187 Aquela a quem chamaste Irmã de Febo
123 Aquele outeiro sombrio
52 As horas voadoras vão trazendo
189 As Musas Amor prenderam
255 Atravessando as ondas empoladas
291 Bárbaro clima,
51 Bem como se perturba a clara fonte
55 Bem pode sobre o cândido Oriente
295 Bem que tão longo e terno amor nos ata
108 Claras águas, de que ouço o murmúrio
280 Com certa pena, arrancada
265 Com pensamento e vontade
63 Como, importuno Amor, inda procuras
56 Como posso explicar em brando verso
145 Como sopra do Oeste rijo vento!
235 Contigo agora fale
231 Cordeiros meus, que em tempo mais ditoso
72 Corte! Sítio vedado ao sentimento

74 Crespas as águas, taciturno o Tejo
283 Cruel Amor, tu que sabes
111 De teus golpes cuidei que as pisaduras
131 Deixa-te disso, amiga, não me pregues
309 Desfalece o espírito se busca
143 Desgostosa de um mundo espedaçado
205 Desperta coração, minha alma, acorda
286 Dois irmãos gerou a terra
69 Deu nome às águas Ícaro morrendo
247 Disse um Cuco, ponderado
259 Do Apocalipse a Besta é quem escreve
60 Do teimoso desgosto a mão nefanda
153 Enganas-te; não posso tanto, tanto
59 Escassamente o sol já se mostrava
98 Escutai-me, altos muros pavorosos
54 Esperanças de um bem tão contingente
53 Esperanças dum vão contentamento
173 Espírito que rompes leve os ares
256 Este pregador famoso
81 Este ser que me deu a Natureza
48 Eu cantarei um dia da tristeza
78 Fecunda Natureza, em vão procura
275 Filha do Céu
84 Flagelo do infeliz proprietário!
24 Folhas de louro, e algumas bagas pecas
268 Fortuna, que me persegues!
184 Fui, como tu, Filinto, arremessada
68 Heróis famosos, gente generosa
66 Ideias minhas, multidão de ideias
190 Infeliz noite, só te não pareces
135 Injuriado Pai, que me injurias
281 Logo que Armínio aparece
73 Lusitânia querida! Se não choro
243 Lustroso um astro volante
310 Manifesta porção da Onnipotência

- 289 Meu coração fatigado
249 Meu Senhor! (disse a Raposa)
83 Não sei para que vivo se a ventura
82 Não tem havido mal que eu não suporte
62 Não vejo, não respiro, escuto ou penso
77 Nas alturas do Pindo se juntavam
85 Ninfa gentil, não penses que em Citera
61 Ninguém afoga Amor n'água salgada
212 Numen, pai da Medicina
195 Nunca a lisonja mascarada pôde
67 Nunca manchei com vil lisonja o plectro
301 *Para Amor todos são crentes*
76 Pedro quarto, o Herói, nos aparece
95 Pensamentos, nacei, que Apolo o manda
285 Pincel, celeste pincel
222 Qual dos Deuses impôs este tributo
139 Quando será, Filinto, que este canto
193 Que limite porei à dor, ao luto
179 Que m'importa que os loiros da vitória
64 Que procurais de mim, tristes cuidados?
302 *Quem criou o coração*
279 Razão, por piedade esconde
50 Retratar a tristeza em vão procura
80 Se a dar-vos morte, ó Deus! um só pecado
257 Se acaso a febre de amor
57 Se aqui neste lugar me figurassem
105 Se descrever ao menos eu pudesse
79 Se me aparto de ti, Deus de bondade
288 Se os passos movo, que faço?
219 Solta os loiros cabelos pensativa
65 Tempo! que a mão benigna pões nas chagas
71 Trasíbulo ganhou fama imortal
70 Trigueira e bela a noite iluminava
181 Tu, de quem me convence o sentimento!
49 Tu, Deusa tutelar da solidão

260 Tu m'accuses, Docteur, le crime est beau!
158 Tu, que da Musa minha adolescente
58 Um moribundo esforço, um fraco alento
244 Um Pintassilgo imprudente
246 Uma pena, presumida
175 Voai, votos sinceros, votos puros

Índice geral

- 7 **Nota prévia**
- 11 **Introdução**
- 31 **Nota biobibliográfica**

Obras Poéticas

Antologia

- 45 **Sonetos**
- 93 **Canções**
- 121 **Cantata**
- 129 **Epístolas**
- 171 **Odes**
- 203 **Hinos**
- 217 **Elegias**
- 229 **Idílios**
- 241 **Apólogos**
- 253 **Epigramas**
- 263 **Sextilhas**
- 273 **Cantigas**

299 Cantigas de mote e glosa

305 Pensamentos

Índices

315 Índice onomástico

321 Índice de poemas do período de Chelas

323 Índice de poemas posteriores ao período de Chelas

327 Índice de primeiros versos

Carlos Reis

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO

A **Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa** propõe-se disponibilizar a um público vasto e diversificado um conjunto alargado de títulos que, pela sua importância, podem ser considerados o cânone da literatura portuguesa.

JÁ PUBLICADOS:

- Camilo Pessanha, *Clepsidra*
- Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*
- Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

A PUBLICAR:

- Almeida Garrett, *Camões*
- Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*
- Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*
- Almada Negreiros, *Nome de Guerra*
- Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*
- Camilo Castelo Branco, *Vinte Horas de Liteira*

Design
Henrique Cayatte
com **Susana Cruz**

Fontes tipográficas

Títulos
Acta | Dino dos Santos | 2010 © DType
Neutraface | Richard Neutra / Christina Schwartz | 2007 © House Industries
Texto
Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Papel
Coral Book Ivory 90 g

Impressão e acabamento
Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Marquesa de Alorna

1750-1839

Com nome próprio Leonor de Almeida de Portugal Lorena e Lencastre, aquela que é conhecida literariamente como marquesa de Alorna (e também pelo nome arcádico Alcipe) foi uma das mulheres mais cultas, inquietas e ativas da nossa história cultural, num tempo em que a intervenção feminina na vida literária era rara. Proviinda de uma família aristocrática, a marquesa de Alorna viu-se, desde muito cedo, atingida pelos efeitos de episódios políticos (designadamente a perseguição pombalina aos Távoras) que sobre ela e sobre a sua família fizeram recair atos de repressão. Encerrada no Convento de Chelas aos 8 anos, ali veio a adquirir uma extensa e variada formação nos campos literário, filosófico e histórico. Por casamento com o conde de Oeynhausen pôde viajar e intensificar contactos culturais. O seu conhecimento dos mais importantes escritores europeus, em particular os da segunda metade do século XVIII, habilitou-a a um papel de difusora, em Portugal, de tendências e de gostos que ajudaram a fazer a passagem do Neoclassicismo para o Romantismo. Autora de uma obra que, no seu tempo, ficou limitada a círculos restritos, a marquesa de Alorna legou à posteridade uma vasta produção poética que só postumamente foi publicada

Vanda Anastácio

Vanda Anastácio é professora associada da Faculdade de Letras de Lisboa. Estudou e editou vários autores portugueses dos séculos XVI a XVIII, designadamente Pêro de Andrade Caminha, Camões, o Cavaleiro de Oliveira, Joaquim Bingre e marquesa de Alorna, escritora a quem consagrou vários ensaios..

Marquesa de Alorna

OBRAS POÉTICAS

Esta antologia da poesia da marquesa de Alorna atesta a relevância de uma personalidade que escreveu na passagem do século XVIII para o século XIX, um período muito fértil em mutações culturais, em inovações estéticas e em incidentes sociais. Em parte por isso e também por ser mulher, não foi fácil, para a marquesa de Alorna, afirmar a sua presença na nossa cena cultural. Trata-se de alguém que muito escreveu, traduziu, viajou, conheceu e dialogou com importantes personalidades do seu tempo; para além disso, coube-lhe passar o testemunho de uma atividade literária intensa a quem veio depois. A isso mesmo referiram-se Alexandre Herculano, Castilho e Camilo Castelo Branco, todos reconhecendo na marquesa de Alorna uma figura que, ao longo da sua extensa vida (morreu com quase 89 anos), acabou por ter um destaque que a posteridade tardou em confirmar. Só depois da morte da escritora apareceram, em seis volumes publicados em 1844 pela Imprensa Nacional, as *Obras Poéticas* da marquesa de Alorna.

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

ISBN 978-972-27-2362-6



9 789722 723626